



TRILHAS DO BRASIL

**Manual de Estruturação e
Promoção Turística das
Trilhas de Longo Curso**



TRILHAS DO BRASIL

**Manual de Estruturação e
Promoção Turística das
Trilhas de Longo Curso**

2022, Ministério do Turismo

Esta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida na íntegra, desde que citados o autor e a obra.

Coordenação e Execução
Ministério do Turismo

1ª edição
Distribuição gratuita
Disponível no portal eletrônico www.gov.br/turismo

Ministério do Turismo
Esplanada dos Ministérios, Bloco U, 2º andar, 70.065-900, Brasília-DF

FICHA CATALOGRÁFICA

Brasil. Ministério do Turismo.
Trilhas do Brasil: Manual de Estruturação e Promoção Turística das Trilhas de Longo Curso / Brasil. Ministério do Turismo. Brasília-DF, 2022.

128 p.

1.Turismo 2.Trilhas de Longo Curso 3.Governança 4.Sinalização e Manejo 5.Segurança
6.Produto Turístico

FICHA TÉCNICA

Ministério do Turismo – Mtur

Carlos Brito – Ministro do Turismo

Charles Roberto Martins da Silva - Secretário-Executivo

Fabio Augusto Oliveira Pinheiro - Secretário Nacional de Desenvolvimento e Competitividade do Turismo

Nicole Ferreira Facuri - Diretora de Inteligência Mercadológica e Competitividade do Turismo

Tatiana Petra - Coordenadora-Geral de Produtos Turísticos

Fabiana de Melo Oliveira - Coordenadora de Posicionamento de Produtos

Pauliane Martins Bandeira - Coordenadora do PRODOC

Ministério do Meio Ambiente – MMA

Daiane Daniele Santos Rocha - Diretora do Departamento de Concessões – Secretária de Áreas Protegidas

Viviane Maria Andrezjwski - Gerente de Projeto

Marco Aurélio Belmont Figueira - Analista Ambiental

Maria Mônica Guedes de Moraes - Analista Ambiental

Pablo Ramos Andrade Villanueva - Analista Ambiental

Instituto Chico Mendes para Conservação da Biodiversidade – ICMBio

Allan Crema - Analista Ambiental

Bernardo Issa - Analista Ambiental

Iasmina Freire - Analista Ambiental

Paulo Faria - Analista Ambiental

Roberta Barbosa - Coordenadora de Planejamento, Estruturação da Visitação e Ecoturismo

Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo – Embratur

Alisson Andrade - Departamento de Marketing, Inteligência e Comunicação

Gentil Venâncio – Coordenador da Gerência de Promoção Internacional do Turismo de Natureza

Maressa Faria – Analista da Gerência de Promoção Internacional do Turismo de Natureza

Associação Brasileira de Trilhas de Longo Curso - REDE

Hugo de Castro- Presidente

Erick Xavier- Secretário-Geral

Pedro da Cunha e Menezes- Diretor de Comunicação

Júlio Meyer- Diretor de Trilhas Nacionais

Luciano Souza - Diretor de RPPNs

Camilha Bassi – Diretora de Rotas Peregrinas

Angelice Raquel Motter Manzino - Diretora para o Rio Grande do Sul

Rose Faria-Diretora para o Caminho dos Goyazes

FICHA TÉCNICA

PLANTUC – Projetos Socioambientais

Mateus Frechiani Romanha – Coordenação Geral

Raoni Araújo Ferreira – Coordenação Executiva

Vitor Marcos Aguiar de Moura – Consultor especialista

Luciana de Resende Alt – Consultor especialista

Débora Andréia Neves Lemos - Bióloga

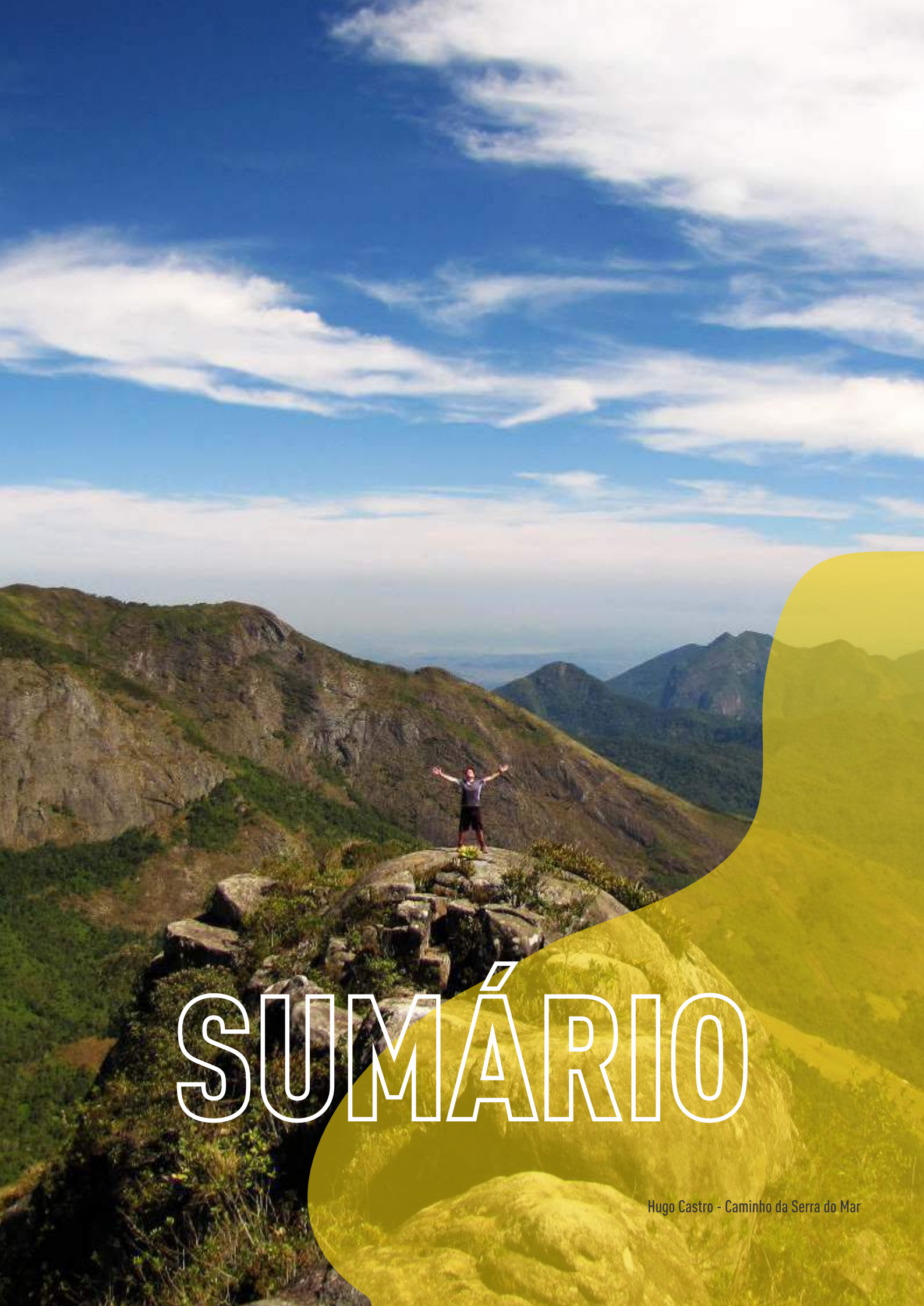
Anita Cristina Cardoso Magalhães – Comunicação e marketing

Eulene Barbosa Hemétrio Gomes – Comunicação e marketing

Cindra Juliana Alves Gomes - Projeto gráfico /design

Lucas Lima F. Padoan - Analista

Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito do Projeto 914BRZ4024 - PROMOÇÃO DO TURISMO, PATRIMÔNIO E ECONOMIA CRIATIVA, para elaboração de Manual com orientações para apoiar a criação, a estruturação e a promoção de Trilhas de Longo Curso no Brasil. As indicações de nomes e a apresentação desta publicação não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites. As ideias e opiniões expressas neste Manual são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.



SUMÁRIO

Hugo Castro - Caminho da Serra do Mar

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO	11
Surgem as trilhas de longo curso modernas	11
O conceito de rede	12
Trilhas com milhares de quilômetros	14
Multimodalidade	15
A trilha é o próprio atrativo e o usuário faz o traçado	16
Trilhas de longo curso no Brasil	16
Marcos legais	17
Por que fazer parte da Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade – RedeTrilhas?	18
COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO	20
Conceitos e definições	21
Passo 1: Definir a vocação e o propósito da sua trilha	25
Passo 2: Criar e estruturar o traçado da trilha	26
Identificar trilhas e caminhos existentes	26
Buscar conectividade com trilhas da sua região e de outras regiões	27
Escolher o traçado sempre privilegiando espaços naturais vegetados	29
Trilhas, biodiversidade, áreas naturais protegidas e remanescentes	30
Passo 3: Desenvolver a sinalização e o manejo da trilha	31
Sinalização	31
Importância da sinalização padronizada	31
Sinalizações adotadas em trilhas internacionais e nacionais	34
Cuidados com o patrimônio natural e cultural	37
Manejo de trilhas	39
Importância do manejo nas trilhas de longo curso	39
Boas práticas internacionais e nacionais em sinalização e manejo de trilhas	42
Planejando e executando a sinalização e manejo da trilha - Roteiro de ações	45
Passo 4: Estabelecer parceria com os proprietários privados e órgãos gestores	50
Passo 5: Conhecer e cumprir as normas de segurança	53
COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS	57
Passo 6: Formatar o produto turístico trilha de longo curso	58
Vocação, propósito, conceito, identidade e narrativa como ponto de partida	58
O perfil da demanda e a jornada de experiência do usuário	61

Boas práticas internacionais e nacionais em formatação de produtos turísticos _	65
Mapeamento da oferta – o que vamos oferecer no percurso? _____	66
Serviços de apoio ao turista _____	72
Produção associada ao turismo _____	76
Boas práticas internacionais e nacionais de serviços de apoio ao turista e produção associada ao turismo _____	82
Passo 7: Posicionar e promover o produto trilha de longo curso _____	85
Posicionamento no mercado turístico e presença digital _____	85
Comunicação e engajamento _____	89
Boas práticas internacionais e nacionais de comunicação e engajamento _____	93
Divulgando sua trilha – Roteiro de ações _____	96
Passo 8: Criar um Núcleo Decisório e definir a governança da trilha _____	100
Funções específicas desejadas para a governança da trilha _____	103
Institucionalização da governança _____	103
Boas práticas internacionais e nacionais de governança em trilhas de longo curso _____	112
Criando o núcleo decisório para a sua trilha – Roteiro de ações _____	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	120
REFERÊNCIAS _____	122



APRESENTAÇÃO

Douglas Lopes
Trilha do Pico do Papagaio - Ilha Grande - RJ

APRESENTAÇÃO

O Brasil é uma nação que possui a maior biodiversidade do mundo, ecossistemas extraordinariamente variados e belezas cênicas ímpares. Por esta razão, já foi apontado em diversos estudos como um dos países mais atrativos do mundo quando o assunto é beleza natural. Mas como converter os ativos naturais brasileiros em produtos turísticos competitivos e ampliar a visibilidade da oferta turística brasileira relacionada ao Turismo de Natureza?

Diante desse desafio, os Ministérios do Turismo, do Meio Ambiente e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade se uniram e instituíram, em 2018, a Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade – RedeTrilhas.

Essa política pública, criada a partir de um forte engajamento de voluntários da sociedade civil, tem por objetivo conectar pontos de interesse do patrimônio cultural e natural brasileiro por meio de trilhas de longo curso em todo o País. Também busca reconhecer e proteger rotas pedestres, de bicicletas e de outros meios não motorizados a partir da instituição de roteiros integrados que fortaleçam a conservação da biodiversidade e a conexão entre as mais diversas paisagens do Brasil. Além disso, a Rede Trilhas tem por objetivos ampliar e diversificar a oferta turística brasileira, de modo a estimular o turismo em áreas naturais e gerar emprego e renda para as comunidades nas quais os percursos se desenvolvem.

Atualmente, o Brasil conta com 20.500 km de trilhas de longo curso planejadas. Até o momento, 183 trilhas, passando por 415 Unidades de Conservação (UCs) do Brasil, foram sinalizadas com a identidade visual caracterizada com o símbolo de pegadas amarelas e pretas, contabilizando cerca de 8.000 km implementados.

Neste sentido, o documento “Trilhas do Brasil: Manual de Estruturação e Promoção Turística das Trilhas de Longo Curso” busca apoiar a criação e oferta de produtos turísticos direcionados para demandas específicas, visando oferecer diferentes experiências para os visitantes, sobretudo relacionadas com as novas tendências que se revelaram face às transformações no comportamento dos viajantes impostas pela pandemia. Nesse novo contexto, as trilhas de longo curso se mostram como um dos produtos turísticos estratégicos para fortalecer o diferencial competitivo do Brasil no segmento de Turismo de Natureza.

Nas páginas a seguir serão apresentadas informações de natureza conceitual e metodológica que devem apoiar a estruturação e a promoção de Trilhas de Longo Curso no Brasil. Aspectos históricos das trilhas de longo curso no mundo e no Brasil, além de levantamento das políticas públicas relacionadas à temática no país, serão temas tratados neste manual. Além disso, informações sobre como criar e estruturar uma trilha de longo curso, como transformar as trilhas em produtos turísticos e como definir a governança da trilha serão tratadas no *e-book*.

A construção deste documento foi viabilizada por meio de Acordo de Cooperação Técnica Internacional firmado entre o Ministério do Turismo e o escritório da UNESCO no Brasil, e deverá direcionar gestores públicos e privados e demais interessados na temática no processo de estruturação e promoção turística de Trilhas de Longo Curso.

Boa leitura!



INTRODUÇÃO

Bruno Haller
Cumes Camapuã - Tucum - Cerro Verde - Pico Paraná (PR)

INTRODUÇÃO

As trilhas de longo curso fazem parte da história da humanidade. A simples necessidade de ligação entre dois lugares distantes certamente fez nascer as primeiras trilhas de longo curso. Inúmeros são os registros de mobilidade das populações pré-históricas, presentes em relatos antigos, da Grécia ao Império Inca. No Brasil, talvez os registros mais interessantes nesse sentido são os do Caminho do Peabiru, ligando o litoral sul à região andina.

As primeiras trilhas de longo curso a surgirem, e se desenvolverem, foram certamente as de traçado linear, com propósito utilitário, e esta realidade se perpetuou por milênios.

Surgem as trilhas de longo curso modernas

Somente em tempos mais recentes, na primeira metade do século XX, as trilhas de longo curso incorporaram outras funções, como a recreação em contato com a natureza. Neste contexto, um marco importante foi a criação da atual *Appalachian National Scenic Trail*, nos Estados Unidos, que se tornou mundialmente conhecida como uma das primeiras trilhas de longo curso com fins múltiplos: recreação; conservação da natureza; e conectividade. Em 1925, foi criada a *Appalachian Trail Conference*, consolidando a ideia inicial de alguns indivíduos, dentre eles Benton MacKaye, que no início da década de 1920 concretizou a criação de uma trilha conectando os altos picos da Cadeia Montanhosa dos Apalaches, proporcionando “um escape na natureza selvagem, para moradores de centros urbanos, utilizando voluntários para a maior parte da construção e manutenção necessária¹”. Assim, estavam estabelecidas importantes bases para as trilhas de longo curso: traçados priorizando passagem por áreas naturais relevantes; atrair usuários que buscam contato mais próximo com a natureza; construção e manutenção baseadas em voluntariado local.

A partir deste esforço, outras grandes trilhas lineares foram criadas nos EUA, como a *Pacific Crest National Scenic Trail*, na década de 1930, culminando com a definição, em 1968, de um Sistema Nacional de Trilhas dos EUA, através do *National Trails System Act*². O surgimento deste sistema deu origem a uma malha formada por um conjunto de grandes trilhas lineares, somando dezenas de milhares de quilômetros de extensão, muitas vezes competindo entre si pela atração dos usuários e de recursos financeiros. Este movimento, de criação de extensas trilhas, influenciou outros países, tais como Canadá, Japão, Austrália, Nova Zelândia, dentre outros.



1- <https://continentaldividetrail.org/history-of-the-cdt/>

2- <https://www.nationalparks.org/connect/explore-parks/appalachian-national-scenic-trail>

INTRODUÇÃO

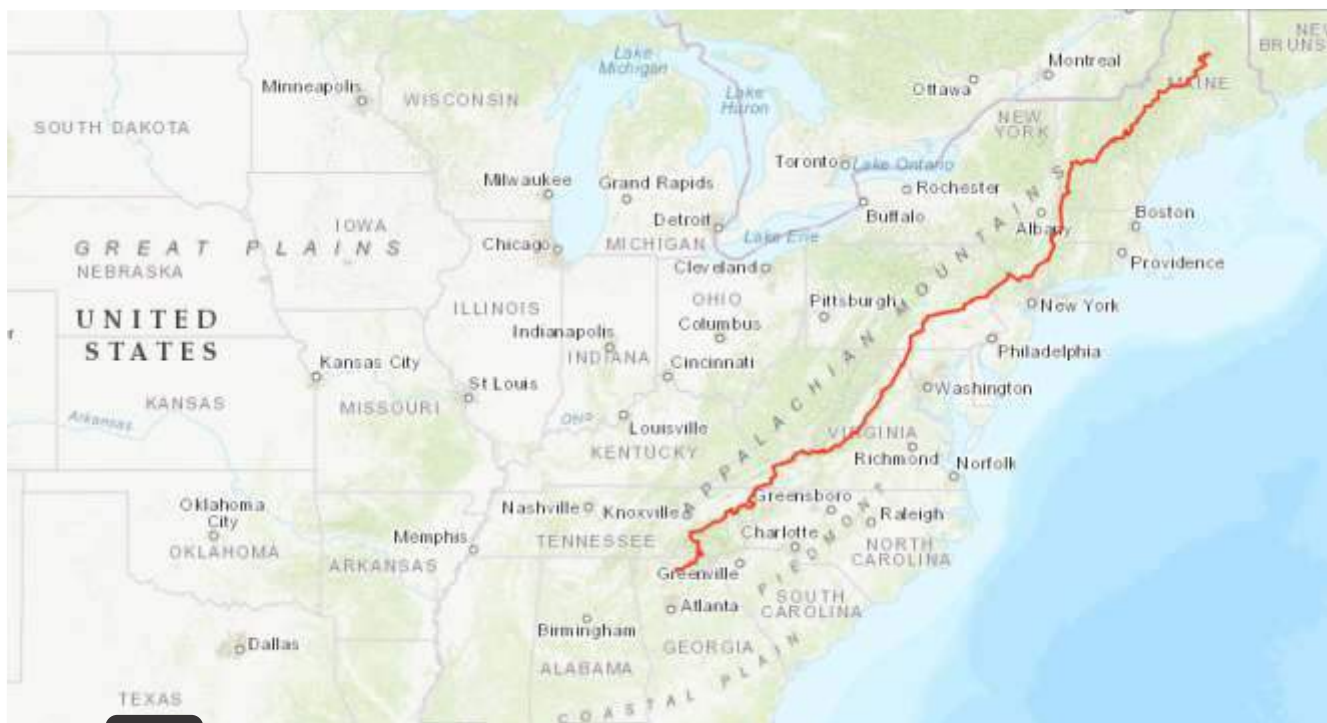


Figura 1: Mapa da Apalachian National Scenic Trail, seguindo a cadeia montanhosa dos Apalaches

Fonte: <https://nps.maps.arcgis.com/apps/webappviewer/index.html?id=6298c848ba2a490588b7f6d25453e4e0>

O conceito de rede

Em meados do século XX, enquanto nos EUA se desenvolviam as grandes trilhas de longo curso pioneiras, foi criado, na França, em 1947, o *Comité National des Sentiers de Grand Randonné* (CNSGR), que implementou as primeiras trilhas do conjunto que é hoje conhecido como GR-*Grand Randonné*, com mais de 80 mil quilômetros de trilhas, somente na França³. Talvez pela própria constituição do território europeu, densamente povoado e com uma malha imensa de caminhos históricos, surge em diversos países deste continente o embrião do conceito de uma rede de trilhas.

Atualmente o conceito *Grand Randonné* está presente em diversos países da Europa e se difundiu ao longo dos anos. Uma iniciativa que ilustra bem este quadro foi a criação da *European Ramblers Association* (Associação Europeia de Andarilhos), fundada na Alemanha em 1969, atualmente com mais de 3 milhões de membros individuais, abrigando 65 organizações de andarilhos, distribuídas em 35 países europeus⁴. Esta associação criou a E-paths, uma rede de trilhas dividida em 12 conjuntos de trilhas, somando cerca de 63.750km, percorrendo o continente de norte a sul, em paisagens litorâneas, montanhosas e atravessando inúmeras áreas urbanas⁵.



3- <https://www.ffrandonnee.fr/la-federation/qui-sommes-nous/notre-histoire>

4- <http://www.era-ewv-ferp.com/era/history/>

5- <https://www.era-ewv-ferp.org/e-paths/>

INTRODUÇÃO

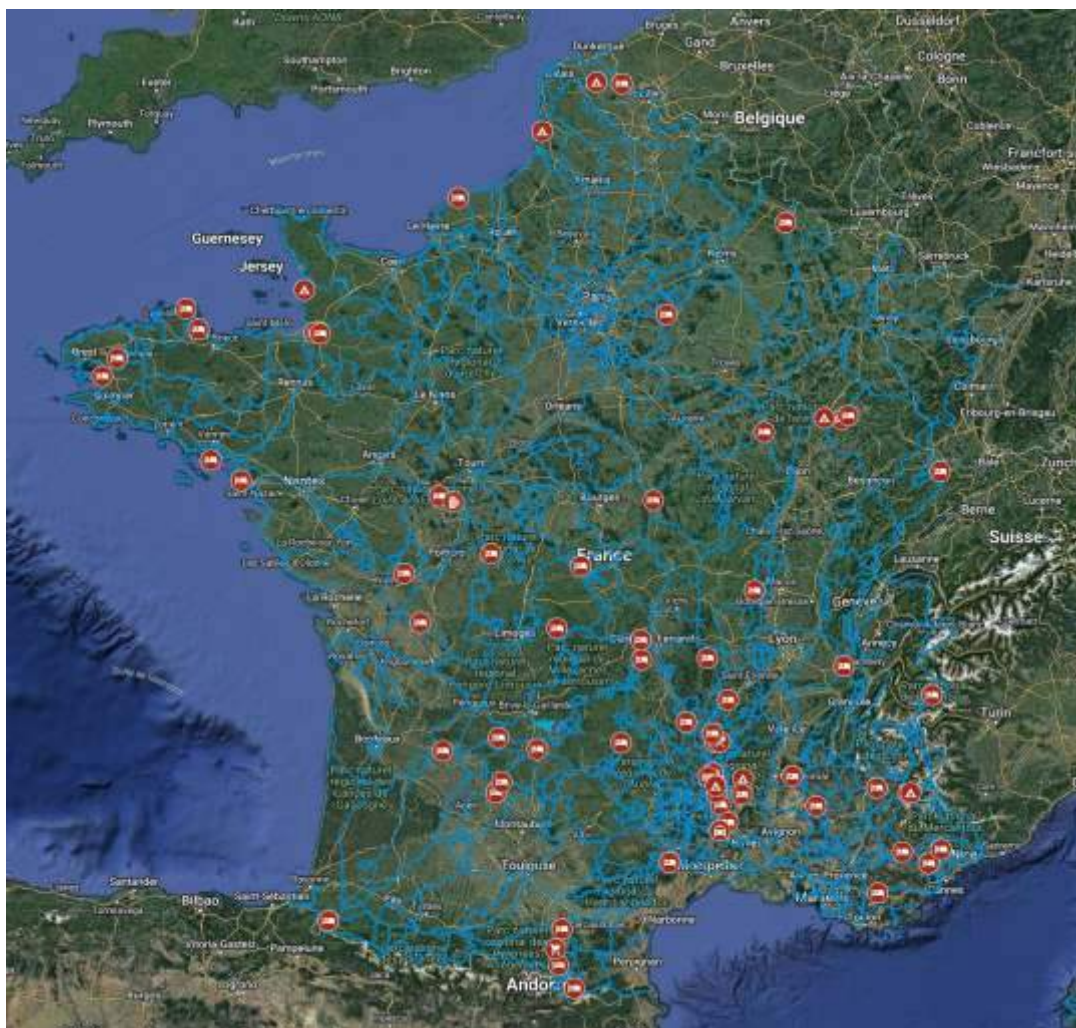


Figura 2: Mapa do conjunto de trilhas que compõem o Grand Randonné, parte da França, com indicação de locais de hospedagem, acampamentos e alimentação

Fonte: <https://www.gr-infos.com/gr-en.htm>

Uma rede de trilhas não funciona mais como uma grande trilha linear, ou um sistema resultante de um conjunto de trilhas lineares. No conceito de rede de trilhas, o usuário pode fazer uma infinidade de roteiros, usando a densa malha interconectada de trilhas existentes. Neste ambiente já não existe uma tendência de competição entre grandes trilhas lineares, o trilheiro não precisa mais ir de um ponto ao outro, do começo ao fim, mas literalmente pode fazer o “seu” caminho. Do ponto de vista logístico, a interação da rede de trilhas com as áreas povoadas gera um ambiente comercial e cultural que utiliza e potencializa a infraestrutura de inúmeras cidades e vilas existentes, como pontos de apoio para acesso, hospedagem, alimentação, atrativos culturais e comercialização de produtos associados.

Numa rede de trilhas, a sinalização padronizada é fundamental para guiar a sua utilização, de forma confortável e segura, passando para o usuário uma noção de unidade. Este conceito tem sido adotado com sucesso nas experiências europeias.

INTRODUÇÃO

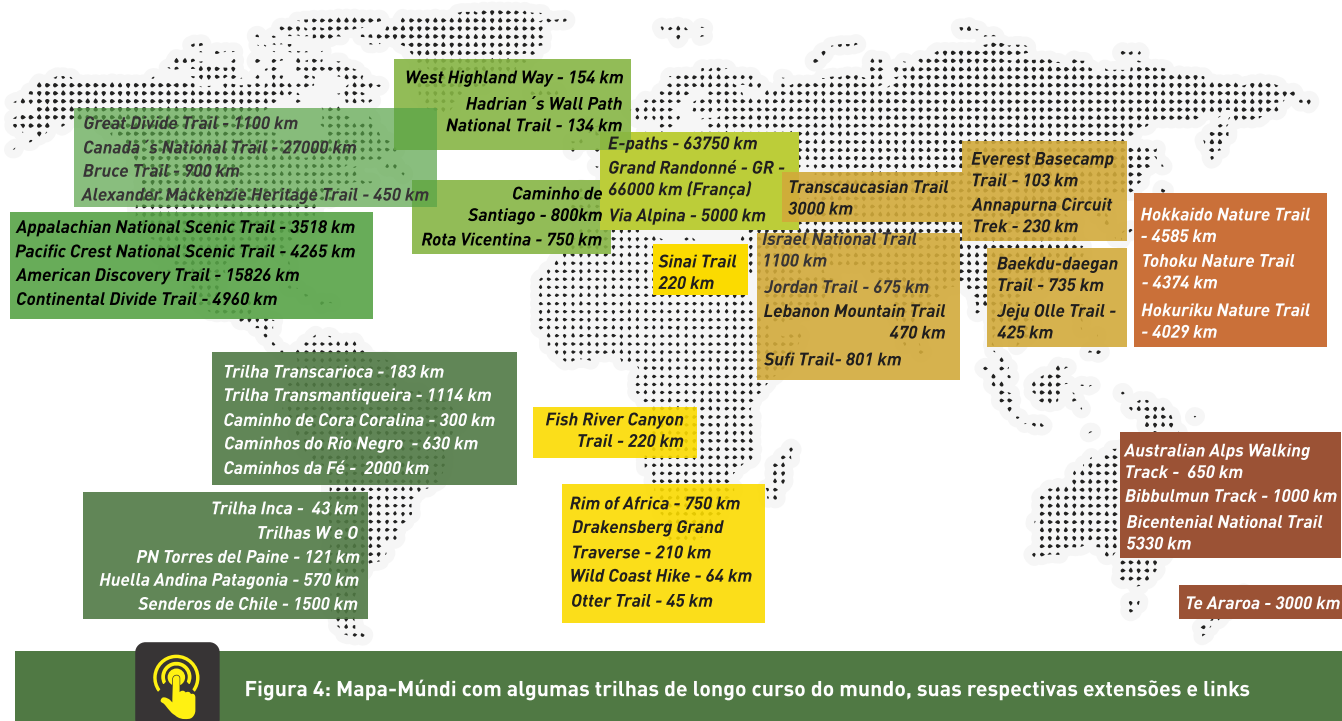


Figura 4: Mapa-Múndi com algumas trilhas de longo curso do mundo, suas respectivas extensões e links

Multimodalidade

Também como decorrência do processo de desenvolvimento das trilhas de longo curso, surge o conceito de multimodalidade. Tanto na Europa quanto nos EUA e em outros países, o desenvolvimento de esportes como o ciclismo torna as trilhas de longo curso um ambiente não só para caminhantes, mas para a coexistência destes com ciclistas, adeptos de cavalgadas, canoagem e de outros meios de locomoção não motorizados, por terra ou por ambientes aquáticos. Este desenvolvimento ampliou em muito o universo possível das trilhas de longo curso, fazendo surgir, por exemplo, trilhas de longo curso aquáticas, algo inimaginável nos primórdios do século XX. Neste conceito, uma mesma trilha pode, em sua totalidade ou em trechos, admitir modos diferentes de locomoção, dando origem a trilhas de uso misto. Outra situação possível é o surgimento de uma malha de trilhas a partir da combinação de diferentes trilhas dedicadas a um só modo de locomoção.

Em termos de acesso ao início ou final do percurso escolhido pelo trilheiro, o conceito de rede de trilhas admite também a multimodalidade. O usuário pode chegar e sair da trilha a pé, de carro próprio ou utilizando qualquer tipo de transporte.

Gustavo Jannini - Caminho de Cora Coralina - TLC Nacional Caminho dos Goyazes - GO

INTRODUÇÃO

A trilha é o próprio atrativo e o usuário faz o traçado

Estes dois conceitos foram também decorrência do desenvolvimento das trilhas de longo curso. Com a enorme oferta de trilhas em todos os continentes, e milhões de usuários, atualmente fica claro que os trilheiros não caminham para chegar em algum lugar, mas sim para caminhar em contato com a natureza, usufruindo de todos os benefícios desta atividade. Talvez nunca foi tão importante e necessário o “escape na natureza selvagem”, como citado na década de 1920 por Benton MacKaye! Em cem anos, o mundo se tornou mais urbano, acelerado, e as trilhas de longo curso são, por si só, um grande atrativo e refúgio para um número cada vez maior de pessoas.

Neste contexto, os usuários tendem a ter menos tempo para fazer as grandes trilhas lineares e mais propensão a criar, planejar e executar seus próprios roteiros, de acordo com suas possibilidades de tempo, dinheiro, intenção e condicionamento físico. Esta tendência justifica e potencializa a existência das redes de trilhas, que admitem uma infinidade de roteiros, tempos de caminhada, modos de utilização e interações com os ambientes culturais, rurais e urbanos. Vivemos, hoje, no mundo e no Brasil, uma nova fase das trilhas de longo curso.

Trilhas de longo curso no Brasil

Temos a sorte e a grande oportunidade de desenvolver, em nosso país e continente, uma rede de trilhas que é a decorrência de toda esta experiência internacional. A iniciativa pioneira que se destaca nessa linha temporal foi o desenvolvimento da Trilha Transcarioca, inicialmente idealizada em 1995, no contexto da Rede Carioca de Trilhas, que, em 1997, virou um projeto da Secretaria de Meio Ambiente da Cidade do Rio de Janeiro (SMAC), tendo sido apresentado ao público pela primeira vez no Congresso e Exposição Mundial de Ecoturismo – World Ecotur 97. O objetivo foi criar uma trilha de longo curso que ligasse as Unidades de Conservação do município do Rio de Janeiro, funcionando como um corredor ecológico entre elas e induzindo o manejo integrado do Mosaico Carioca de Áreas Protegidas. Desde seu início, ela já foi pensada como embrião inicial de uma grande trilha de longo curso, ligando as Unidades de Conservação da Mata Atlântica ao longo do litoral brasileiro. Em 2003, inspirado no Caminho de Santiago, foi implementado o Caminho da Fé, com 318 km em seu ramal principal, que leva peregrinos à Basílica de Nossa Senhora de Aparecida.

A partir do processo iniciado pelos diferentes agentes que viabilizaram e implantaram a Transcarioca e o Caminho da Fé, outras iniciativas foram surgindo de forma voluntária por diferentes agentes, individuais e institucionais, sendo criada no país, via governo federal, nas figuras dos Ministérios do Meio Ambiente, do Turismo e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, a Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade – RedeTrilhas. O principal objetivo desta iniciativa é conectar pontos de interesse do patrimônio cultural e natural brasileiro por meio de trilhas de longo curso em todo o País. A RedeTrilhas foi instituída pela Portaria Conjunta nº 407, de 19 de outubro de 2018, e é composta por trilhas reconhecidas pela sua relevância nacional para a conectividade de paisagens e ecossistemas, a recreação em contato com a natureza e o turismo. Já a Portaria Conjunta nº 500, de 15 de setembro de 2020, estabelece os critérios para avaliação de propostas de adesão à RedeTrilhas e reconhecimento de trilhas de longo curso, assim como o procedimento para a saída de trilhas da RedeTrilhas, como resultado da articulação dos Ministérios do Meio Ambiente, do Turismo e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Portaria Conjunta nº 407/2018, a RedeTrilhas busca articular as instâncias de governança das trilhas de longo curso, conferindo ainda maior densidade e significado às Unidades de Conservação a partir da instituição de roteiros integrados que fortalecem a conservação da biodiversidade e a conexão entre as mais diversas paisagens do Brasil. Além disso, a RedeTrilhas busca promover a expansão do ecoturismo para além das áreas públicas e de entorno, ampliando sua divulgação e prática no país e valorizando, ainda, atrativos isolados.

Com o apoio da RedeTrilhas, novas trilhas e trechos adicionais deverão seguir padrões de mapeamento, identificação e sinalização de percurso. A ação traz mais segurança para os turistas e usuários, que agora poderão contar com padrões de estrutura e acesso contemplados pelas trilhas de longo curso que aderirem à Rede, que vão da indicação de pontos de interesse turístico, como lagos e cachoeiras, a bases para pernoite, alimentação e outros pontos de apoio⁶.

Marcos legais

O Brasil conta com dois importantes marcos legais que orientam, normatizam e regulamentam as trilhas de longo curso no país, conforme quadro abaixo:

MARCOS LEGAIS - REDE NACIONAL DE TRILHAS DE LONGO CURSO E CONECTIVIDADE	
Portaria Conjunta nº407/2018	Portaria Conjunta nº500/2020
➔ Institui a Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade – RedeTrilhas; ➔ Define os objetivos da RedeTrilhas; ➔ Definição conjunta (MMA, MTur, ICMBio) de critérios para: - Avaliação de propostas de adesão à Rede Trilhas; -Elaboração anual de um Plano e Relatório de Implementação de trilhas de longo curso; -Apresentação de uma identidade visual para a RedeTrilhas; ➔ Define que trilhas de longo curso nacionais e regionais integrem a RedeTrilhas por ato de reconhecimento do Ministério do Meio Ambiente com base nas propostas encaminhadas; ➔ Especifica a estrutura e requisitos que as propostas de adesão devem contemplar	➔ Define que as propostas de adesão podem ser apresentadas por órgãos públicos, organizações da sociedade civil ou entes privados; ➔ Define os critérios para elegibilidade e análise preliminar das propostas de adesão; ➔ Define o prazo para apresentação de projeto de implantação para a Trilha de Longo Curso pelo proponente; ➔ Define o formato e critérios para apresentação de um relatório anual sobre o processo de implementação, bem como para um plano de expansão e inclusão de trilhas; ➔ Define a obrigatoriedade da padronização da sinalização em consonância com identidade visual da RedeTrilhas; -Indica e sugere as possibilidades de parcerias; -Dispõe as competências da Secretaria de Ecoturismo do Ministério do Meio Ambiente; -Define os critérios para desligamentos de trilhas já aderidas; - Conceitua termos e expande definições a serem utilizadas no âmbito da Portaria Conjunta nº407/2018 e nº500/2020.
Quadro 1: Marcos legais – Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso Fonte: Elaboração própria a partir da Portaria Conjunta MMA/MTur/ICMBio nº 407 e da Portaria Conjunta MMA/MTur/ICMBio nº 500	



INTRODUÇÃO

A partir destes dois instrumentos, tem-se a institucionalização da Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas no país, que possui, dentre outros objetivos, o de reconhecer e, sobretudo, proteger as rotas de interesse natural, histórico e cultural. Além disso, destacam-se suas ações no sentido de sensibilizar a sociedade para a relevância do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que também abraça a iniciativa de implementação da RedeTrilhas. A Portaria Conjunta nº 407 instituiu e fundamentou os principais objetivos da Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas, alinhando o escopo e a articulação da iniciativa, definindo critérios iniciais para elaboração de propostas e a formatação necessária para a adesão de trilhas nacionais e regionais à RedeTrilhas. Na sequência, a Portaria Conjunta nº 500 definiu os critérios previstos no art. 3º da Portaria Conjunta nº 407, estabelecendo os requisitos de elegibilidade, especificando as etapas e regulamentando o processo de elaboração e avaliação das propostas de adesão de trilhas à Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas.

Por que fazer parte da Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade – RedeTrilhas?

As trilhas de longo curso podem se tornar importantes produtos turísticos em âmbito local, regional, nacional ou internacional. Para tanto, é importante que se compreenda que, para a estruturação de um produto turístico de qualidade, torna-se necessário o desenvolvimento de toda a cadeia produtiva do turismo, desde os atrativos e roteiros até a infraestrutura, políticas públicas e parcerias. Neste sentido, as trilhas de longo curso são importantes eixos condutores, uma vez que passam por diferentes paisagens de nosso território, possibilitando que diferentes produtos sejam oferecidos e associados a belezas naturais, gastronomia, história, cultura, conservação da biodiversidade e recursos naturais.

Para os grupos gestores das trilhas de longo curso, estar associado à RedeTrilhas significa ter acesso a orientações, diretrizes, normas e boas práticas que poderão encurtar o “caminho das pedras” para a criação, estruturação e promoção das trilhas de longo curso como produtos turísticos competitivos. Além disso, ao ingressar na Rede, os gestores e, respectivamente, a trilha de longo curso se apoiarão no posicionamento de mercado turístico estabelecido a nível nacional e internacional e que foi elaborado após anos de estudo, pesquisa, esforço e trabalho de atores e voluntários diretamente relacionados com o setor. Além disso, ao participar de uma política pública estabelecida por dois Ministérios e pelo ICMBio, poderão pleitear recursos públicos e participar de capacitações, congressos, feiras e outras atividades e programas oficiais.

De forma similar, mas numa escala diferente, para os prestadores de serviços de apoio ao turista e cadeia relacionada à produção associada ao turismo, ser um empreendimento associado a uma trilha de longo curso vem com oportunidades e compromissos.

INTRODUÇÃO

Gilma conta que é preciso pagar uma pequena mensalidade (algo em torno de R\$ 50) para a Associação Caminho de Cora Coralina (instância de governança responsável pela gestão da trilha de longo curso), valor que ajuda na manutenção e sinalização da trilha. Em troca, sua pousada é divulgada e indicada pela Associação como ponto de hospedagem e, também, vira um ponto de venda – e de carimbo – do Passaporte do Peregrino. A cada passaporte vendido, o estabelecimento ganha uma comissão. “Já vendi mais de 200 passaportes”, conta orgulhosa Dona Gilma⁷.



Dica: Na Cartilha RedeTrilhas <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/areasprotegidas/ecoturismo/parquemais/rede-trilhas/cartilha-digital-180522-vdefeso.pdf> você encontra os Critérios para avaliação de propostas de adesão de sua trilha à Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade – RedeTrilhas. As propostas de adesão deverão ser apresentadas e analisadas em duas fases: (1) análise preliminar e (2) análise do projeto de implantação.



7- <https://oeco.org.br/reportagens/caminho-de-cora-rota-pela-poesia-e-pelos-contrastes-de-goias/>



COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Conceitos e definições

Numa rede, as trilhas integrantes são divididas em diferentes tipos, principalmente em função da extensão. No Brasil, de acordo com a NBR 15500:2014, **as caminhadas de longo curso são classificadas como aquelas realizadas em ambientes naturais, que envolvam pernoite**. No contexto da RedeTrilhas, são importantes os conceitos que diferenciam as trilhas locais e as trilhas de longo curso regionais e nacionais. A seguir, apresentam-se as definições de trilha apresentadas no Art 12º da Portaria Conjunta MMA/MTur/ICMBio nº 500, de 15 de setembro de 2020:

TIPO DE TRILHA	DEFINIÇÃO
Trilha	Caminho estabelecido a ser percorrido pelos usuários a pé ou por outros meios não motorizados, cujas características a seguir devem permitir seu uso: - a trilha deve ser parte integrante de uma rede de trilhas local, regional e/ou nacional e atender a requisitos de planejamento, sinalização e manutenção; e, - a trilha deverá estar localizada em sua maior parte em ambiente natural, preferencialmente em caminhos preexistentes, e deve ter relevância para a conectividade de paisagens, recuperação de ecossistemas ou biomas degradados, recreação em contato com a natureza, ecoturismo ou turismo de aventura, por seu valor ambiental, social, cultural ou histórico.
Trilha Local	Trilha que pode ser percorrida a pé em algumas horas, ou em um dia de caminhada, no máximo.
Trilha de Longo Curso Regional	Trilha que demanda pelo menos um pernoite e no máximo 28 dias de caminhada para que seja percorrida em sua totalidade.
Trilha de Longo Curso Nacional	Trilha que demanda mais de 28 dias de caminhada para que seja percorrida, sendo ainda o resultado da soma de pelo menos duas Trilhas Regionais.

Quadro 2: Definição e conceitos das terminologias referentes às trilhas de acordo com a Portaria Conjunta nº 500/2020

Fonte: Elaboração própria a partir da do Art 12º da Portaria Conjunta MMA/MTur/ICMBio nº 500/2020

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

A partir de cinco eixos inicialmente estabelecidos, a rede expandiu-se e hoje está em todo o Brasil:

1. Corredor Litorâneo, que liga o Oiapoque (AP) à Barra do Chuí (RS);
2. Caminho dos Goyazes, que liga a cidade de Goiás (GO) até a Chapada dos Veadeiros (GO);
3. Caminhos do Peabiru, que liga o Parque Nacional do Iguaçu (PR) ao litoral paranaense (PR) e catarinense (SC);
4. Caminhos Coloniais, seguindo rotas usadas desde o período colonial e imperial, localizadas entre o litoral do Rio de Janeiro (RJ) e a Chapada dos Veadeiros (GO), onde se conectarão ao Caminho dos Goyazes (MG e GO);
5. Trilha Velho Chico, conectando a nascente do Rio São Francisco no Parque Nacional da Serra da Canastra (MG) à sua foz na Área de Proteção Ambiental de Piaçabuçu (AL).



Figura 5: Rede de Trilhas de Longo Curso com seus 5 (cinco) grandes corredores originais e inclusão de 2 (dois) mais recentes

Fonte: Associação Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

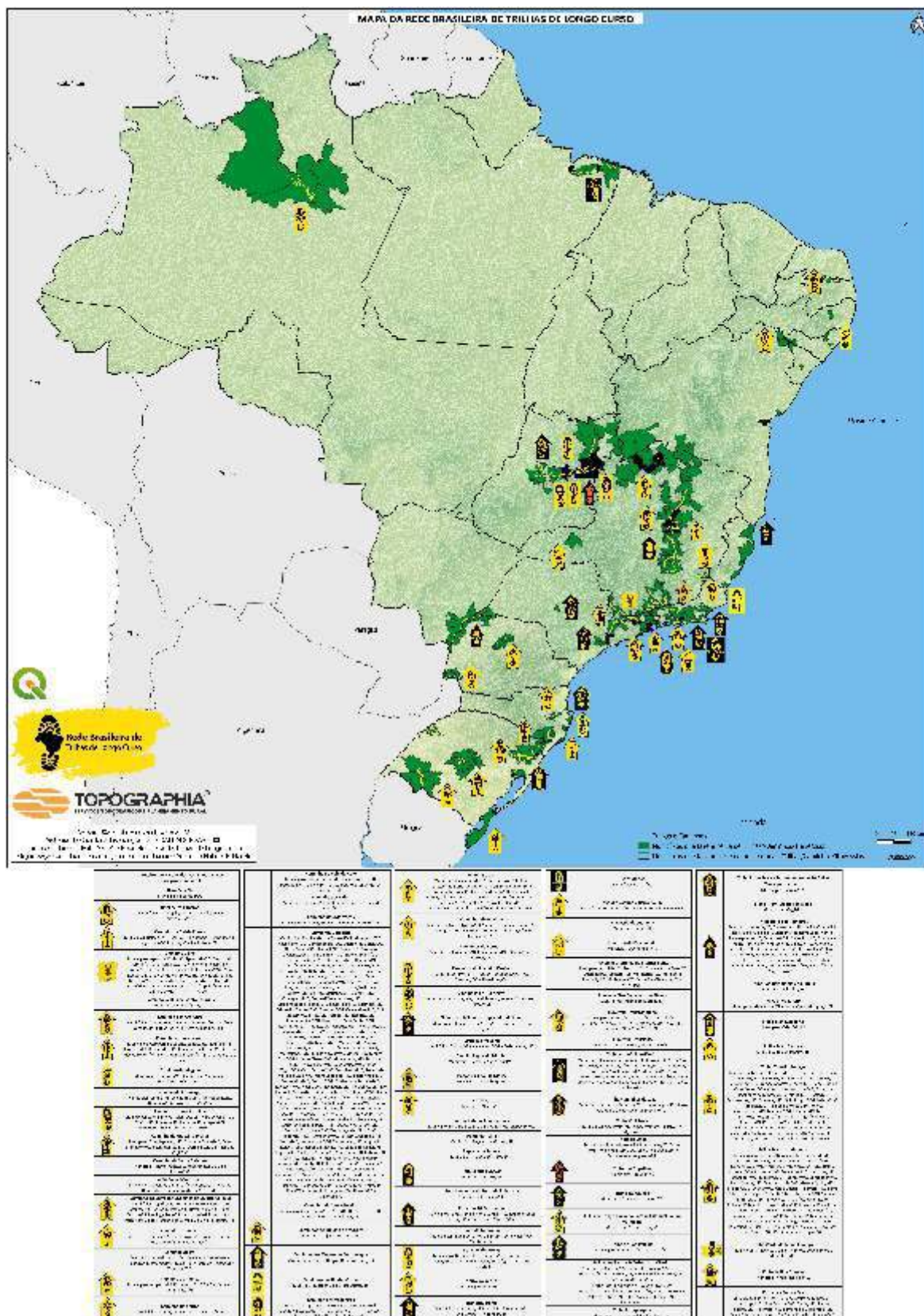


Figura 6: Mapa da Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso

Fonte: IBGE e Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO



Portaria Conjunta MMA/MTur/ICMBio nº 407, de 19 de outubro de 2018 <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/atos-normativos-2/2018/portaria-conjunta-no-407-de-19-de-outubro-de-2018>

Portaria Conjunta MMA/MTur/ICMBio nº 500, de 15 de setembro de 2020 <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/atos-normativos-2/2020/portaria-conjunta-no-500-de-15-de-setembro-de-2020>

Vale ressaltar que, dentro do conceito do uso múltiplo, as atividades mais praticadas em uma trilha são as caminhadas, sejam elas de curta duração ou de longo curso. Porém, uma trilha de longo curso não se resume apenas à caminhada, sendo possível a realização de uma diversidade de outras atividades não motorizadas, como, por exemplo, cicloturismo, canoagem, montanhismo, observação de aves, corridas, campismo, interpretação ambiental, observação de fauna, flora ou formações geológicas, dentre diversas outras atividades.



Janaína de Lima - Trilha Cassino / Barra do Chuí



Janaína de Lima - Trilha Cassino / Barra do Chuí



Marcio Bittencourt
Caminhos do Planalto Central - TLC Nacional Caminho dos Goyazes - DF



Andrei Pires - Trilha Aquática - TLC Nacional Oiapoque x Barra do Chuí
Reserva Legado das Águas - SP

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO



Passo 1: Definir a vocação e o propósito da trilha

A primeira questão que surge ao se criar uma trilha é: **qual é a vocação e o propósito da sua trilha ou caminho?**

Uma trilha pode ter a vocação e o propósito religioso/espiritual, esportivo, turístico, cultural, histórico, ou mesmo combinar dois ou mais destes objetivos baseados em suas características. Uma trilha pode ainda manifestar, por exemplo, objetivos, como “a defesa de uma causa ambiental” ou o “resgate do patrimônio cultural de uma região”.

Responder a essa questão é fundamental para a criação de uma trilha, pois a partir da definição do propósito virão todos os passos seguintes. Elaborar um traçado conceitual, uma **ideia da trilha**, antes mesmo de ir a campo, é uma ação que ajuda neste planejamento prévio. Neste contexto a ideia da trilha já deve considerar os modais que serão desenvolvidos (ex: caminhada, ciclismo, canoagem, cavalgada) e o respectivo público-alvo. Estas duas determinações conceituais irão definir o traçado da trilha, que será consolidado nos passos seguintes, mas que deve estar na mente de quem cria a trilha, desde o início.

Caminho de Cora Coralina

Uma trilha de longo curso, com aproximadamente 300km de extensão, que busca um resgate cultural, conectando cidades históricas de Goiás, ligado à obra literária de Cora Coralina. É direcionada para os modais caminhada e ciclismo.

Para saber mais:
<https://caminhodecoracoralina.com.br/>



Também é fundamental buscar informações já existentes na região onde a trilha está inserida. Entrar em contato com grupos locais e regionais gera dados importantes para esta fase de planejamento conceitual. Estes grupos podem estar ligados a entidades como associações do *trade* turístico, ou entidades nos campos ambiental, cultural e esportivo, como escoteiros, cavaleiros e grupos de ciclismo, montanhismo, corredores de montanha e caiaqueiros.

Estes contatos iniciais são o embrião do processo de estruturação da governança da trilha de longo curso. A construção da estrutura de governança e seu funcionamento é fundamental para o desenvolvimento da trilha de longo curso em todas as suas etapas e deve ser colocada em prática desde os primeiros passos.

Cabe destacar duas características fundamentais da estrutura de governança da trilha de longo curso: **elasticidade** e **adaptabilidade**. Como o desenvolvimento de uma trilha de longo curso é dinâmico, a estrutura de governança deve seguir esta tendência, admitindo ajustes, tais como: incorporação de novos atores; novos empreendedores; criação de novas cadeiras/cargos; incorporação de novos temas; admissão de participação de novas instâncias etc. À medida que a sua trilha cresce, a estrutura de governança cresce junto com ela e se adapta, de forma dinâmica e coordenada. É importante que uma estrutura mínima de governança esteja presente desde o início da implementação da trilha, legitimando o processo desde o começo. As decisões e acordos devem ser feitos dentro deste processo legítimo e integrado, evitando conflitos e desperdício de recursos.

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO



Passo 2: Criar e estruturar o traçado da trilha

Identificar trilhas e caminhos existentes

Esta ação determina a passagem do campo das ideias e intenções para a criação da trilha no território. No Brasil, assim como em outros países onde as trilhas recreativas se desenvolveram, já existe uma malha de antigos caminhos e trilhas locais, utilizadas com diversos fins que vão desde comércio até mesmo a própria recreação. Neste sentido, uma ação importante e inicial é **ir a campo e conversar com a população local**. Estas pessoas sabem, mais do que ninguém, quais caminhos já existem e são utilizados em uma região. Muitas trilhas aderidas à Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas começaram a definição do seu traçado a partir desta ação.

Dentro deste trabalho de identificação, deve ser reunido o maior conjunto possível de informações observadas em campo combinadas a informações reunidas em instituições, como o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (<https://www.ibge.gov.br>), prefeituras, órgãos ambientais e de gestão do patrimônio cultural. Neste mapeamento, o conceito de **informações em camadas** é muito útil e tem sido utilizado com sucesso em muitos trabalhos geográficos e ambientais. A partir deste mapeamento em camadas pode ser gerado um mapa-síntese, de acordo com os objetivos da trilha de longo curso, ampliando a gama de informações sobre ela.

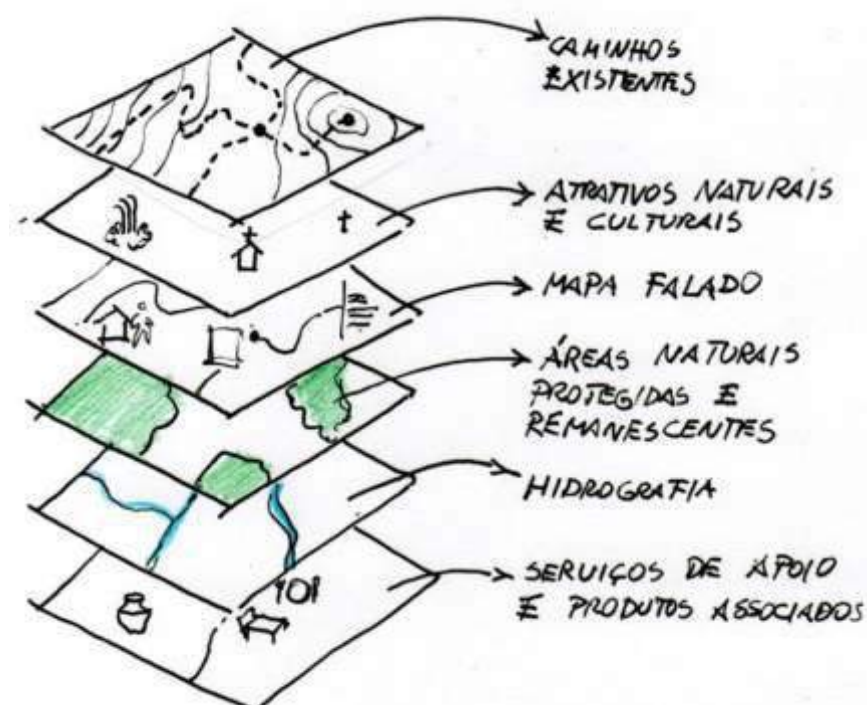


Figura 7: Camadas de informações que podem compor a etapa de identificação de trilhas e caminhos existentes

Fonte: elaboração própria – ilustração Vitor Moura

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Para o trabalho de campo para identificação de trilhas e caminhos é importante utilizar ferramentas que passem para o papel, ou para o meio digital, informações espaciais. Estas ferramentas podem variar de acordo com a habilidade de quem cria a trilha, como, por exemplo:

- aplicativos de mapeamento e divulgação de trilhas para smartphones, como eTrilhas, Wikiloc®, Strava®, Maps-me®, Gaia GPS®, dentre outros;
- observação de imagens de satélite e identificação preliminar de trilhas existentes, no Google Earth;
- mapas topográficos em papel, como cartas do IBGE, associados ao uso do Global Positioning System - GPS e folhas transparentes com diferentes camadas de informação;
- mapas falados; e,
- softwares e plataformas on-line de SIG – Sistema de Informação Geográfica.

Mapa falado

Utilizado em diversas atividades, como os diagnósticos rurais participativos, o mapa falado é um desenho que representa as diversas informações, culturais e ambientais, resultantes da percepção de uma população acerca de um território. É uma ferramenta acessível e de grande utilidade para a etapa de identificação de trilhas e caminhos existentes, com todas as camadas de informações.

Para saber mais: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1404522/mod_resource/content/0/Ferramentas%20do%20diálogo%20guia_metodologico.pdf.pdf



Buscar conectividade com trilhas da sua região e de outras regiões

Um propósito fundamental, que consta nos objetivos da RedeTrilhas, é “conectar paisagens” (Art 2º da Portaria Conjunta MMA/MTur/ICMBio nº 407/2018). Dentro da concepção da criação e estruturação de trilhas, estas paisagens de interesse são definidas como áreas **naturais protegidas e remanescentes, além de reservas legais e áreas de proteção permanente**. Portanto, ao pensarmos na definição do traçado de uma trilha, devemos buscar a conectividade entre estas áreas. Esta ação não somente torna a trilha um caminho mais agradável e interessante, mas, ao proporcionar corredores ecológicos entre áreas verdes, consolida as trilhas de longo curso como ferramentas de conservação da natureza.

Outra dimensão importante é que dentro das áreas naturais protegidas e fragmentos existem diversos estágios de conservação natural. Algumas áreas naturais estão próximas de condições pristinas, quase intocadas. Outras, sofreram diversos impactos, como a remoção parcial da vegetação natural ou erosão.

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Neste sentido, conectar áreas com uma trilha com manejo adequado pode potencializar ações de recuperação e conexão entre habitats. Esta conectividade possui diferentes abrangências: pode ser feita entre trilhas de uma mesma região, numa escala mais restrita (local/regional), mas também pode ser feita entre trilhas de diferentes regiões, numa escala mais ampla (regional/nacional).

A conectividade vai além da dimensão física, pois também exige coordenação entre as governanças das diferentes trilhas de longo curso, especialmente aquelas que são adjacentes ao território. Uma conectividade entre diferentes regiões, por exemplo, pode demandar a atuação de atores em nível mais amplo, indo de instâncias locais à esfera estadual e nacional. Este assunto é abordado em detalhes na parte final deste Manual.

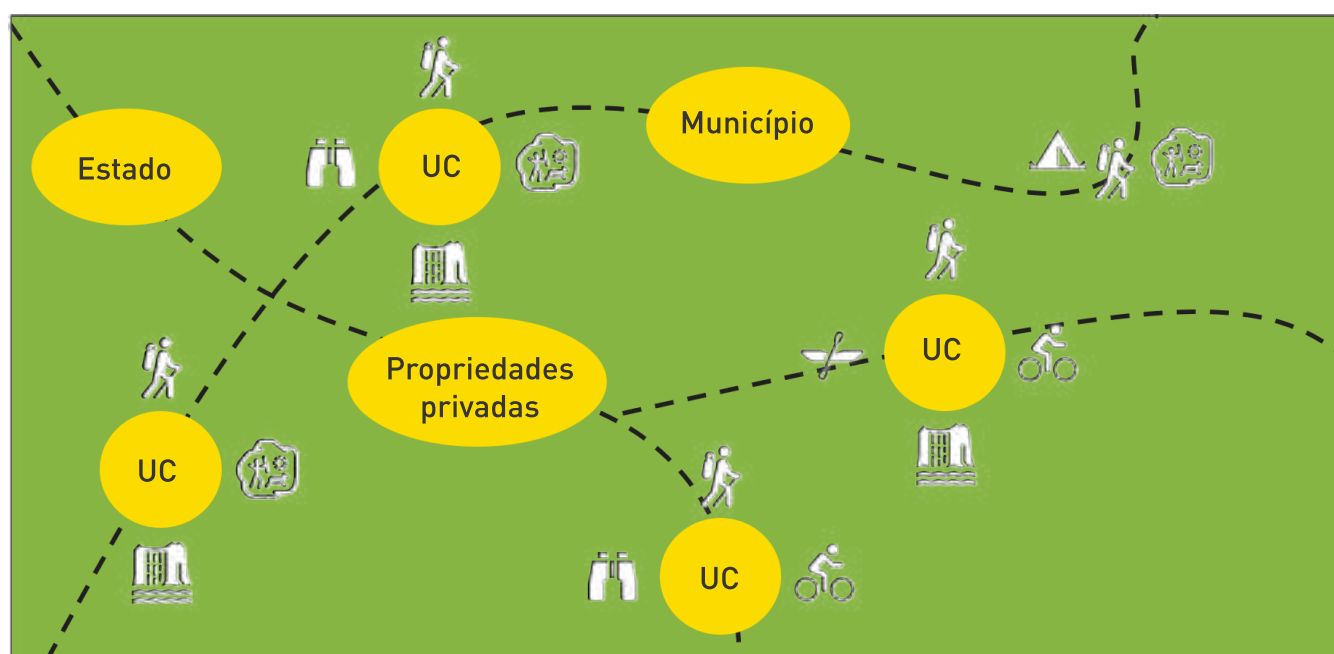


Figura 8: Imagem ilustrativa de uma rede de trilhas com exemplos de conectividade e multimodalidade, ao longo dos trajetos
Fonte: elaboração própria

No trabalho de definição do traçado de sua trilha um importante recurso é dividi-la em trechos. Essa estratégia, de “dividir para conquistar”, facilita, por exemplo, a criação do esquema de governança da sua trilha.

Trilha														
Região 1							Região 2							
Setor 1		Setor 2		Setor 3			Setor 4	Setor 5		Setor 6	Setor 7			
Trecho 1	Trecho 2	T 3	T 4	T 5	T 6	T 7	Trecho 8	Trecho 9	T 10	T 11	T 12	T 13	T 14	Trecho 15

Figura 9: Exemplo de diagrama de divisão de uma trilha em trechos, em função da extensão, em quilômetros
Fonte: Elaboração Hugo Castro

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

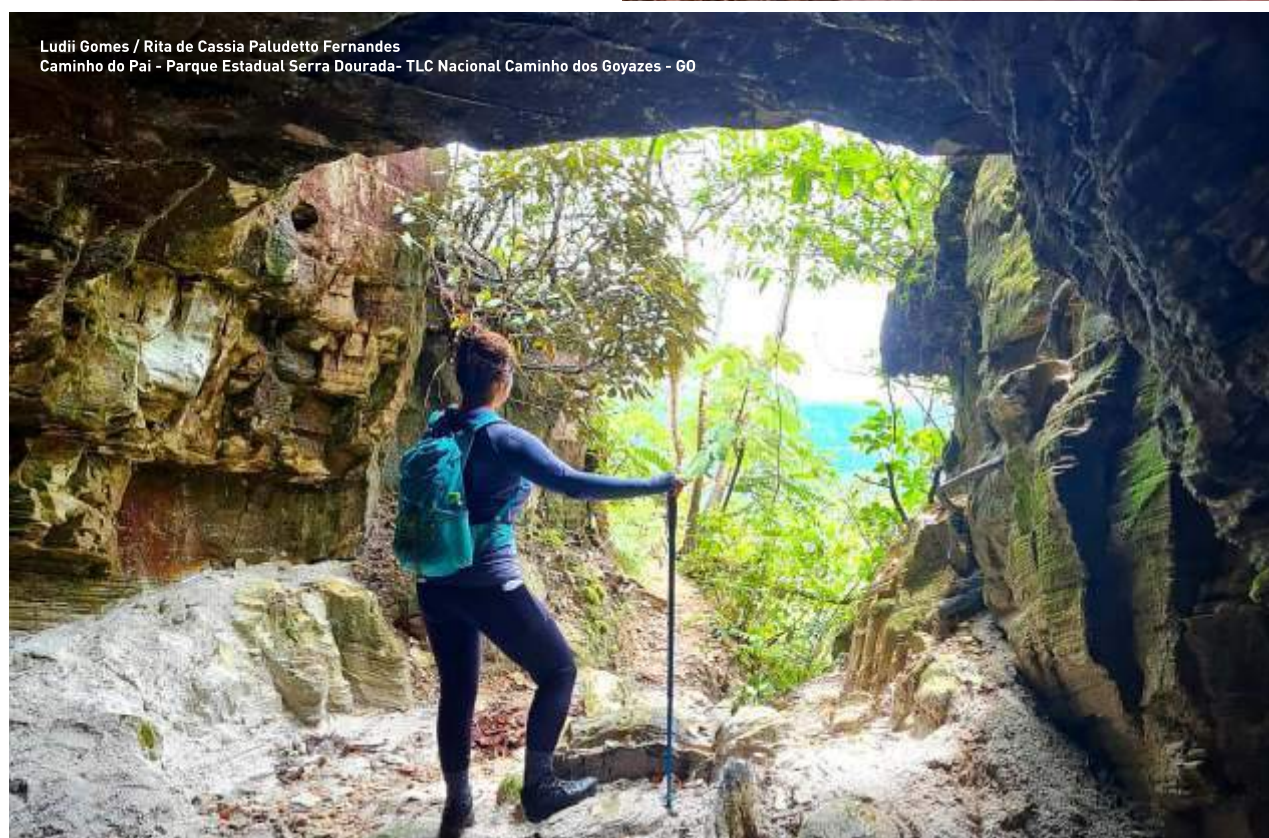
Escolher o traçado sempre privilegiando espaços naturais vegetados

Trilhar em área sombreada, cercada por vegetação, é mais confortável e interessante do que caminhar ou pedalar em meio a uma região de solo exposto, com alta incidência do sol por um longo período, por exemplo.

Na escolha do traçado da trilha, portanto, é fundamental buscar a passagem e conectividade entre as áreas naturais protegidas e remanescentes. Para isto é importante pesquisar previamente quais áreas com estas características existem na sua região. Estas áreas podem estar em ambientes tipicamente rurais ou urbanos, podem ser propriedades privadas ou espaços públicos, áreas extensas e contínuas, ou fragmentos associados a reservas legais em propriedades rurais particulares, ou mesmo fragmentos de vegetação remanescente associados a estradas.



Lourenço Sarmento
Trilha da Vida de Nazaré - SP



Ludii Gomes / Rita de Cassia Paludetto Fernandes
Caminho do Pai - Parque Estadual Serra Dourada- TLC Nacional Caminho dos Goyazes - GO

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Trilhas, biodiversidade, áreas naturais protegidas e remanescentes

Dentro da definição do traçado da trilha é fundamental indicar a passagem por áreas de interesse ambiental. Estas áreas são definidas no Art. 5º da Portaria Conjunta MMA/MTur/ICMBio nº 417/2018 como:

- unidades de conservação;
- áreas prioritárias para conservação;
- áreas de recuperação de ecossistemas degradados;
- reservas da Biosfera (http://www.rbma.org.br/mab/unesco_02_rbrb.asp);
- Sítios Ramsar (<https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/ecossistemas-1/areas-umidas/sitios-ramsar-brasileiros>); e,
- fragmentos florestais.

Neste contexto, é também fundamental para a definição do traçado da trilha a interação próxima com os gestores das Unidades de Conservação e Mosaicos de Áreas Protegidas na sua região, em nível municipal, estadual ou federal. Neste sentido, devem ser conhecidas e observadas as diretrizes e regras constantes nos planos de manejo das Unidades de Conservação relacionadas com a trilha. Os representantes destas áreas provavelmente participarão da estrutura de governança e, em muitos casos, facilitarão o processo de estruturação dela. Desta forma, a trilha pode se tornar um importante instrumento a favor da conservação e recuperação de áreas naturais e indutor de visitantes para estas áreas.

Crie o traçado da trilha passando por ambientes naturais e protegidos

Ao definir o traçado da trilha dê sempre preferência a ambientes naturais e protegidos. Quando não for possível utilizar apenas trilhas, não desanime: faça uso de estradas vicinais, preferencialmente de chão batido. Em último caso, utilize pequenos trechos de asfalto para conectar trechos que passam por áreas menos urbanizadas e mais naturais. Com o tempo, aparecerão opções mais naturais e melhores de traçado; reposicione a trilha para retirá-la de estradas de asfalto e de terra.



Andrei Pires - Trilha Anciãs - Reserva Legado das Águas

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO



Passo 3: Desenvolver a sinalização e o manejo da trilha

Sinalização

Importância da sinalização padronizada

Para o desenvolvimento e fortalecimento da política pública da RedeTrilhas tem sido fundamental a adoção de uma sinalização padronizada. Durante os últimos anos, surgiu e se consolidou, em mais de duas centenas de trilhas de longo curso, o uso das pegadas amarelas e pretas como identidade visual e elemento de sinalização de percurso. Essa sinalização é de fácil compreensão cognitiva e mantém o padrão em todo o território nacional, ainda que a trilha adote uma variação própria, individualizando-a através de sua pegada/marca. Ao mesmo tempo, confere pertencimento da trilha à RedeTrilhas através das cores amarelo e preto. As pegadas contribuem para o fortalecimento do posicionamento das trilhas de longo curso nos mercados regionais, nacional e internacional (como veremos no passo 7 deste Manual). Após sua adoção pelo Manual Oficial de Trilhas do ICMBio e respectiva normatização pela Portaria 500/2020, podemos dizer que as pegadas se tornaram uma marca: “Trilhas do Brasil”.

Durante o 1º Congresso Brasileiro de Trilhas, ocorrido em Goiânia, em maio de 2022, foi possível constatar a forma com que cada trilha adotou sua pegada, elaborada a partir do conceito norteador de identidade visual da pegada amarela e preta, incorporando em cada trilha individual sua identidade visual particular, escolhida para identificar a sua trilha. Diversas trilhas já estão comercializando camisetas, bonés, adesivos e outros equipamentos com o uso de sua respectiva pegada, gerando produtos que ligam os usuários à identidade de cada trilha.



Trilha Transcarioca

Trilha Transmantiqueira

Caminho de Cora Coralina

Caminho da Serra do Mar

Caminhos da Flona

Caminhos dos Canyons



Figura 10: Identidade visual das primeiras seis trilhas de longo curso que aderiram à RedeTrilhas, conforme critérios da Portaria no 500/2020

Fonte: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/areasprotegidas/ecoturismo/parquemais/rede-trilhas/analise-do-projeto-de-implantacao>

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

O uso da pegada como símbolo da sua trilha gera vários benefícios, tais como:

- pertencimento – a trilha se relaciona com a vida das pessoas, sendo parte da realidade local e regional;
- afinidade – o símbolo gera afinidade dos usuários para com a trilha;
- engajamento – aumento do envolvimento, por exemplo, no corpo de voluntários e nos usuários;
- geração de renda – confecção de produtos com a marca da sua trilha, que podem ser comercializados diretamente pela própria estrutura de governança da trilha ou pela cadeia do turismo relacionada à trilha;
- marketing – a marca “Trilhas do Brasil” é reforçada pelo uso das pegadas, posicionando o Brasil no mercado mundial de turismo de caminhadas na natureza e trilhas de longo curso.



Tatuagem com o símbolo = **pertencimento**



Pintura definitiva no carro = **pertencimento**

A própria sinalização com a simbologia local por si só se transforma em um atrativo - **marketing**



Adesivos = **pertencimento**



Fabricação de produtos que podem ser feitos por artesãos locais e vendidos regionalmente = **geração de renda**

Figura 11: Fortalecimento da Identidade das Trilhas

Fonte: Associação Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso

Manual de Marca da Associação Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso - REDE

Neste Manual de uso de marca estão demonstradas as definições conceituais, estratégicas e as normas que estabelecem os critérios para a aplicação correta da marca “Trilhas do Brasil”. Seu objetivo é manter o estilo visual distinto e a integridade da marca e a de suas trilhas correlatas. Isso inclui uma estratégia de padronização de arte, tipografia, *slogan*, tom e estilo.



<http://www.redetrilhas.org.br/w3/index.php/voluntariado/staff/downloads/category/1-manuais>

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Para a operação da sua trilha é também fundamental o uso de uma sinalização de percurso padronizada. Esta padronização é hoje normatizada pelo Manual de Sinalização de Trilhas do ICMBio⁸, atualmente em sua 2ª edição (ICMBio, 2019). Concebido como regramento para a sinalização das trilhas em Unidades de Conservação gerenciadas por este órgão federal, o manual foi redigido para também ser utilizado gratuitamente por Unidades de Conservação estaduais, municipais e privadas e em trilhas e caminhos fora de áreas protegidas.

“Cabe destacar ainda que as orientações deste Manual permitem que a sinalização seja realizada de forma simples e com baixo custo, tornando este padrão acessível tanto para UCs federais, estaduais e municipais quanto para trilhas localizadas fora de espaços protegidos, favorecendo a constituição de um sistema nacional integrado de trilhas uniformemente sinalizadas com uma identidade visual comum.” (pág. 7, ICMBio, 2019)

O Manual é, portanto, uma referência normativa e técnica imprescindível para planejar e implantar a sinalização de uma trilha de longo curso, trazendo, em linguagem acessível, informações sobre os tipos de sinalização em trilhas, juntamente com instruções e referenciais práticos na sua parte “como sinalizar”. O manual trata de detalhes da sinalização, como os tipos de sinalização de percurso, intensidade de sinalização, dentre outros.



Figura 12: Elementos da sinalização básica em trilhas

Fonte: Manual de Sinalização de Trilhas, pág. 11 (ICMBio, 2019)



8- Disponível para download em formato .PDF em https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/Uso-publico/manual_de_sinalizacao_de_trilhas_sinalizacao_rustica.pdf

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Manual de Sinalização de Trilhas do ICMBio

O manual apresenta a definição de tipos de sinalização, introduzindo conceitos fundamentais, como sinalização de entrada de trilha e sinalização de percurso em seus diferentes subtipos: direcional; confirmatória; tranquilizadora; indutiva; negativa; zebreada; de saída; e de acesso à trilha principal. Entender estes tipos de sinalização constitui uma parte fundamental do planejamento de uma trilha de longo curso adequadamente sinalizada.



https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/Uso-publico/manual_de_sinalizacao_de_trilhas_sinalizacao_rustica.pdf

A falta de uma sinalização padronizada pode trazer inúmeros problemas práticos para o planejamento e operação de uma trilha. Dentre eles, podemos citar:

- confusão na orientação: a sinalização tem o propósito de orientar e direcionar o caminhante, nesse sentido, a existência de diferentes padrões de sinalização pode comprometer esse objetivo;
- aumento da complexidade na interpretação da sinalização: a variedade de padrões de sinalização pode acarretar a dificuldade de interpretar sua representação;
- múltipla sinalização: os esforços de implementação, de manutenção e de custos da sinalização da trilha são multiplicados pela quantidade de trilhas que passam sobre o mesmo percurso;
- poluição visual: a diversidade de sinalização também causa poluição visual;
- disputa pelo mesmo voluntário: trilhas que cruzam um mesmo percurso podem acabar competindo pelos mesmos voluntários;
- disputa por recursos financeiros: trilhas que cruzam um mesmo percurso podem acabar competindo pelos mesmos recursos;
- falta de uma visão sistêmica: uma visão não integrada e ampla acarreta menos sinergia e cooperação entre as diversas trilhas brasileiras.

Sinalizações adotadas em trilhas internacionais e nacionais

Quando observamos as sinalizações das trilhas de longo curso em diversos países do mundo e no Brasil, entendemos cada vez mais a importância da sinalização padronizada e compreendemos que temos um ótimo modelo nacional. Este modelo é fruto de estudos de diversos profissionais e voluntários, e construído a partir da observação de experiências de países referência no tema para criar um sistema de sinalização que pode ser aplicado em redes de trilhas.

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

No contexto internacional, existem diferentes padrões de identidade visual adotados para as trilhas de longo curso. Nos Estados Unidos, por exemplo, o *National Trails System* adotou, por força da Lei de 1968⁹, como sinalização padronizada, o *diamond shape* (formato de diamante), em todas as trilhas que aderem ao Sistema Americano de Trilhas.



Figura 13: Exemplos de identidade visual de algumas trilhas do national trails system (EUA)
Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/National_Trails_System#/media/File:Natl_Hist_Trail_route_signs.JPG

Na Europa, os sistemas de trilhas como o Grand Randonnée adotam logo-marcas padronizadas que identificam a iniciativa em diferentes países.



Figura 14: Identidade visual das trilhas do Grand Randonnée na França
Fonte: <https://www.i-trekkings.net/articles-outdoor/un-nouveau-logo-pour-les-sentiers-de-grande-randonnee-gr/>

Em termos de sinalização de percurso, exemplos internacionais indicam também que existem grandes variações nas formas de sinalização das trilhas de longo curso. Algumas trilhas adotam sistemas de sinalização de percurso simplificados, já outras adotam sistemas mais complexos. É importante ressaltar que quanto mais intuitiva for a sinalização, mais fácil será para os usuários de trilhas terem uma experiência segura e satisfatória. Pensando que nossos usuários possuem diversas características (idade, localidade, cultura, idioma falado, grau de instrução, entre outras), padronizar a linguagem significa facilitar o acesso e circulação nas trilhas de forma segura.



9- <https://www.nps.gov/subjects/nationaltrailssystem/national-trails-system-act-legislation.htm#:~:text=The%20National%20Trails%20System%20Act,while%20encouraging%20greater%20public%20access>

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

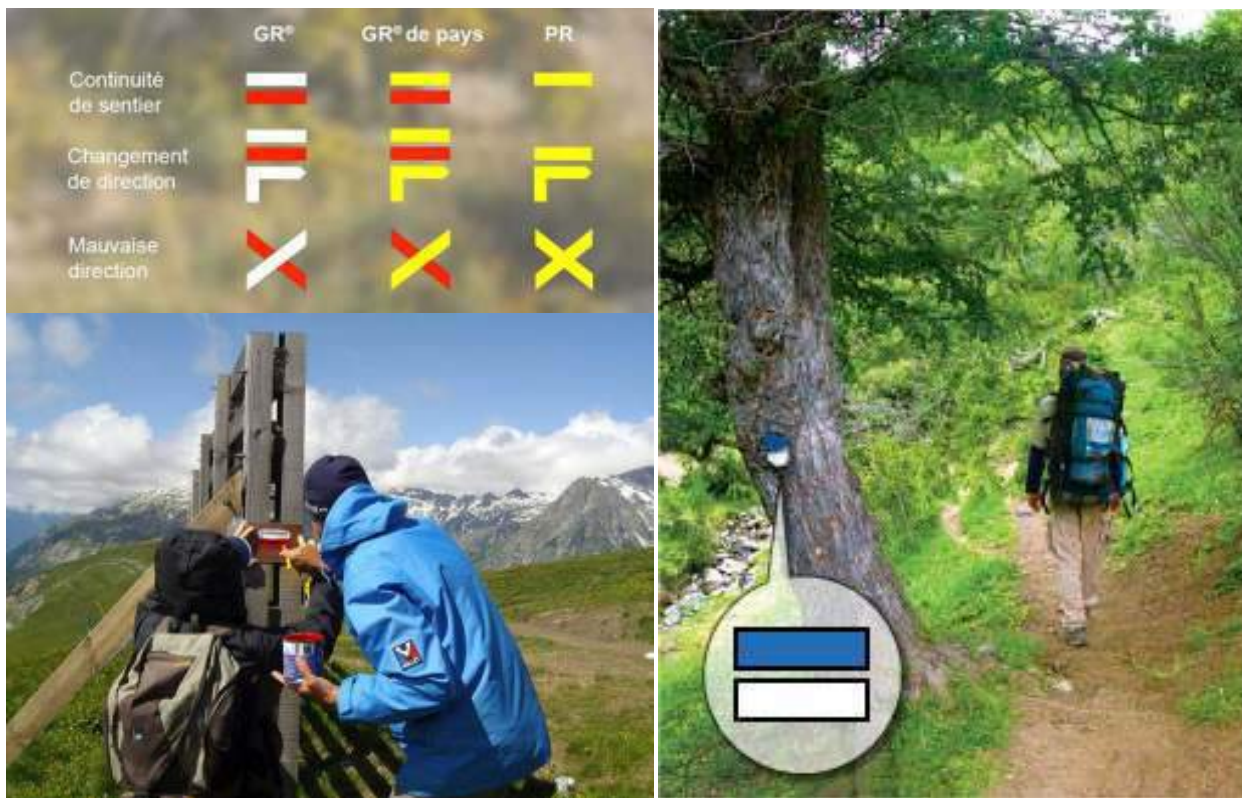


Figura 15: Padrão de sinalização de percurso adotado nas trilhas Grandes Randonnées, à esquerda, e nas trilhas dos Senderos de argentina, à direita



<https://www.mongr.fr/conseils/sinformer/le-balisage-en-randonnee-suvez-les-bonnes-balises>
<https://www.patagoniaexpress.com/index.php/excursiones/huella-andina>



Figura 16: Exemplos de sinalização de percurso na trilha Jeju Olle, na Coreia do Sul

Fonte: <https://blog.trazy.com/jeju-olle-trail-guide/>



COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

As trilhas de longo curso brasileiras, em comparação com alguns exemplos internacionais, ao utilizar a identidade visual padronizada das pegadas amarelas e pretas, em um sistema nacional e padronizado de sinalização de percurso, vão adquirir não só a conformidade no sentido de segurança e sinalização, como também uma organização que mostra qualidade do produto turístico “Trilhas do Brasil” para o mundo.

Um inventário, realizado em 2022, pela Associação Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso, mostra que o Brasil possuía, então, 20.500 km de trilhas de longo curso planejadas. Até aquele momento, 183 trilhas, passando por 415 Unidades de Conservação (UCs) do Brasil, haviam sido sinalizadas com a identidade visual das pegadas amarelas e pretas, contabilizando 8.000 km implementados. Vale ressaltar que a sinalização padrão, disciplinada pelo Manual de Sinalização de Trilhas do ICMBio (2019), visa garantir que a orientação do caminhante se dê sem dificuldades, facilitando também as conexões entre o final de uma trilha local/regional e o início de outra trilha de longo curso.



Figura 17: Exemplos de pegadas de diferentes trilhas do Brasil

Fonte: Associação Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso

Cuidados com o patrimônio natural e cultural

As trilhas se interligam e interagem com inúmeros elementos do patrimônio natural e/ou cultural que precisam ser protegidos e conservados. Podemos citar como exemplos de patrimônio natural: cavernas; abrigos; cachoeiras; e formações geológicas. Exemplos do patrimônio cultural são: sítios arqueológicos pré-históricos e históricos; ruínas; edificações históricas como antigas sedes de fazendas; igrejas e capelas; pontes; fragmentos de estradas; dentre outros. Em muitos casos, elementos do patrimônio natural podem estar associados com outro do patrimônio cultural, como no caso de uma caverna que tem em sua entrada um painel de pinturas rupestres.

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Ao se implementar a sinalização padronizada de uma trilha é importante evitar impactos nesses patrimônios, que podem ser causados, por exemplo, com a pintura de sinalização ou fixação de placas nas paredes de edificações históricas. Nestes casos, a melhor solução é aplicar a sinalização em elementos isolados, não pertencentes ao bem patrimonial, como, por exemplo, tabuletas montadas em postes de madeira.



Figura 18: Implantação correta da sinalização turística

Fonte: <http://www.trilhatrasmantiqueira.com.br/w3/index.php/a-sinalizacao>

Sinalize sua trilha protegendo o patrimônio natural e cultural

Ao sinalizar trilhas nas proximidades de cavernas considere as diretrizes de proteção do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas - CECAV/ICMBio (<https://www.icmbio.gov.br/cecav/>).

Ao sinalizar trilhas nas proximidades de elementos do patrimônio cultural considere as recomendações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (<http://portal.iphan.gov.br/>) e dos órgãos estaduais de proteção do patrimônio cultural.



Considere o Guia Brasileiro de Sinalização Turística (IPHAN, 2021) (http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/guia_brasileiro_sinalizacao_turistica_2aed.pdf), para a sinalização de trilhas que passem por sítios arqueológicos e bens do patrimônio cultural edificado. No caso de bens tombados, será necessário apresentar o projeto de sinalização para análise do órgão patrimonial responsável pelo tombamento.

Manejo de trilhas

Importância do manejo nas trilhas de longo curso

Nas duas primeiras décadas do século XXI, o ICMBio investiu muito na capacitação de analistas ambientais, outros servidores e parceiros do órgão em manejo sustentável de trilhas, no Brasil e no exterior. Hoje, o segmento conta com uma robusta qualidade técnica no assunto.

No cenário nacional, existem algumas publicações de referência, como o Manual de Construção e Manutenção de Trilhas, publicado pela Fundação Florestal de São Paulo, em 2006, a partir da tradução e adaptação do original do Serviço Florestal dos EUA¹⁰. Algumas de suas premissas básicas para uma trilha sustentável são:

- suporta o uso corrente e futuro, com mínimo impacto aos sistemas naturais de uma área;
- produz perda e movimento de solo insignificantes, enquanto permite à vegetação ocupar a área;
- reconhece que a poda ou remoção de certas plantas será necessária para uma manutenção adequada;
- não afeta inadvertidamente a vida animal de uma área;
- acomoda usos existentes, enquanto permite somente usos futuros apropriados; e,
- requer poucas mudanças de traçado e mínima manutenção de longo prazo.

Em nível nacional, outro referencial, aplicável ao planejamento, implementação e manejo sustentável das trilhas de longo curso, é a publicação “Planejamento, implantação e manejo de trilhas em Unidades de Conservação” (Lechner, 2006). Esta publicação traz importantes conceitos relativos ao manejo sustentável de trilhas, a saber:

- abordagem integrada de trilhas – define a base do manejo sustentável de trilhas a partir do ciclo contínuo: planejar, construir, monitorar, manter;
- processo adequado de planejamento – aborda a importância de considerar, no planejamento de trilhas, os objetivos das áreas protegidas em que estão inseridas, assim como aspectos sociais e biofísicos da área destinada a receber a trilha;
- contexto social – define que para o processo de planejamento de uma trilha, com vistas à sua sustentabilidade social, “*é essencial compreender os padrões sociais de uso, de modo a identificar as oportunidades potenciais e as restrições*”, e, ainda, “*essas populações devem ser consultadas durante o processo de planejamento e suas contribuições merecem ser cuidadosamente consideradas*”; e,
- contexto biofísico – aborda o conjunto de aspectos biológicos e físicos em que a trilha está inserida, trazendo o conceito de que “*uma compreensão geral das condições biofísicas do local irá permitir a minimização de impactos, a maximização de atividades de recreação, que sejam evitadas condições perigosas, e a implantação de medidas mitigadoras quando os impactos forem inevitáveis*”.

O manejo de trilhas na perspectiva física de manutenção estrutural é fundamental para prevenir e/ou mitigar eventuais impactos aos recursos naturais em níveis aceitáveis, além de proporcionar a oferta de melhor experiência aos usuários da trilha, de acordo com as intenções de manejo, de projeto ou requisitos do público-alvo. **Assim como a sinalização é imprescindível, a necessidade de manejar uma trilha deve ser inerente a qualquer projeto de trilha.**



10- <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/2017/10/ManualdasTrilhasfinal07-09.pdf>

Manejo de áreas de pernoite – camping selvagem

Em trilhas de longo curso, com centenas de quilômetros de extensão, atravessando diversos tipos de áreas naturais protegidas e remanescentes, certamente é necessária a implementação de áreas de pernoite, com intervalo médio de 15 a 20 km, combinadas a uma rede de apoio de hospedagens de diversas outras categorias, como pousadas, casas de pequenos agricultores, alojamentos e *glampings*. Nesse contexto, as áreas de camping selvagem, ou seja, sem infraestrutura de sanitários, acesso de veículos, abastecimento de água/energia etc., são especialmente críticas em termos de manejo e merecem atenção especial do gestor da trilha.

Devem ser evitados impactos ao ambiente natural, tais como: poluição de cursos d'água e solos por fezes, urina e deposição indevida de lixo; remoção de vegetação nativa; perturbação da fauna; indução de erosão.

Por outro lado, a área de pernoite deve permitir a montagem de barracas e preparação de refeições com conforto, acesso a água de boa qualidade, e deve prover alguma solução sanitária.



Alguns princípios básicos para uma área de pernoite com mínimo impacto para o ambiente natural (adaptado e expandido de *Leave no Trace* - <https://lnt.org/why/7-principles/>) são:

- **delimite** - proíba ou desestime fortemente o acampamento em qualquer lugar. Escolha os locais apropriados para pernoite e incentive apenas o seu uso. Locais de pernoites são geradores de impactos ambientais. Ao determinar o uso apenas de locais previamente escolhidos para o pernoite, você concentrará esses impactos em somente alguns poucos lugares, facilitando, assim, o manejo com vistas a mitigar esses impactos;
- **planeje** – considere com antecedência aspectos como tamanho dos grupos, condicionamento físico, regras da trilha, equipamentos necessários para camping/ acondicionamento de resíduos, estudo do terreno e previsão meteorológica. Escolha com cuidado os locais indicados para acampamento, indique-os nos mapas e aplicativos das trilhas e sinalize bem suas entradas;
- **prepare e sinalize os locais designados para acampar** – utilize locais de pernoite, definidos e sinalizados. De preferência, delimite as áreas para acampamento em locais em que a trilha se abre em grandes clareiras ou em lugares afastados do leito da trilha (entre 100m e 500m da trilha principal). Escolha locais que tenham superfícies duráveis, que não empapem com a chuva e que gerem mínimo impacto para solo e vegetação. É importante estar próximo à água potável, protegido do vento e com sombra. Delimite os locais para a montagem de cada barraca, mantendo distância de no mínimo 50 metros em relação aos corpos d'água;
- **faça a disposição correta de resíduos** – lixo – não coloque latas de lixo na área de acampamento. Sinalize orientando os trilheiros a levar de volta seu lixo. Com relação a fezes, urina e papel higiênico, oriente a disposição em áreas preparadas e sinalizadas – utilize sanitários secos, *shit tubes*, ou outros sistemas que evitem a poluição dos recursos hídricos e solo;

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO



- **minimize os riscos de incêndios florestais** – avalie se é necessário e permitido fazer fogueiras no local. Como regra geral evite a autorização de fogueiras e deixe essa proibição bem-sinalizada. Caso seja autorizado o uso de fogueiras, delimite áreas isoladas e protegidas de modo a evitar que se propague o fogo causando incêndios;

- **evite impactos na fauna** - crie regras para evitar atitudes como: alimentar animais, realizar a trilha acompanhado de animais de estimação e aproximação de animais selvagens; estimule o uso do aplicativo da Fiocruz: SISS-Geo – Sistema de Informação em Saúde Silvestre (<https://sissgeo.lncc.br/apresentacao.xhtml>);

- **proveja bancos e cobertura rústica** - de modo a minimizar impactos, considere a possibilidade de construir no camping uma mesa rústica com bancos e uma cobertura de palha ou telhas. Ao concentrar a alimentação e a socialização no pernoite em um só lugar, além de prover conforto ao trilheiro, você também concentrará os impactos em um só lugar;

- **considere os outros usuários** – sinalize a necessidade de cortesia para com os outros usuários nas áreas de pernoite, proibindo ruídos desnecessários e incentivando o sentimento de “estar tranquilamente em contato com a natureza”.

Em unidades de conservação, as áreas de pernoite devem estar de acordo com as determinações dos planos de manejo, regras de uso e seu zoneamento.

Para o gestor da trilha, são fundamentais ações como: planejar, implementar e monitorar a infraestrutura mínima; e monitorar a qualidade da água nos corpos hídricos (córregos, rios, lagos). Em havendo recursos, considere a opção de construir abrigos de montanha, como os existentes na trilha de longo curso Caminhos da Serra do Mar, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, ou, ainda, abrigos mais simples como os de três paredes usados na Appalachian Trail e na Bibbulmun Track.



Janaína Lima - Trilha Cassino - Barra do Chuí

Para saber mais:

<https://lnt.org/>

<https://ambientalistasemrede.wordpress.com/2012/05/19/sustentabilidade-na-pratica-abrigo-4-pedra-do-sino-teresopolis/>

<http://www.femerj.org/wp-content/uploads/FEMERJ-MAN-2013-01.pdf>

<https://www.bibbulmuntrack.org.au/the-track/>

<https://blogdescalada.com/shit-tube-pni/>



COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Boas práticas internacionais e nacionais em sinalização e manejo de trilhas

Existem diversos manuais técnicos, direcionados à sinalização e manejo de trilhas, elaborados a partir de experiências de êxito que sistematizam boas práticas a serem consideradas por quem está criando uma trilha de longo curso. A seguir, apresentamos exemplos de boas práticas internacionais e nacionais.

Boas práticas	País	Referência
Caracteriza os espaços geográficos, os significados e os tipos de usos recreacionais para trilhas, orientando as melhores práticas para uma boa construção e gestão de percursos.	Austrália	SOUTH AUSTRALIAN TRAILS COORDINATING COMMITTEE, SOUTH AUSTRALIA GOVERNMENT. Guidelines for the Planning, Design, Construction and Maintenance of Recreational Trails in South Australia, 2005 https://www.southaustraliantrails.com/files/wp-content/uploads/2017/03/trail-design-guidelines.pdf 
Orienta a definição do perfil do público-alvo, ao propor recomendações técnicas para sinalização; Introduz os conceitos de capacidade de carga, acessibilidade, distribuição espacial, conexão e infraestrutura de trilhas.	Chile	CONSULTORÍA E INGENIERÍA AMBIENTAL - AMBAR Y COMISIÓN NACIONAL DEL MEDIO AMBIENTE - CONAMA. Manual técnico de estándares y recomendaciones - Para el diseño, construcción y mantención del sendero de Chile, 2002 http://parquesparachile.cl/dmdocuments/manual_sendero.pdf 
Boas práticas gerais para se executar atividades ao ar livre (caminhada e outros modais); Define recomendações de planejamento e gestão de percursos; Informa os usuários da maneira adequada.	Canadá	TRAILS STANDARDS WORKING GROUP. DISTRICT OF SQUAMISH-CANADA. Trails Standards Manual. Canada, 2009. https://squamish.ca/assets/4eb318a9e3/Trail-Standards-Manual-0411.pdf 

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Guia para o planejamento da sinalização de trilhas a partir da classificação e tipo de atividade recreativa; Recomendações para práticas de manejo.	Estados Unidos	NYS OFFICE OF PARKS, RECREATION AND HISTORIC PRESERVATION. Trail Signage Guidelines for the NYS Park System. State of New York, USA. 2010. https://parks.ny.gov/documents/recreation/trails/TrailsTechnicalSignageGuidelines.pdf 
Apresenta e discorre sobre práticas e estratégias de planejamento de trilhas a partir da sua extensão, localização, conectividades e propostas de atividades recreacionais.	Espanha	FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE DEPORTES DE MONTAÑA Y ESCALADA - FEDME. Manual de Senderos 4ª ed. Ed. Prames, S.A. 2007 (2021). https://www.fcdme.es/sites/default/files/docs/manualsenderosfedme_21.pdf 



Quadro 3: Exemplos e referências internacionais relacionadas a sinalização e manejo de trilhas
Fonte: Adaptado de Mello (2019).

No contexto brasileiro, no que tange à sinalização, a RedeTrilhas segue a normatização da Portaria Conjunta MMA/MTur/ICMBio nº 500/2020 e utiliza o Manual de Sinalização de Trilhas do ICMBio (2019)¹¹. Também é utilizado o manual, do mesmo órgão, Fundamentos de Planejamento de Trilhas (2020)¹². Subsidiariamente vale, ainda, consultar os manuais elaborados pela Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro (FEMERJ) - Boas práticas para sinalização em trilhas (2018)¹³ e Manejo da visitação em áreas naturais - Conceitos para planejamento (2013)¹⁴.

11- https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/Uso-publico/manual_de_sinalizacao_de_trilhas_sinalizacao_rustica.pdf

12- https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/fundamentos_do_planejamento_de_trilhas.pdf

13 - http://www.femerj.org/wp-content/uploads/FEMERJ-MAN-2018-01-Boas_Praticas-_Sinalizacao_em-Trilhas.pdf

14 - <http://www.femerj.org/wp-content/uploads/FEMERJ-MAN-2013-01.pdf>

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Boas práticas	País
Orienta e padroniza a sinalização dos trechos que integram a RedeTrilhas; Define padrões de identidade visual; Apresenta metodologias e diretrizes objetivas para sinalizar os percursos de forma adequada.	Manual de Sinalização de Trilhas do ICMBio (2019) https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/Uso-publico/manual_de_sinalizacao_de_trilhas_sinalizacao_rustica.pdf 
Apresenta e desenvolve conceitos fundamentais relativos ao planejamento, implantação e manutenção de trilhas, incluindo o marco metodológico, tipologia, classe, uso e parâmetros de projeto – tanto para a implantação de novas trilhas como para o manejo daquelas já existentes nas unidades de conservação federais; Define diretrizes para oferecer uma experiência de qualidade, no contato com a natureza.	Fundamentos de Planejamento de Trilhas (ICMBio, 2020) https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/fundamentos_do_planejamento_de_trilhas.pdf 
Direciona ações positivas de sinalização e estratégias de manejo de trilhas.	Manejo da visitação em áreas naturais - Conceitos para planejamento (2013) Boas práticas para sinalização em trilhas (2018) http://www.femerj.org/wp-content/uploads/FEMERJ-MAN-2018-01-Boas_Praticas-_Sinalizacao_em-Trilhas.pdf 
Envolve voluntários no processo de planejamento, sinalização e manutenção de trilhas; Sugere passos para a criação de corpo técnico voltado para a governança, brigadas de combate a incêndios, busca e salvamento; Busca a sensibilização e educação ambiental ligadas às trilhas.	Associação Rede Brasileira de Trilhas http://www.redetrilhas.org.br/w3/index.php/rede-trilhas/passo-a-passo 

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Envolve voluntários no processo de planejamento, sinalização e manutenção de trilhas; Sugere passos para a criação de corpo técnico voltado para a governança, brigadas de combate a incêndios, busca e salvamento; Busca a sensibilização e educação ambiental ligadas às trilhas.	Associação Rede Brasileira de Trilhas http://www.redetrilhas.org.br/w3/index.php/rede-trilhas/passo-a-passo 
Adota práticas e ações de mobilização, visando o mínimo impacto no ambiente de montanha; Adota a filosofia do mínimo impacto (Leave no Trace) e os 7 princípios básicos para ética nas atividades ao ar livre.	Associação Trilha Transmantequeira http://www.trilhatransmantequeira.com.br/w3/index.php/a-sinalizacao 
Define diretrizes detalhadas sobre a sinalização e simbologia utilizada nas trilhas.	Trilha Transcarioca https://trilhatranscarioca.com.br/sinalizacao/ 
	Trilha Transmantequeira http://trilhatransmantequeira.com.br/w3/index.php/a-sinalizacao 
Quadro 4: Exemplos e referências nacionais relacionadas a sinalização e manejo de trilhas Fonte: Elaboração própria	

Planejando e executando a sinalização e manejo da trilha - Roteiro de ações

Desenvolva uma pegada

Crie e desenvolva graficamente uma pegada que represente bem a vocação, o propósito e a identidade da trilha. Nesse processo é fundamental ouvir as pessoas que colaboraram com a criação da trilha e pesquisar aspectos do patrimônio natural e cultural que poderão auxiliar na elaboração da marca da trilha. Dê preferência à incorporação, na pegada, de elementos ou ícones consagrados localmente ou na região (a exemplo do Cristo Redentor na pegada da Trilha Transcarioca e do Dedo de Deus na pegada do Caminhos da Serra do Mar).

O mesmo ocorre nos trechos das trilhas de longo curso que passam por UCs federais. Na Reserva Extrativista Chico Mendes (AC), elas apresentam as seringueiras; na Floresta Nacional de Canela (RS), as araucárias; no Caminho dos Veadeiros, a pegada imprimiu o símbolo do veado; nos Caminhos da Baleia Franca, que passa pela Área de Proteção Ambiental de mesmo nome, o ícone utilizado foi a baleia.

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO



Figura 19: Exemplos de pegadas de sinalização e marcas de trilhas de longo curso brasileiras

Fonte: https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/areasprotegidasecoturismo/parquemais/rede-trilhas/af_giz_foldersnuc_web_vdefeso-2.pdf

Na criação da marca lembre-se que ela vai ter que ser cortada em um molde para a pintura rústica. Nesse sentido, “menos é mais”. Elabore uma pegada simples e sem muitos detalhes difíceis de cortar; não tente gerar desenhos complexos e não hesite em buscar ajuda de profissionais locais com experiência em criação de design gráfico e criação de marcas. Definida a marca, teste sua aceitação e identidade com a comunidade e faça um teste de aplicação. Não se esqueça dos parâmetros de padronização já explicados anteriormente, seguindo como referência o Manual de Sinalização de Trilhas, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, e o Manual de uso da marca “Trilhas do Brasil”, da Associação Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso. Assegure-se que os direitos autorais do desenho estejam registrados para uso em produtos relacionados a sua trilha.

Faça uma Oficina de Sinalização

Esta atividade é fundamental para engajar voluntários locais e regionais aos processos de sinalização da sua trilha. Isso tem sido feito há décadas, com muito sucesso, em diversos países. Para fazer uma boa oficina ou mutirão de sinalização:

- veja e solicite aos participantes da oficina que também vejam os tutoriais da RedeTrilhas: (https://www.youtube.com/watch?v=N3el4u_BBsl e <https://www.youtube.com/watch?v=kWlIt-9PhxM&t=55s>);
- defina e apresente o Projeto de Sinalização;
- com base no traçado, defina os trechos a sinalizar, começando pelos com maior governança;
- desenvolva o uso da sua pegada, utilizando como referência o Manual de uso da marca “Trilhas do Brasil” da Associação Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso;
- inicie a criação, nem que seja de forma provisória, do Núcleo de Governança da sua trilha, estabelecendo, pelo menos: coordenador-geral, coordenador técnico e coordenador de comunicação;
- identifique, contacte e engaje os voluntários;
- finalize a oficina com definição de metas e objetivos alcançáveis;
- defina um calendário de oficinas sucessivas, pois é um processo constante;
- após a primeira oficina, não se esqueça de cadastrar a sua trilha no site da Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso: www.redetrilhas.org.br.

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Realize a oficina de sinalização com os atores relevantes na região, que poderão ser envolvidos com o uso e gestão da sua trilha:

- membros de grupos de caminhada e de montanhismo;
- condutores de visitantes e outros prestadores de serviços;
- usuários, tais como corredores de trilhas, ciclistas, escoteiros;
- voluntários da RedeTrilhas;
- gestores e representantes de Unidades de Conservação e mosaicos de conservação locais e regionais;
- servidores de órgãos e secretarias de meio ambiente, turismo e entidades de extensão rural (Emater);
- proprietários rurais locais;
- proprietários de pousadas;
- gestores de atrativos do patrimônio natural e cultural local e regional;
- pesquisadores de universidades e ONGs locais e regionais.

A oficina é mais uma ótima oportunidade para formar as bases da governança da sua trilha!

Sinalize!

Coloque em prática tudo o que foi planejado, sinalizando a trilha, e considerando que o processo de sinalização é progressivo e contínuo.

Aplique a sinalização rústica direcional na trilha. Além do Manual de Sinalização de Trilhas do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, há vídeos gratuitos disponíveis na internet orientando como fazê-lo¹⁵.

Podem ser instaladas tabuletas indicando orientações de percurso, distâncias e nomes de pontos de interesse, facilitando a navegação para os usuários da trilha. Na entrada das trilhas, sempre que possível, devem ser colocadas placas de início de trilhas contendo informações de cada percurso, o perfil altimétrico, termo de conhecimento de riscos, entre outros.



15- Sinalização rústica: Como usar as pegadas amarelas e pretas para sinalizar as Trilhas Brasileiras – YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=N3el4u_BBsl

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Faça um cronograma de manutenção

Elabore os cronogramas de manutenção da sinalização e do manejo da trilha. Depois de implementado, todo o sistema de sinalização requer manutenção, pois está exposto às intempéries, como ação do sol e chuva. Essa dinâmica será constante, por isso é tão importante formar e envolver um corpo de voluntários locais para manutenção periódica. Em geral, a sinalização rústica, pintada, precisa de manutenção a cada 12-18 meses.

Busque capacitação técnica em manejo de trilhas para seu corpo de apoiadores, sejam eles profissionais e/ou voluntários, e busque referências na área. Identifique os trechos da trilha que estão erodidos ou que apresentem outros impactos sobre os recursos naturais. Identifique trechos que precisam de outras intervenções de manejo, tais como:

- estruturas de drenagem do leito da trilha;
- controle e recuperação de processos erosivos;
- planejamento e implementação de infraestruturas como: pontes, escadas, corrimãos, guarda-corpos, mirantes; e,
- identifique outras ações que irão aumentar o grau de acessibilidade e conforto da sua trilha.

Assim como acontece com a sinalização, a infraestrutura da sua trilha deve ser planejada e desenvolvida de forma progressiva. Lembre-se que deve existir um equilíbrio entre propósito da trilha, recurso financeiro disponível, experiência do usuário e impactos gerados pela própria infraestrutura. Uma trilha em ambiente natural não vai ter o conforto de uma trilha urbana. Lembre-se que numa trilha em áreas naturais protegidas e remanescentes, a natureza é o principal atrativo. Trilhas com excesso de infraestrutura proporcionam uma experiência mais próxima do ambiente urbano e requerem **muita manutenção**. Lembre-se da importância da cultura local! Trilhas com infraestrutura utilizando materiais e técnicas locais, adaptadas ao ambiente natural, geralmente requerem **menos manutenção** e proporcionam uma experiência mais natural, justamente o que muitos trilheiros procuram.

Planejamento e design de trilhas em relação ao terreno

Elaborar o planejamento da trilha e dos parâmetros de acordo com o Manual de Fundamentos do Planejamento de Trilhas (ICMBIO, 2020), tópico que trata do “uso manejado”.

Planejar o design de trilhas em relação ao terreno, a partir das seguintes premissas:

1. Verificar pontos de controle e identificar pontos adicionais, que não tenham sido

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

- percebidos ao estudar os mapas e imagens de satélite da trilha.
2. Verificar se a rota esboçada é praticável a partir da experiência de outros usuários que já percorreram o traçado planejado.
 3. Encontrar o alinhamento que melhor se harmonize com todos os objetivos da trilha.
 4. Identificar pontos de controle positivos, que enriqueçam a experiência do usuário.
 5. Confirmar se a rota é razoável de se construir e de se manter.
 6. Avaliar a interação da trilha com forças naturais, tais como: água e seu fluxo superficial, interação com fauna, dinâmica de vertentes, dentre outros.
 7. Avaliar o tipo de terreno onde a trilha será implantada (terrenos alagados, trechos encharcados, rios etc.).
 8. Identificar a necessidade de dotar as trilhas com elementos e infraestrutura básica (corredor, pontes, passarelas, alicerces, pisos, muros de contenção, degraus etc.).
 9. Avaliar como será implantada a sinalização das trilhas.
 10. Avaliar a necessidade de proceder com recuperação de trechos da trilha.

Diego Monsores - Trilha Transcarioca - TLC Nacional Oiapoque x Barra do Chui
Parque Natural Municipal de Grumari - RJ



Também é fundamental desenvolver um plano e estratégias de monitoramento dos impactos da visitação na trilha. Uma importante referência nacional neste sentido é o Roteiro Metodológico para Manejo de Impactos da Visitação (https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/roteiros/Roteiro_Impactos_de_Visitacao_WEB.pdf). Esta abordagem dos impactos da visitação ilustra exemplos de ações de manejo aplicáveis, principalmente em áreas com uso público em Unidades de Conservação, mas estes conceitos são aplicáveis à realidade das trilhas em geral.

Crie mecanismos de envolvimento para ações de monitoramento e manutenção

As oficinas de sinalização e ações de manutenção/monitoramento de trilhas são ótimas oportunidades para criar envolvimento e engajamento dos voluntários com sua trilha. Nada como “colocar a mão na massa” para se envolver com a satisfação de estar numa trilha. Sabe-se que muitas pessoas começaram a utilizar as trilhas de longo curso a partir de uma experiência com grupos de voluntários.

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Formar e manter um corpo de **voluntários**, orientado tecnicamente pelo núcleo de governança da trilha, é um dos mecanismos mais eficientes de envolvimento. Na manutenção deste grupo é importante a parceria com a iniciativa local, para facilitar a obtenção de materiais e logística, como transporte, hospedagem e alimentação.

Realizar **cursos de capacitação técnica** em planejamento, implementação e manejo de trilhas é outra forma importante de engajamento. Para isso é importante identificar parceiros, como a Associação Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso, ONGs ligadas à conservação da natureza e capacitação técnica, SEBRAE, universidades e órgãos ambientais.

O importante é criar a ideia, em sua região, de que **a trilha requer cuidados e aprimoramento constantes**, e isso deve acontecer em nível local e regional. Um condutor de visitantes, por exemplo, deve entender que uma trilha mal planejada e mal manejada impacta negativamente o seu negócio. Já uma trilha bem-planejada, bem-sinalizada, bem-manejada, gera uma cadeia crescente de benefícios que pode impactar positivamente na geração de emprego e renda naquela localidade.



Passo 4: Estabelecer parceria com os proprietários privados e órgãos gestores

Para uma trilha de longo curso funcionar é imprescindível **obter acordos** de servidão de passagem com proprietários privados de terras e gestores públicos, nos casos em que a trilha passa por terras públicas. Este processo de obtenção de acordos tem sido decisivo para o desenvolvimento e consolidação do uso de diversas trilhas pelo mundo, como a Appalachian Trail, e, no caso do Brasil, como tem ocorrido na Trilha Transmantiqueira, Caminhos da Baleia Franca, Caminho dos Faróis, dentre outras.

É importante mostrar, por exemplo, a um proprietário privado de terras que um acordo com uma trilha bem-planejada e manejada contribui para o controle de processos erosivos, melhora aspectos de tráfego e da segurança da sua terra, além de criar oportunidades para a geração de ingressos financeiros extras, advindos da visitação. **É desejável um uso controlado e acompanhado, em lugar de um uso informal e descontrolado.**

No caso de áreas de gestão pública, como Unidades de Conservação ou mesmo áreas pertencentes a prefeituras, é fundamental estabelecer contato com os gestores e convidá-los para compor o núcleo de governança da sua trilha. No caso de Unidades de Conservação é imprescindível o conhecimento e cumprimento das regras e zoneamento estabelecidos nos planos de manejo.

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

Parceria Trilha Amazônia Atlântica e Fazenda Santa Helena

Município: Santa Isabel do Pará, PA

Na travessia do Rio Caraparu, no município de Santa Isabel do Pará, a única escolha viável fora do asfalto foi incluir um percurso de cerca de 2 km em área privada. Na primeira conversa que tivemos com o proprietário da Fazenda Santa Helena, ele não sentiu vontade de integrar a proposta, ainda em seu início, não autorizando a passagem através de sua fazenda, que tem como principal atividade a pecuária.

Contudo, fomos aprofundando o diálogo e enviando algumas publicações de maior destaque sobre outras trilhas da Rede Brasileira de Trilhas. Mas o fator mais relevante que colaborou com a parceria foi o fato da sinalização contribuir com o ordenamento do uso do local pelos ciclistas dentro da fazenda. O importante é que os ciclistas já pulavam a porteira e entravam eventualmente na área, com o risco de se perderem e causarem problemas para o proprietário ou para si mesmos. Com a sinalização, agora esse risco está mitigado e no final uma relação de ganha-ganha foi estabelecida. Menos problemas com os ciclistas e mais um trecho importante para os usuários da trilha.

No dia D da sinalização, fizemos algumas plaquetas com o objetivo de lembrar o usuário de permanecer na trilha. E o Sr. Paulo, proprietário da fazenda, encaminhou os funcionários da fazenda para apoiar a atividade, que contou ainda com o apoio da Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade e Secretaria de Turismo do Pará. Inclusive, disponibilizando um lanche maravilhoso para todos.

A integração da Fazenda Santa Helena viabilizou a implementação de um trecho importante e foi, sem dúvida, um passo fundamental no estabelecimento da rede de parcerias criada pela trilha na região.



Figura 20: Sinalização indicativa que contribui com o ordenamento da propriedade privada na travessia do Rio Caraparu.

Fonte: Júlio Cesar Meyer Junior



Figura 21: Sinalização indicativa demonstra a parceria entre a trilha Amazônia Atlântica e fazenda Santa Helena.

Fonte: Júlio Cesar Meyer Junior

Exemplo de Termo de Autorização de Servidão de Passagem – Trilha Transmantiqueira

AUTORIZAÇÃO DE SERVIDÃO DE PASSAGEM DAS PARTES E DOS REPRESENTANTES LEGAIS:

DOMINANTE: ASSOCIAÇÃO TRILHA TRANSMANTIQUEIRA (ATT), uma associação civil de fins não econômicos, que tem por finalidade implantar e gerir a Trilha Transmantiqueira, com sede na Rua Francisco Crescente 16, Jardim Nova Extrema, município de Extrema/ MG, CEP 37640-000, neste ato, representada por seu Presidente, XXXXXXXX, brasileiro, casado, portador da C.I. nº. XXXXXXXX SSP/RJ e C.P.F. nº. YYYYYYYY-YY.

SERVIENTE:

Nome,....., nacionalidade,.....
....., profissão,....., estado civil,.....,
carteira de Identidade nº....., C.P.F. nº.....,
residente e domiciliado na Rua,....., nº.....,
bairro,....., Cidade,....., no Estado de
....., Cep....., Telefone.....,
Email.....

As partes acima identificadas têm, entre si, justo e acertado a presente autorização de Servidão de Passagem, que se regerá pelas cláusulas seguintes e pelas condições descritas no presente.

DO OBJETO DO CONTRATO

Cláusula 1ª. O presente tem como OBJETO a cessão de servidão de passagem no imóvel de propriedade do SERVIENTE, situado na zona rural....., na cidade de no Estado de, livre de ônus;

Cláusula 2ª. O proprietário cederá ao Dominante a passagem no que será denominado como “Trilha Transmantiqueira”, situada nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, devidamente reconhecida pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) como integrante da Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade – Rede Trilhas, através da Portaria MMA Nº 543/2021.

Cláusula 3ª. A passagem se faz necessária, uma vez que o Projeto Trilha Transmantiqueira percorrerá, aproximadamente, 1200 Km. O projeto é um conector de pessoas, culturas, Unidades de Conservação e paisagens; um instrumento para prática esportiva (saúde), desenvolvimento econômico (turismo de aventura, esportivo, ecológico e cultural) e conservação da biodiversidade local.

DA PASSAGEM

Cláusula 4ª. A servidão se consubstanciará na passagem a ser feita na nesga de terras de propriedade do SERVIENTE.

Cláusula 5ª. Com Relação aos horários de tráfego dos usuários, quando houver, será comunicado por meio de placas e informativos.

Cláusula 6ª. As partes acordam que a presente cessão será gratuita, salvo despesas gastas com a execução das obras e aquelas relacionadas ao uso normal do imóvel que ficarão a cargo do DOMINANTE. Poderá o SERVIENTE explorar comercialmente atividades relacionadas ao turismo e a prestação de serviços no trajeto do caminho.

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

CONDIÇÕES GERAIS

Cláusula 7ª. Penhora ou gravames ocorridos nos imóveis do SERVIENTE nunca recairão na servidão de passagem, bem como não eivarão de vício o presente instrumento.

Cláusula 8ª. A passagem será utilizada única e exclusivamente para fins da Trilha Transmantequeira.

Cláusula 9ª. A manutenção da Trilha Transmantequeira será realizada pelo DOMINANTE em parceria com outros órgãos e prefeituras municipais. Poderá ainda o SERVENIENTE colaborar na manutenção desses trajetos, caso haja interesse.

Cláusula 10ª. O presente instrumento é irretratável e irrevogável. A cessão não será cedida, vendida ou repassada, vinculando as partes.

DO FORO

Cláusula 11ª. Para dirimir quaisquer controvérsias oriundas do CONTRATO, as partes elegem o foro da comarca de Por estarem, assim, justos e contratados, firmam o presente instrumento, em duas vias de igual teor, juntamente com 2 (duas) testemunhas.

Local....., data...../...../.....

Seguem as Assinaturas:

Dominante:

XXXXXXXXXXXX (Presidente da Associação Trilha Transmantequeira)

Serviente:

Testemunha 1

Testemunha 2

.....
(Nome, RG e assinatura da)

.....
(Nome, RG e assinatura da)



Passo 5: Conhecer e cumprir as normas de segurança

A importância do conjunto de normas e orientações no que compete às trilhas de longo curso reside no fato de que todo o andamento da atividade deve estar explícito para o usuário e para o operador (quando este for o caso), implicando que o risco deve ser conhecido, assumido e controlado a partir de uma classificação, descrição do percurso, bem como a identificação dos pré-requisitos e recomendações para a execução da trilha com segurança. Assim, quando houver uma relação comercial entre prestador de serviço e cliente, recomenda-se a assinatura por parte deste último de um termo de conhecimento de riscos. É importante, contudo, lembrar que muitos praticantes de trilhas caminham sozinhos ou sem o acompanhamento de um prestador de serviços. Para este público é fundamental que as placas de início de trilha tenham com clareza um texto de conhecimento dos riscos inerentes à atividade. Neste caso, os usuários das trilhas de longo curso não precisam, necessariamente, assinar um termo de conhecimento de risco, mas as trilhas devem estar sinalizadas com esta informação.

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO



A caminhada em trilhas ou qualquer outra atividade praticada ao ar livre está sujeita a riscos de acidentes / incidentes graves, até mesmo a morte. Ao entrar na trilha você está assumindo esses riscos inerentes à atividade. Lembre-se: sua experiência fica mais proveitosa e mais segura com um condutor local capacitado.

BE WARNED! Hiking or any other outdoor activity is subject to the risk of serious accidents / incidents, which can even result in death. When entering the trail, you are accepting the risks inherent to the activity. Remember: your hike will be safer and more enjoyable when done with a trained local guide. entry on the trail.

Figura 22: Exemplo de termo de conhecimento de risco adotado em diversas trilhas brasileiras, geralmente constando na placa de início de trilha

Informação mínima que deve constar nas placas de início de trilha:

“ATENÇÃO: AO ENTRAR NA TRILHA VOCÊ ESTÁ ASSUMINDO RISCOS: ESTEJA DE CIENTE DE QUE:

fazer trilha em áreas naturais implica em riscos que podem causar sérios danos à saúde e até mesmo a morte, tais como choque térmico, afogamento, rajadas de vento, raios, isolamento, ataques de animais peçonhentos ou não, picadas de insetos, queda de árvores, mau tempo, trombas de água, escorregões, queimaduras, entre outros. Você deve estar preparado para adversidades em caso de acidente/incidente e deve portar equipamento de segurança, como lanternas e celulares, kit de primeiros socorros, entre outros”.

Em áreas com muito uso por turistas estrangeiros, faça o termo de conhecimento de riscos também no idioma mais usado pelos visitantes não brasileiros

Não pode faltar nas informações de segurança do produto trilha de longo curso:

Alguns aspectos fundamentais podem ser elencados como chave para definir o direcionamento sobre as normas de segurança nas trilhas de longo curso, a saber:

1. extensão;
2. orientação;
3. grau de dificuldade;
4. altimetria;
5. grau de intervenção;
6. intensidade de uso;
7. riscos e perigos associados;
8. precaução;
9. sinalização;
10. planejamento; e,
11. manutenção.

COMO CRIAR E ESTRUTURAR UMA TRILHA DE LONGO CURSO

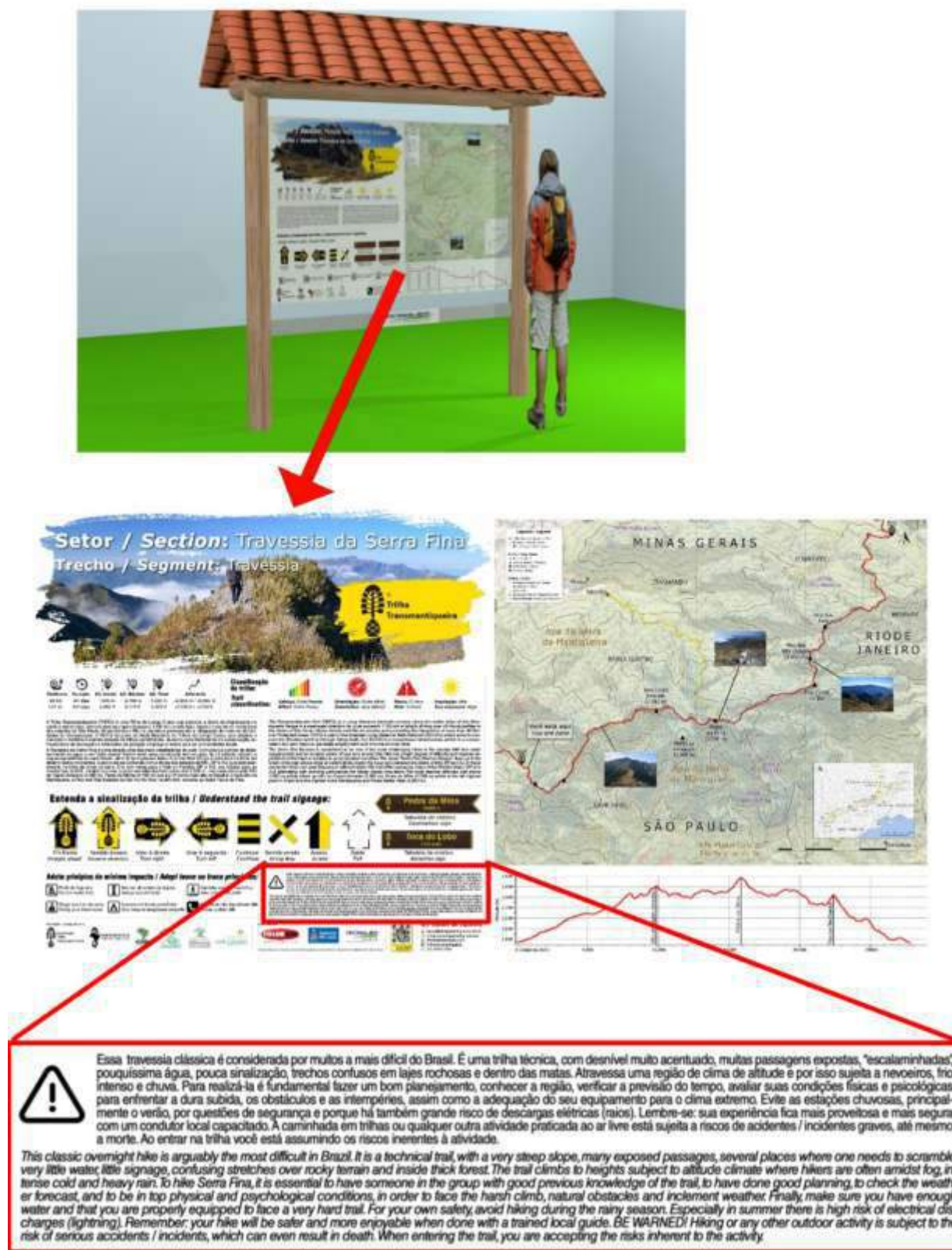


Figura 23: Exemplo de placa de início de trilha contendo texto (ampliado) com informações específicas de segurança e termo de conhecimento de risco, ao final

Para Operadores de Turismo de Aventura

No que se refere às trilhas de longo curso, as atividades realizadas no percurso estão contempladas pelo programa de normalização publicado pelo Comitê Brasileiro de Turismo (ABNT/CB). Outro ator relevante nesta esfera é a entidade que representa as empresas do segmento de ecoturismo e turismo de aventura (ABETA), que atua de forma consistente na consolidação do mercado da vida ao ar livre e na disseminação da oferta mais segura das atividades de aventura. É de suma importância que em todo o processo de estruturação de uma trilha de longo curso – desde seu planejamento até a implementação e formatação de produtos turísticos – as atividades propostas ao longo dos percursos abarquem o vasto leque de normas técnicas, cujo objetivo é prover segurança ao turista e aos operadores.

Destaca-se, ainda, que, atualmente, a ABETA é a entidade responsável pela secretaria técnica dos trabalhos de normalização no Brasil. O Programa Aventura Segura, resultado de uma parceria entre o Ministério do Turismo, o Sebrae Nacional e a ABETA, culminou na confecção de um conjunto de 10 Manuais de Boas Práticas (<https://abeta.tur.br/download-category/manuais-de-boas-praticas/>), dentre eles, o Guia de Implementação: Turismo de Aventura – Sistema de Gestão da Segurança (2009) e o Manual de Boas Práticas de Caminhada e Caminhada de Longo Curso (2009), baseando-se fundamentalmente nas Normas Técnicas da ABNT em vigor no momento de sua elaboração.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS



COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS



Passo 6: Formatar o produto turístico trilha de longo curso

Vocação, propósito, conceito, identidade e narrativa como ponto de partida

O foco na vocação e propósito da trilha de longo curso permite que se estabeleça um fio condutor em torno do qual se deverá organizar a evolução da oferta turística no território e a formatação de produtos turísticos. A interação entre a trilha de longo curso e sua área de abrangência deve gerar uma combinação coerente de recursos, equipamentos e serviços, agrupados em função de um ou vários temas unificadores e de características compartilhadas que lhes atribuam determinada identidade ou imagem sobre a base da sua vocação turística e em face das demandas-alvo.

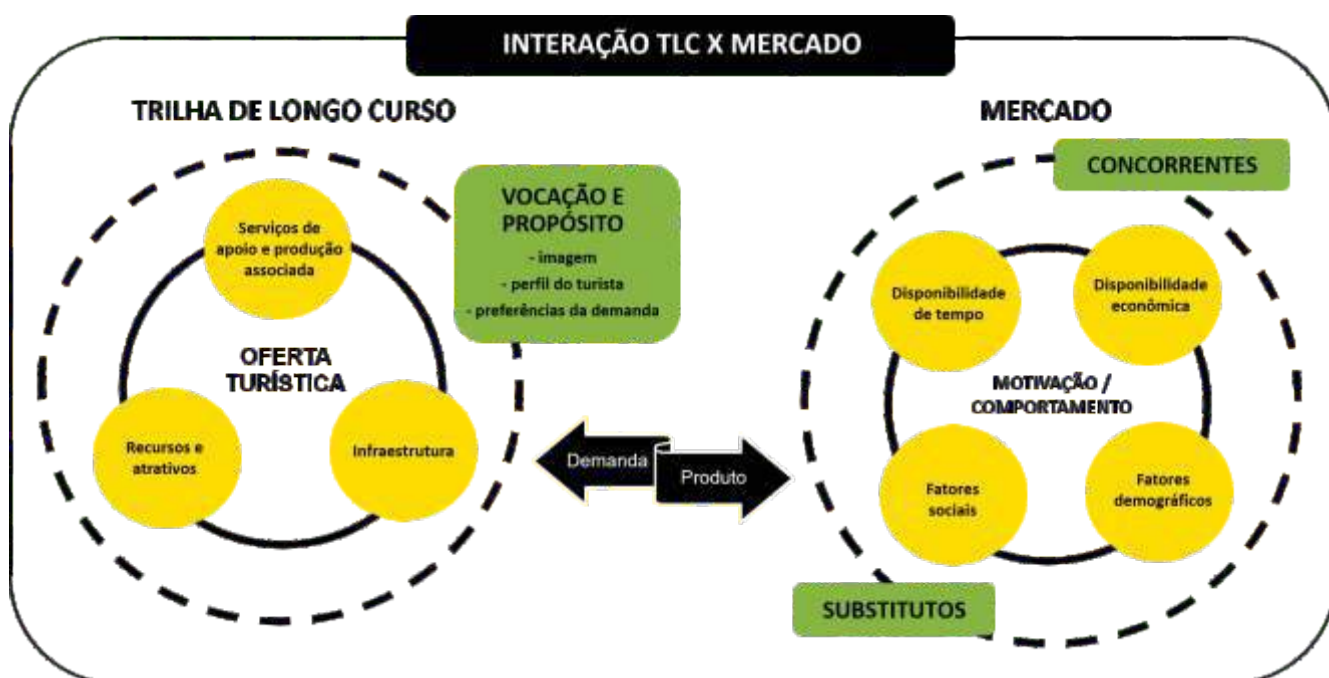


Figura 24: Imagem simplificada e explicativa da interação e inserção das trilhas de longo curso com os elementos do mercado turístico para formatação de um produto turístico

Fonte: PLANTUC (Elaboração própria)

Entende-se que a análise do mercado turístico deve ser realizada em sinergia com a vocação e propósito da trilha de longo curso (modais e características, atuais ou desejados), traduzida nos segmentos turísticos ou nichos de mercado (ecoturismo, turismo de aventura, cultural, de base comunitária, étnico, religioso, dentre outros) nos quais a trilha possa e tenha interesse em investir. No produto turístico trilha de longo curso, a própria trilha é o atrativo principal. Neste sentido, toda a oferta turística (infraestrutura, atrativos associados, serviços de apoio ao turista e produção associada ao turismo) da trilha de longo curso deve estar estruturada, alinhada e direcionada para atender às especificidades e necessidades da demanda relacionada a sua vocação e propósito.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Ou seja, a vocação e o propósito influenciam em todos os aspectos da criação, estruturação e promoção da trilha de longo curso, desde a escolha do traçado e sinalização (como vimos nos passos 1 ao 4) à formatação do produto turístico e sua comercialização.

A demanda turística está sempre se atualizando e sendo modificada, em função de fatores comportamentais (preferências e ambiente externo), da diversidade de ofertas de produtos turísticos (rivalidade no setor, concorrentes e substitutos) e de novas experiências que são vivenciadas pelos turistas (tendências). O diagrama, a seguir, apresenta de forma simplificada o funcionamento do mercado turístico:

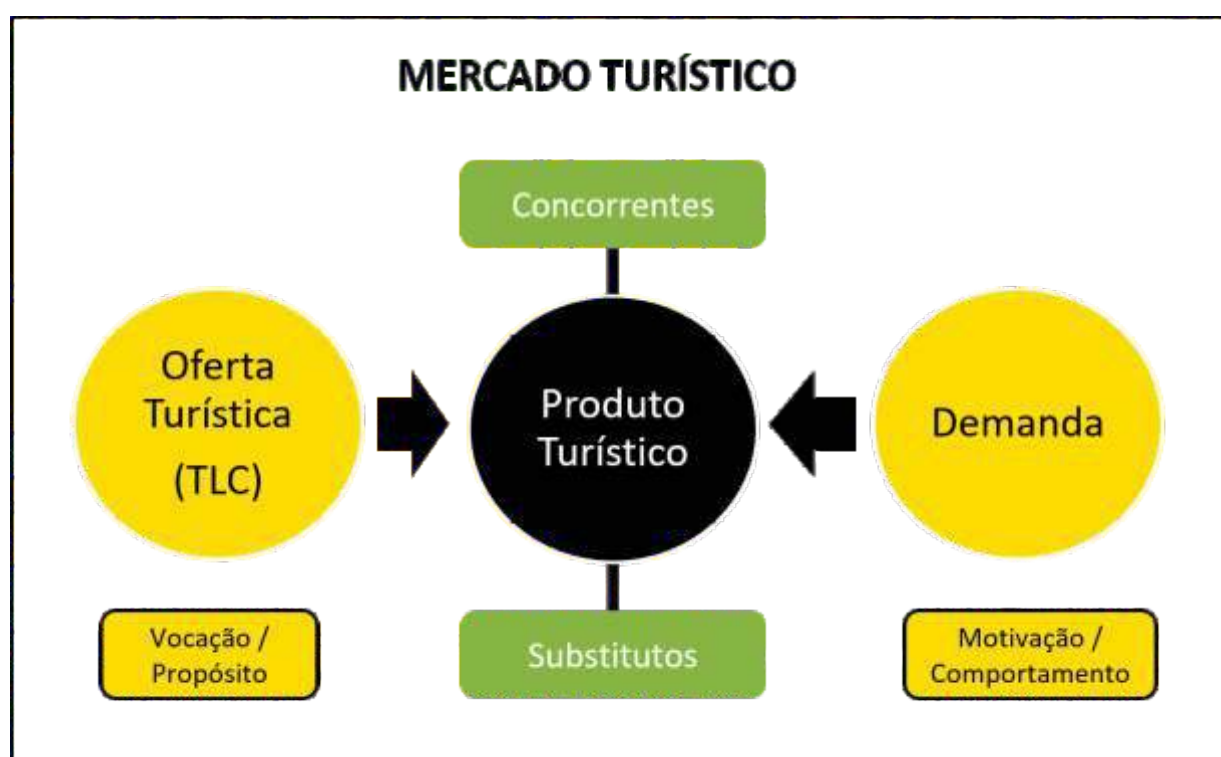


Figura 25: Digrama representativo do mercado turístico

Fonte: PLANTUC (Elaboração própria)

Não pode faltar na formatação do produto trilha de longo curso:

- O conceito do produto (suas características):

As trilhas de longo curso por si só são o produto turístico e devem trazer um conceito relacionado à sua vocação, propósito e identidade, iniciando a construção de uma narrativa. Por exemplo, a Trilha Cassino Barra do Chuí: travessia litorânea, inóspita, localizada no extremo sul e que apresenta como características principais a formação natural e paleontológica dos "concheiros"¹⁶.

16 - É uma formação natural de depósito de conchas fósseis na beira-mar que podem ser vistas em determinadas épocas do ano.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

- O mercado e perfil do público-alvo que se deseja alcançar:

O mercado e o perfil do público-alvo variam conforme as características e vocação da trilha de longo curso, que podem ser mais ou menos incidentes. Seguindo o exemplo anterior, a princípio, o público-alvo para a Trilha Cassino Barra do Chuí serão pessoas interessadas em desafios e questões ambientais e históricas (ruína de hotéis e naufrágio de navios), relacionados aos segmentos de ecoturismo e turismo de aventura. Deve-se destacar que não há somente um perfil de público para uma trilha de longo curso. Por exemplo, o Caminho da Fé, que conecta o estado de Minas Gerais a São Paulo, passando por 71 municípios, apresenta como público-alvo peregrinos, com motivação religiosa de fazer a travessia. Ao mesmo tempo, há caminhantes com interesse em conhecer as regiões que permeiam o caminho cujas motivações de viagem não se relacionam com a questão religiosa, mas sim ao desafio da jornada ao ar livre.

- Características diferenciais do produto que o tornam competitivo, tais como seus benefícios e vantagens em comparação a outros produtos semelhantes já existentes no mercado:

- a presença da sinalização padronizada caracterizada com o símbolo de pegadas amarelas e pretas, gerando segurança, facilidade de uso, identidade e pertencimento;
- a conexão de fragmentos ambientais e unidades de conservação (ou seja, áreas com grande diversidade e singularidade de atrativos naturais e culturais);
- o tempo de percurso e recursos disponíveis, desafiando os trilheiros a completarem numerosos trechos; e,
- as características locais de cada trilha, tornando cada produto único sob os aspectos da apreciação e comercialização. Mesmo em trilhas com características semelhantes, como o Caminho de Caravaggio (RS) e o Caminho da Fé (SP-MG), principalmente de cunho religioso, observam-se produtos que competem, mas cooperam entre si, são “cooperativos”. Ao mesmo tempo que cooperam para o fortalecimento do segmento dos caminhos peregrinos, estimulam uma rotatividade em relação ao público-alvo. Todavia, são produtos que se diferenciam em características naturais, paisagísticas, histórico-culturais e regionais, fazendo com que uma trilha seja complemento da outra, como “etapa de peregrinação”. Assim, percentual significativo dos trilheiros que completam um dos caminhos, o terminará com desejo de, nas próximas férias, percorrer a outra rota peregrina.

Os gestores da trilha de longo curso, através da estrutura da governança, devem ser responsáveis por transmitir de maneira clara e organizada a vocação e propósito, o público-alvo e os diferenciais da trilha como um todo para que os atores privados possam desenvolver os produtos associados à trilha de forma alinhada. A grande tarefa é “empacotar” tudo a partir de características regionais, abrangendo os biomas, patrimônio cultural, equipamentos, serviços etc., e como isso se relaciona com a trilha, criando argumentos que encantem. Ou seja, o objetivo é gerar a unificação dos aspectos característicos de cada região, formando um produto turístico.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Resolvendo os desafios relacionados à tarefa de formatar o produto turístico trilha de longo curso:

- identificar diferenças entre atores envolvidos, privados e públicos;
- convidar as organizações sociais para discussão – escutar, ativamente, as comunidades locais;
- combater fatores como: desarticulação entre os interesses dos órgãos locais (secretarias); pouca participação e apoio do Poder Público no processo de desenvolvimento das trilhas; poder público municipal com baixo investimento e desconhecimento sobre a política pública RedeTrilhas;
- fazer parceria com universidades para levantar informações especializadas (observação de aves, flora, rastreamento de animais) para produção de informações qualificadas para as experiências/guia especializado;
- articular a passagem da trilha por áreas que tenham interesses diferentes, principalmente as privadas. A principal dificuldade é atravessar propriedades privadas. Existem muitos monumentos em propriedades privadas e fazendas de empresas. Os proprietários são, em geral, receosos em autorizar a passagem, e deve haver um diálogo próximo com estes atores;
- capacitar! Minimizando a falta de apoio em capacitação dos órgãos públicos;
- combater o “desacreditamento” inicial no potencial das trilhas e, com isso, ausência de apoio financeiro;
- considerar as características históricas e culturais como elementos de utilidade pública e não partidária;
- identificar quando algum elemento cultural conflita com os aspectos preservacionistas e estabelecer diálogo com os órgãos relacionados.

O perfil da demanda e a jornada de experiência do usuário

Uma vez que temos clareza da vocação e propósito da trilha de longo curso, precisamos entender quais são as características do público-alvo interessado no segmento de vocação da trilha para poder organizar a oferta turística de modo a melhor atendê-lo.

A realização de trilhas de longo curso tem sido uma atividade intimamente ligada ao desenvolvimento de áreas protegidas do país, tendo se desenvolvido de acordo com a vocação e propósito das trilhas e as necessidades de visitantes e dos locais por onde passam os trajetos.

As trilhas de longo curso alcançam um amplo grupo de pessoas. Embora haja poucos estudos no Brasil, a exemplo dos realizados no Caminho de Cora e no Caminho da Fé, dada a grande disposição desse turista em viajar para caminhar ou pedalar em países estrangeiros, vale relatar o perfil do trilheiro segundo algumas pesquisas ao redor do mundo.

Segundo a Federação de Esportes de Montanha da Espanha, estima-se que haja 40 milhões de praticantes de trilhas na Alemanha, 15 milhões na França e Reino Unido, 6,6 milhões na Holanda e 4 milhões na Espanha¹⁷.



17 - <https://misendafedme.es/senderismo-y-sociedad/>

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

· O maior mercado mundial são os Estados Unidos, onde cerca de 59 milhões de pessoas fizeram trilha em 2021. Nesse universo, 37% trilham pelo menos uma vez por ano, 24% trilham várias vezes anualmente, e 19% trilham mais de uma vez por mês. Mais da metade têm 35 anos de idade ou mais¹⁸, 34% têm entre 30 e 64 anos de idade, e 59% têm educação superior¹⁹.

· Na Austrália, pesquisa de 2017 verificou que as principais motivações dos clientes para escolher uma trilha são: estar em um ambiente natural/selvagem (94%), o desafio físico e mental (75%), solitude (65%), simplicidade (60%), e a qualidade e confiabilidade da infraestrutura (48%)²⁰.

· Também na Austrália, estudo de 2015 encontrou as seguintes motivações para escolha de uma trilha como destino: acesso a áreas naturais com beleza cênica; possibilidade de fazer uma atividade saudável dos pontos de vista físico e mental; escapar do ambiente urbano e conexão; e apreciação da natureza. O mesmo estudo verificou que 83,7% dos trilheiros de longo curso tinham 35 anos ou mais²¹.

Em Portugal, onde a Rota Vicentina fez, em 2018, uma das pesquisas mais completas sobre o tema em todo o mundo, o resultado apontou que, naquele ano, entre 23.132 e 24.076 pessoas caminharam ao longo dos 231 km da Rota. Destes, 87% foram estrangeiros, sendo 15% de países não pertencentes à União Europeia; 72,1% tinham 35 anos ou mais (14,5% tinham mais de 65 anos), e 82% haviam concluído o ensino superior. O tempo médio de estada foi de 11 dias, sendo o tempo mais utilizado o de 7 dias (que cabe em uma semana de férias). 58% permaneceram entre 7 e 15 dias. 60% escolheram a Rota por meios digitais e 28% por informações com amigos e outros trilheiros. 82% montaram sua viagem de forma independente, utilizando sobretudo os sites Booking.com, o site da própria Rota Vicentina e o TripAdvisor. 42% permaneceram apenas uma noite em cada estabelecimento de hospedagem, com despesa total média de 630 euros por caminhante (equivalentes a R\$ 3.198, ao câmbio de 21/10/2022).

Entre o público pesquisado, 77% viajam regularmente para fazer trilhas. Entre as principais motivações para fazer a Rota estão: apreciar os elementos naturais da região, reflexão pessoal e espiritual e melhoria da saúde física e mental. 66% não fazem nenhuma outra atividade no destino que não seja a própria trilha (percentual muito próximo aos 77% que viajam regularmente para fazer trilhas).

Resumindo: a unidade trilheira média da Rota Vicentina é formada por um casal de alemães, entre 45 e 65 anos, com ensino superior completo, caminha seis dias, viaja para destinos de caminhada, planeja sua viagem pela internet, fica em hospedagem local, não faz outra atividade que não seja a própria caminhada, e gasta entre 80 e 120 euros por dia²².

Ainda segundo o excelente estudo da Rota Vicentina, cuja leitura na íntegra é recomendada, existem 5 (cinco) tipos de caminhantes de trilhas de longo curso: (1) os “residentes” que são mais frequentes, mas não têm as mesmas características que um turista, que necessita de alojamento, transporte, alimentação, entre outros gastos; (2) os “outsiders” - caminhantes que pontualmente interagiram com uma ou duas etapas da Rota que descobriram por acaso ou durante a viagem; (3) os “visitantes” - que utilizam a Rota para fazer alguns dias de caminhada, mas esse não é o principal propósito da sua viagem, é apenas mais uma atividade que farão durante a estadia; (4) os “descobridores”, para quem a caminhada é o principal propósito da sua viagem, mas não têm a intensidade e duração de caminhada dos

18 - <https://outdoorfitnesssociety.com/adventure/surprising-stats-about-hiking-in-the-usa/#:~:text=2.-,About%20Three%2DQuarters%20of%20Americans%20Hike%20on%20a%20Trail,multiple%20times%20in%20a%20year.>

19 - <https://www.jerseyislandholidays.com/50-hiking-statistics/#chapter-4>

20 - https://www.bibbulmuntrack.org.au/media/files/user_survey_results/files/BTF_Vision_Workshop_2017_-_Full_Report.pdf

21 - https://www.bibbulmuntrack.org.au/media/files/user_survey_results/Bibbulmun_Track_User_Survey_Report_2014-15.pdf

22 - <https://rotavicentina.com/wp-content/uploads/2019/09/estudo-a-rota-vicentina.pdf>



COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

especialistas; e (5) os “especialistas”, que são caminhantes que fazem 6 (seis) ou mais dias de caminhada e que passam mais de 2/3 (dois terços) do total de dias da sua estada caminhando. São definidos como caminhantes intensivos e experientes. “O peso destes perfis varia ao longo do ano, mas os Especialistas são o grupo predominante exceto no inverno. Nos meses de verão verifica-se um aumento do grupo Visitantes associado a uma quebra do número de Especialistas. Os Especialistas e Descobridores em conjunto representam, ao longo do ano, entre 67% a 80% do total de caminhantes”.

Turista estrangeiro

Podemos então, concluir, com relação ao perfil do público internacional, que existem diferenças significativas no que toca aos canais de informação mais utilizados pelos turistas no destino e pelos potenciais consumidores na origem. O meio mais utilizado para se informar sobre a viagem é a internet, seguido de recomendações de familiares/amigos, guias/livros de viagem, e agências de viagens. Por outro lado, os canais de informação mais utilizados pelos potenciais consumidores na origem são as campanhas publicitárias específicas, as recomendações de associações/clubes, internet, agentes de viagens e revistas especializadas. Com relação às trilhas de longo curso, por se tratar de um produto turístico que exige planejamento com antecedência e informações prévias, a internet é o principal canal utilizado.

Como visto acima, significativa porcentagem dos trilheiros não fazem nenhuma outra atividade que não seja a própria trilha: as pesquisas consultadas apontam que o principal atrativo das trilhas de longo curso é um traçado bem-sinalizado, com paisagens cênicas marcantes e bons pontos de hospedagem e alimentação. Quanto a outras experiências turísticas que podem ser combinadas com a atividade de caminhadas, são relevantes outras experiências de esportes e atividades na natureza, além de culturas indígenas, degustação de vinhos e experiências culinárias, teatro, visita a jardins botânicos e/ou feiras de agricultores ou para mercados.

O perfil socioeconômico demonstra que existe uma faixa etária muito ampla que vai dos 18 aos 60 ou 70 anos, com predominância das idades acima de 35 anos e educação superior. A ocupação é de acordo com a faixa etária e também muito ampla, tendo uma enorme diversidade, incluindo estudantes, donas de casa, profissionais dos setores privado e público e aposentados.

Quanto aos hábitos de compra, esse tipo de turismo é geralmente consumido por conta própria, ou seja, grande parte dos viajantes internacionais não utiliza pacotes turísticos na organização e compra de suas viagens relacionadas a caminhadas e visitas a áreas naturais e protegidas.

Turista nacional

A partir da análise e cruzamento de dados relacionados ao mercado interno argentino²³, juntamente com a pesquisa realizada pela Associação Caminhos da Fé com seus usuários e a pesquisa on-line realizada durante o 1º Congresso Brasileiro de Trilhas, com 55 participantes do evento, no período de 24 a 31 de maio de 2022, foi traçado um perfil tentativo do usuário das trilhas de longo curso no Brasil:

Dados socioeconômicos

- Idade estimada entre 35-54 anos;
- Proporção igualitária de homens e mulheres²⁴;
- Nível médio/alto de renda, de educação e de consciência/sensibilidade social e ambiental.



23 - Fonte: <https://documents.ec/document/manual-de-producto-de-senderos-de-argentina-huella-andina-5-1-introduccion.html?page=1>

24 - Cabe ressaltar que na pesquisa o Trilheiro – Pesquisa Caminhos da Fé teve a seguinte distribuição para este item: 82% masculino; 18% feminino.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Hábitos de informação:

- Usa predominantemente a internet para obter informações;
- Pode viajar com guias;
- Informa-se em centros locais. Valoriza a opinião dos amigos para selecionar seu destino.

Hábitos de uso:

- Turista experiente (viagens em diferentes países);
- Interesse em explorar e interpretar os ambientes visitados;
- Geralmente pernoita apenas uma vez em cada estabelecimento (01 noite), pois a atração e, consequentemente, o foco é a realização da trilha;
- Principais motivações: apreciar a paisagem/natureza e novas experiências/lugares, áreas naturais protegidas, interesse particular em temas relacionados com religião, história, literatura, paleontologia, arqueologia, geologia, natureza, cultura, modos de vida de uma área específica e seu povo e prática de atividades físicas. Valorização de características simbólicas e intangíveis do produto;
- A maioria realiza a trilha a pé, seguido de bike e outros modais (cavalo e caiaque);
- A maioria dos usuários de trilhas de longo curso realiza até 10 km de uma vez e, em segundo lugar, está a faixa entre 11 km a 50 km. Aproximadamente 10% dos usuários de trilhas de longo curso realizam mais de 50 km de uma vez;
- Estes usuários costumam dormir em barracas, pousadas, campings e casas/hospedarias;
- Viajam, principalmente, sozinhos, em duplas ou em grupos de até 05 pessoas;
- As principais dificuldades indicadas por este público ao fazer uma trilha estão relacionadas a carências de infraestrutura, sinalização e estrutura de apoio, sobretudo locais de pernoite e alimentação a intervalos regulares.

Hábitos de compras:

- Podem usar meios de transporte próprios (veículos e bicicletas) e alternam com atividades como caminhadas e cavalgadas. Eles preparam sua viagem com mais antecipação do que a média de turistas do mercado interno;
- Esse tipo de turismo é geralmente consumido por conta própria, ou seja, grande parte dos viajantes não utiliza pacotes turísticos na organização e compra de suas viagens²⁵.

Gasto

- Têm um nível de gastos superior à média de turistas do mercado interno.

Os diferentes fatores que influenciam a escolha da viagem, os locais visitados, as características da busca de informações e organização da viagem e as despesas médias observadas para as viagens similares às das trilhas de longo curso, indicam que estes usuários priorizam a valorização de características intangíveis e simbólicas (motivação, desafio físico e mental, interesse, desejos, emoções) que afetam a escolha do destino com mais peso do que, por exemplo, preços ou proximidade.

Ou seja, o desenho da trilha, a paisagem a ser desfrutada, as atrações, como cachoeiras, lagos e rios, construções/marcos históricos, visualização de fauna, a confiabilidade da sinalização rústica, os serviços como transporte de bagagem e a oferta de hospedagem e alimentação ao longo do traçado têm pesos maiores na escolha do que o custo total da viagem e a proximidade da trilha em relação ao local de residência do cliente.

25 - Cabe destacar que os viajantes que buscam realizar atividades relacionadas a turismo de aventura nas trilhas de longo curso possuem uma participação maior na compra via pacotes turísticos.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Boas práticas internacionais e nacionais em formação de produtos turísticos

Apresentam-se a seguir algumas boas práticas em formação de trilhas de longo curso como produtos turísticos, no exterior e no Brasil:

Boas práticas	Trilha	País
Estratégia construída a partir das opções de percursos ou modais de transporte (como bicicleta) ou programas e atividade de interesse. Trilha organizada e operada por uma associação de estabelecimentos de hospedagem.	Rota Vicentina www.rotavicentina.com 	Portugal
Formatação de roteiros completos ou por trechos: apresenta, por exemplo, três tipos de produto conforme a extensão das caminhadas e perfil do turista, a saber: Thru-hiking (percorre todos os 3.524,5 km da trilha em 5 a 7 meses); Multy-day-hiking (caminhadas de vários dias que vão desde passar uma noite na Appalachian Trail (A.T.), até caminhar por todas as partes da trilha através de uma série de caminhadas de vários dias ao longo de muitos anos); e, Day-hiking (caminhada de um dia na Trilha dos Apalaches que pode ser fácil ou desafiador e existem várias opções específicas).	Appalachian Trail www.appalachiantrail.org/ 	Estados Unidos
Trilha de cinco dias, com pernoite em acomodação de luxo e transporte de bagagem incluído. Caminhada pela praia e falésias com visualização de baleias. Foca em um público de alto poder aquisitivo e oferece a oportunidade de que as casas de hospedagem recebam os trilheiros com roupa de cama e comida, comprada pelo próprio trilheiro, mas entregue na casa pelos operadores antes da chegada do grupo de caminhantes a cada dia. Devido à alta procura é necessário fazer reserva com muita antecedência	Whale Trail https://www.capenature.co.za/activities/the-whale-trail-de-hoop-nature-reserve 	África do Sul

Quadro 5: Boas práticas internacionais relativas às estratégias de formação de produtos turísticos

Fonte: Elaboração própria com base nas fontes indicadas na coluna "Trilha".

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Boas práticas	Trilha	País
Foco nas singularidades e vocação principal da trilha. O maior atrativo turístico da trilha é a característica de ser uma região remota e inóspita, com grau de dificuldade de médio para alto e com grandes atrativos naturais. Destaque por finalizar na localidade mais ao Sul do país – Balneário da Barra do Chuí, em Santa Vitória do Palmar.	Trilha Cassino Barra do Chuí https://www.instagram.com/trilhacassinobarradochui/ 	Rio Grande do Sul
Trilha aquática, com diversificação de produtos turísticos a partir da oferta de serviços de apoio e produção associada. Possibilidade de fazer a trilha inteira em 20 dias ou de quebrar o trajeto em percursos menores de até dois dias.	Rota dos Pioneiros www.redetrilhas.org.br 	São Paulo/Paraná
Oferta de amenidades para gerar conforto e satisfazer as necessidades dos trilheiros, agregar valor ao produto e proporcionar maior segurança. A rota possui vários produtos turísticos interessantes, mas os destaques ficam para o passaporte, WI-FI, mapa e poemas de Cora Coralina. Possibilidade de percorrê-la a pé ou de bicicleta com carro de apoio para transporte de bagagens.	Caminho de Cora Coralina www.caminhodecoracoralina.com.br/ 	Goiás

Quadro 6: Boas práticas nacionais relativas às estratégias de formação de produtos turísticos

Fonte: Elaboração própria com base nas fontes indicadas na coluna “Trilha”.

Mapeamento da oferta – o que vamos oferecer no percurso?

Uma vez que temos clareza do conceito do produto (suas características) e do mercado e perfil do público-alvo que se deseja alcançar, vamos aprofundar as características diferenciais do produto trilha de longo curso que o tornam competitivo.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

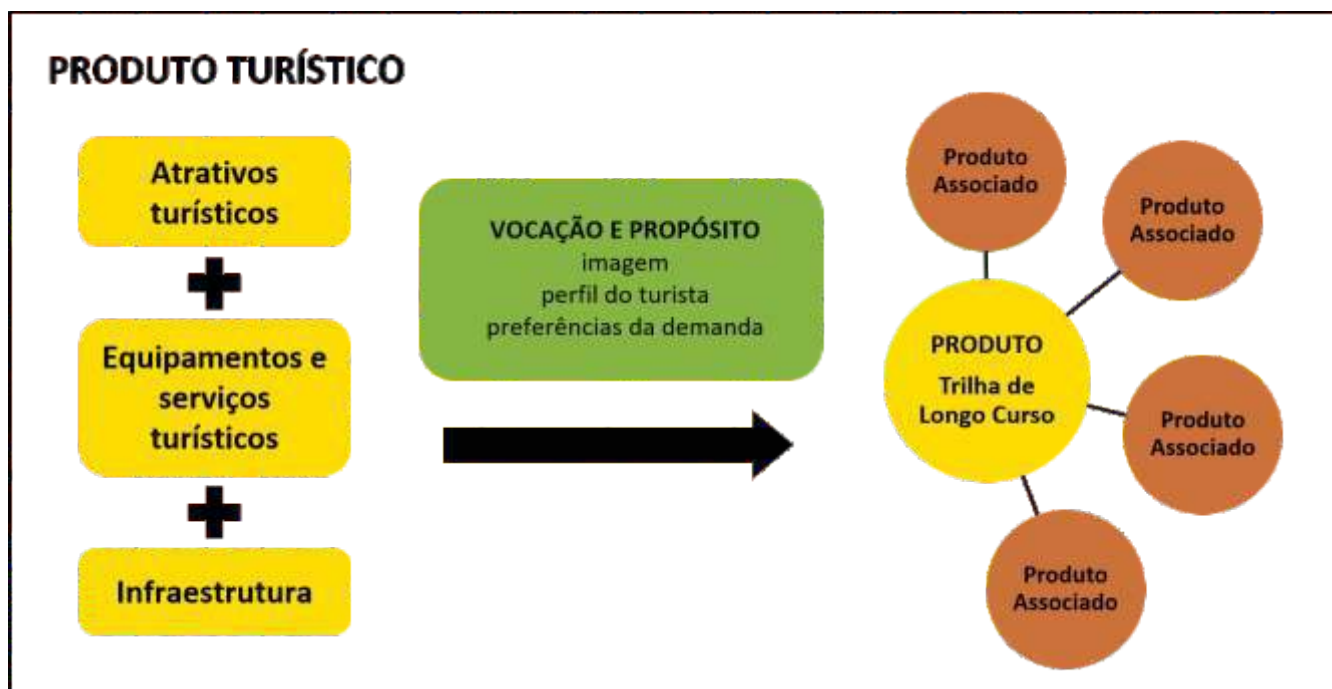


Figura 26: Diagrama representativo do produto turístico trilha de longo curso

Fonte: Elaboração própria PLANTUC.

Um produto turístico de qualidade, ou seja, uma trilha de longo curso com boa organização do conjunto de atrativos associados, serviços e infraestrutura, é o que leva ao sucesso da experiência do usuário, motivando-o ainda mais a viajar e indicar sua experiência para outros trilheiros. Esse é considerado o melhor formato de experiência – vivência, plena satisfação de suas expectativas, demandas atendidas, felicidade (sensação de ter realizado a experiência) e indicação e publicização de sua experiência satisfatória.

Não pode faltar na formatação do produto trilha de longo curso:

O produto trilha de longo curso deverá conter, minimamente, as informações elencadas abaixo²⁶:

- o nome da trilha e sua distância, incluindo aquelas relativas aos trechos diários de caminhada indicando o início e o fim do percurso;
- a duração (em dias) do percurso e o grau de dificuldade;
- mapa da trilha com distâncias e perfil altimétrico;
- o transporte aéreo/rodoviário ou fluvial para levar o turista a um centro urbano próximo às entradas da trilha (como chegar);
- as diferentes empresas que podem ofertar o deslocamento durante a visita em diferentes pontos e trechos do trajeto;
- as informações sobre guias ou condutores de turismo locais que acompanham, orientam e transmitem informações que farão o turista ter experiências únicas durante o percurso da trilha de longo curso, nos casos em que esse serviço for oferecido;

26 - Listagem não exaustiva.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

- as atividades e experiências turísticas ofertadas ao longo da trilha (observação de fauna e flora, observação de aves, ciclismo, banho de cachoeira, rapel, canoagem, visita a equipamentos histórico-culturais, mirantes etc.);
- divulgação dos diferentes meios de hospedagem (campings, glampings, pousadas, hotéis, hostel, abrigos, refúgios e casas/quartos de aluguel) que os turistas encontrarão ao longo do percurso da trilha de longo curso;
- divulgação dos estabelecimentos de alimentação, restaurantes ou mercados para compra de alimentos, por exemplo, que fornecem a alimentação e/ou experiências gastronômicas diferenciadas ao longo do percurso da trilha;
- divulgação de lojas de aluguel e conserto/reparo de equipamentos (bicicletas, barracas etc.) e serviços de transporte de bagagem;
- divulgação da produção associada ao turismo, como as apresentações culturais e o artesanato local, que oferecem momentos de compra ou agradáveis experiências e novos conhecimentos para o turista que irá percorrer a trilha de longo curso.

Não se pode pensar no produto turístico trilhas de longo curso de uma forma individual e estática, mas sim como o conjunto de experiências (de agendamento, efetivação de compras, deslocamento, alimentação, hospedagem, entre outras) vividas antes, durante e depois da viagem.

Trilha Cassino-Barra do Chuí

Uma trilha litorânea, na região Sul do Brasil, por si só não é um produto turístico. Para se tornar um produto deve combinar os diversos elementos que tornam possível e atrativa sua visita:

- a infraestrutura da Trilha Cassino-Barra do Chuí é sinalizada de acordo com o Manual de Sinalização de Trilhas do ICMBio, nos seus 223 km de extensão litorânea, entre os municípios de Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul. Devido às condições climáticas da trilha (sol, vento e maresia), o material utilizado para sinalização das 10 (dez) placas interpretativas foi material galvanizado 6 mm. As placas, além de indicarem a distância percorrida, descrevem aspectos históricos e naturais da Trilha; 6 (seis) postes com indicação de acampamento e quilometragem; e 2 (duas) placas de cabeceira com todas as especificidades da Trilha e informações do percurso;
- a chegada de trilheiros dos grandes centros em aeroportos pode ocorrer pelo Aeroporto Internacional de Porto Alegre-RS (aproximadamente 350 km de Rio Grande), Aeroporto Internacional de Carrasco-UY (aproximadamente 310 km de Santa Vitória do Palmar, interessante somente se a caminhada for realizada do sul para o norte, o menos usual dos sentidos), ou pelo Aeroporto Internacional de Pelotas-RS (aproximadamente 100 km de Rio Grande);
- os acessos aos municípios de Rio Grande e Santa Vitória do Palmar são exclusivos pela BR 471, por ônibus, carro particular ou carros de aplicativo. Caso o trilheiro chegue de um grande centro pelos aeroportos, é necessário estar atento aos horários do transporte terrestre,

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

evitando contratempos ou atrasos. O deslocamento interno nos municípios ao ponto de início da trilha deve ser feito com carros de aplicativo ou particulares;

- há presença de guias e condutores de turismo local que fazem a travessia, mas é comum irem guias de outros municípios para conduzirem os trilheiros pelos areais Albardenses;

- até o momento, o serviço de transporte de bagagens para os trilheiros é oferecido somente através de pacotes em agências ou receptivos;

- a travessia é inóspita, por aproximadamente 190 km. Não há presença de meios de hospedagem, apenas ruínas de antigos hotéis. Por isso, há postes de sinalização a cada 34 km que indicam os melhores locais para acampamento. A localização destes postes sugerindo bons locais de acampamento foi pensada para percorrer a trilha em 7 dias;

- a gastronomia dos municípios de Santa Vitória do Palmar e Rio Grande é bastante rica. Devido à proximidade com o Uruguai, há uma mistura de costumes, sabores e tempero nos alimentos, como as carnes e o doce de leite. Outros elementos comuns e sazonais da região são os butiás (fevereiro/março) e as Trancinhas de Natal (novembro/dezembro). Em relação à alimentação na trilha, é necessário levar comida para todos os dias da travessia, pois não há disponibilidade deste serviço no percurso;

- a água, para os que forem percorrer a trilha de forma autônoma, sem apoio, deve ser colhida dos pequenos córregos que fluem das dunas em direção ao mar;

- a proximidade dos municípios com o Uruguai permite a fusão de elementos culturais, como a fala dos moradores ou elementos da gastronomia. É possível encontrar artesanatos com as folhas das palmeiras e licores de butiá. Durante a travessia, são observados alguns elementos culturais, como a migração para os balneários na época de férias e aspectos históricos como ruínas de hotéis e naufrágios de navios. Antes da construção da BR 471, o deslocamento entre os municípios ocorria pelo litoral;

- a menos que o caminhante queira intencionalmente lidar com adversidades climáticas severas, deve evitar o período entre meados de maio a meados de setembro;

- há agências que operam a trilha na região, fornecendo toda a infraestrutura e serviços de apoio para os trilheiros (aluguel de barracas, alimentação, carro de resgate, entre outros), mas é necessário consultar a disponibilidade de datas de caminhada/ciclismo/cavalgada, visto as condições climáticas da região. Também há guias e condutores que costumam fazer a travessia em grupos menores. Ainda, é possível que os trilheiros façam o caminho autoguiado, mas precisam conhecer e assumir os perigos e riscos associados à trilha e fazer contato com possíveis carros de resgate local. Exatamente por isso, foi criado um guia interpretativo da travessia, que contém todas as informações e alertas e pode ser baixado gratuitamente no link: https://drive.google.com/file/d/11gevYwI7Y4hbmAP1uu7h_FoEbjrDQ7aL/view?usp=sharing.



COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Antes de aprofundar o assunto, é necessário reforçar uma distinção entre o produto trilha de longo curso (como um todo) e seus produtos associados, ou seja, roteiros que percorrem trechos da trilha, pacotes diários, jornadas de longa duração incluindo diversos trechos, dentre diversos produtos possíveis. Estes produtos turísticos podem ser formatados tanto pela estrutura de governança quanto por empresários que operem a trilha. Os produtos trilhas de longo curso, como são trajetos muito extensos, na maioria das vezes são consumidos pelos turistas em partes. **Pode-se dizer que o produto trilha de longo curso é o guardião da vocação e propósito e pedra fundamental na qual se sedimentam os produtos associados** (estes sim, serão precificados e mais comumente consumidos pelos turistas).

Dessa forma, o produto para o turista passa a ser a trilha de longo curso como um todo e os produtos associados específicos que ele consome naquela viagem. Além disso, o produto é a experiência dos componentes individualizados e da viagem como um todo (uma jornada), considerando a qualidade da hospedagem, as experiências gastronômicas vivenciadas, o transporte até a localidade, a locomoção interna, o atendimento recebido, os presentes e lembranças comprados e tudo que seja relativo ao planejamento, permanência e pós-viagem. Por fim, o produto turístico trilha de longo curso (em termos de percorrer toda a extensão da trilha), na maioria das vezes, é consumido parcialmente ou totalmente através da soma de seus trechos e produtos associados. **Melhor será a qualidade dos produtos e maior a satisfação do turista quanto maior for a coerência entre o produto trilha de longo curso e seus produtos associados.**

É necessário que o produto turístico trilha de longo curso atenda às necessidades e demandas do público-alvo, que seja viável para comercialização, que seja sustentável para a localidade, e que gere lucratividade para as empresas e outros retornos para as instituições que trabalharam e trabalham para ofertá-lo. **De nada adianta criar um produto que ninguém vai querer comprar.**

Cabe à estrutura de governança da trilha de longo curso fornecer os parâmetros e informações necessárias para que a iniciativa privada e outros setores possam empreender na formatação dos produtos associados, respeitando as regras de segurança, sinalização e manejo, e alinhados com a vocação e propósito da trilha.

São os produtos associados à trilha de longo curso que serão responsáveis por diversificar e tornar a trilha mais agradável e atrativa. Quanto mais os serviços de apoio e produção associada estiverem conectados com a vocação e o propósito da trilha de longo curso, maior será a fixação do produto como um todo na cabeça do turista, reforçando o posicionamento desejado. Além disso, é a iniciativa privada, através dos serviços de apoio ao turista e produção associada, que irá comercializar os produtos associados à trilha de longo curso. Por sua vez, a comercialização destes produtos associados é o que gera renda, emprego e dinamismo para as comunidades e localidades próximas ou conectadas pelas trilhas. A seguir, apresenta-se uma lista não exaustiva de exemplos de produtos turísticos (atuais e potenciais) associados às trilhas de longo curso:

- Passaporte da trilha de longo curso/ Certificação de conclusão da trilha em diferentes modalidades;
- Produtos relacionados ao transporte, alimentação e hospedagem, tais como:
 - Transporte: até o início ou trecho da trilha, desde seu final ou trecho da trilha; transportes internos para bagagem e trechos específicos;
 - Hospedagem: acomodação de sofisticação e preços variados em todos os trechos da jornada do turista (camping, hostel, hotel, alojamento, pousada, casa de moradores, aluguel de casa, “cama e café”, dentre outros);

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

- Produtos relacionados a atividades, vivências e experiências:
 - Atividades nas trilhas de longo curso, bem como equipamentos adequados para elas;
 - Inclusão do patrimônio imaterial na experiência das trilhas;
- Produtos relacionados a informações, guia, condução, educação e interpretação:
 - Serviço de guias, guia informativo impresso da trilha; conteúdo para interpretação ambiental; sensibilização ambiental; educação; cultura;
- Produtos relacionados a compras e souvenirs:
 - Camisetas das pegadas, canecas, bonés, broches, patches, dentre outros;
 - Lojas de souvenirs, equipamentos, alimentos, lembranças e outros;
- Produtos relacionados a lojas, aluguel e manutenção de equipamentos:
 - Aluguel de equipamentos, transporte de resgate, transporte e deslocamento de pessoas;
 - Manutenção de bicicletas, barracas, botas, dentre outros equipamentos;
- Produtos relacionados à oferta de seguros.



Cátia Dias - Caminho das Araucárias



Marcelo Maycom - Caminhos de Rio das Ostras
TLC Nacional Oiapoque x Barra do Chui - RJ



Talune Cristina - Caminho de Cora Coratina
TLC Nacional Caminho dos Goyazes - GO

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Com relação aos produtos associados às trilhas de longo curso, cabe ao seu gestor (estrutura de governança) apoiar e fomentar os empreendedores relacionados aos serviços de apoio ao turista e produção associada ao turismo através de ações de capacitação, integração e promoção. Por outro lado, cabe aos empreendedores estarem alinhados à vocação e propósito da trilha de longo curso, buscar capacitação para atender ao público-alvo, respeitar as regras de segurança e manejo e, quando possível, contribuir para ações de sinalização e conservação.

Serviços de apoio ao turista

A estruturação e qualificação de serviços e produtos ao longo e no entorno da trilha melhora a experiência do turista, aumenta o gasto local e privilegia fortemente as populações inseridas ao longo das trilhas. O resultado esperado é não só a geração de emprego e renda como também a identificação e destaque de segmentos econômicos que possibilitem a ampliação e a diversificação da oferta turística, agregando valor ao produto turístico trilha de longo curso e dinamização à cultura local, com efeitos diretos no aumento da autoestima dos grupos responsáveis por estes serviços.

A seguir, apresenta-se algumas das categorias de serviços e equipamentos de apoio ao turista (conforme metodologia de inventariação da oferta turística e Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008)²⁷ focadas em tipologias e exemplos que podem ser explorados conforme o perfil do público-alvo das trilhas de longo curso:

Hospedagem

Para o caso das trilhas de longo curso, os meios de hospedagem devem se adequar às condições ambientais locais e, em diversos casos, às restrições legais da área (para o caso de Unidades de Conservação, por exemplo). Alguns tipos de hospedagem diretamente relacionados às trilhas de longo curso são: camping, refúgio (de montanha, de floresta, dentre outras modalidades), pousada, área para motorhome, glamping, hostel, abrigos, casas/quartos de aluguel, dentre outros.

Com relação aos meios de hospedagem, destacam-se, a título de exemplo, algumas características relacionadas ao perfil do público-alvo que devem ser observadas para melhor atendê-lo:

- normalmente o turista que percorre a trilha pernoita poucas noites no mesmo local (geralmente apenas uma noite). Os meios de hospedagem devem ter pacotes que atendam a esta necessidade;
- o turista que percorre a trilha possui bagagens volumosas e, em alguns casos, equipamentos. Sugere-se que o meio de hospedagem possua espaço adequado para armazenamento de bagagens, bicicletas e equipamentos;
- diversos trechos da trilha de longo curso não possuem meios de conectividade e comunicação. É interessante destacar e disponibilizar meios de comunicação e conectividade nos meios de hospedagem;
- por caminhar/pedalar/remar vários dias e levar toda sua roupa nas costas, o trilheiro de longo curso tem necessidade de lavar sua roupa com frequência, de preferência, à noite. Oferecer esses serviços, ainda que a preços mais altos que nas lavanderias diurnas, é um diferencial muito apreciado;
- trilheiros de longo curso costumam acordar muito cedo para iniciar sua caminhada e muitas vezes não estão próximos a estabelecimentos de alimentação quando têm fome. Disponibilizar café da manhã a partir das 5h e oferecer a preparação e venda de sanduíches e frutas para a caminhada é um diferencial;
- muitos trilheiros preferem não carregar sua bagagem, preferindo caminhar sem um peso às costas. Ofertar um serviço de transporte rodoviário de sua bagagem até o próximo estabelecimento de pernoite é um diferencial;

27 - Recomenda-se a utilização das classificações oficiais do Inventário para facilitar a padronização e utilização dos dados para envio, inscrição, cadastros, dentre outros, necessários junto a órgãos governamentais e outras entidades (inclusive, para solicitação de verbas).

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

- muitos ciclistas passam por lama e areia no trajeto. Oferecer a possibilidade de lavagem e lubrificação de bicicletas é um diferencial.



Erasmus Ballot - Caminho da Fé

Gastronomia/Alimentos e Bebidas

As categorias mais diretamente relacionadas às trilhas de longo curso (para além das mais comuns) são: refeições nas casas da comunidade local, meios de hospedagem que servem refeições, lojas e fábricas locais de produtos artesanais (cerveja, vinho, mel, doces, geleias, cachaça, licores, dentre outros), tendas, quiosques, estabelecimentos e serviços de produtos orgânicos, de produtos para esporte de aventura (barras de cereal, isotônicos etc.), restaurantes e estabelecimentos que valorizem a paisagem local e arquitetura sustentável e integrada aos elementos da paisagem, dentre outros.

Com relação aos meios de alimentação, destacam-se, a título de exemplo, algumas características relacionadas ao perfil do público-alvo que devem ser observadas para melhor atendê-lo:

- o turista percorre grandes trechos por dia e muitas vezes os trechos não possuem pontos de apoio próximos. A preparação de lanches de trilha pelos meios de alimentação facilita a vida do turista;
- parte dos turistas que percorrem as trilhas de longo curso possuem características específicas de alimentação (seja por restrição ou por opção). É um diferencial para os estabelecimentos de alimentação possuir e informar sobre a disponibilidade de atender a este público;
- o público que busca as trilhas de longo curso valoriza o contato com a natureza, com o local. Neste sentido, é indicado que sejam desenvolvidas iniciativas que valorizem a culinária local e rural.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS



Fernando Assis - Caminho da Fé



Alécio Cezar - Caminho da Fé

Como exemplo de serviços de apoio ao turista, podemos citar o Recanto das Acácias (no Caminho de Cora Coralina), meio de hospedagem e alimentação que disponibiliza barracas aos caminhantes, o que é um duplo alívio. Primeiro porque significa que não é necessário carregar esse peso extra na trilha, e segundo porque garante toalha, colchonete, cobertor e almofada para a noite de sono. O local possui ainda infraestrutura de apoio, com banheiros e cozinha. Há ainda a opção de pedir comida da cidade, mordomia que aumenta o conforto e as opções do turista.

Agenciamento e operação

Os tipos de serviços e equipamentos de agenciamento mais comuns são: agências de turismo receptivo, agências de turismo e operadoras turísticas. Alguns exemplos (ou, neste caso, especialização) desta categoria diretamente relacionados às trilhas de longo curso são: agências, receptivos e operadoras especializadas em turismo de aventura, ecoturismo, treinamentos na natureza/outdoor, ecoturismo, caminhadas longas, turismo rural, turismo religioso (para os casos de trilhas ou trechos de trilha que tenham como vocação esta temática). Ou seja, deve-se buscar o segmento de agências e operadores de turismo específico e aderente à vocação, propósito e perfil do público da trilha de longo curso.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Transportes

Transporte para uma trilha de longo curso é, sobretudo, a forma de chegar ao início da trilha ou trecho e retornar ao final. Quase nenhuma trilha tem seu início junto a um aeroporto ou rodoviária. Mesmo para quem vem de carro próprio até o início da trilha, há normalmente a necessidade de retornar até seu veículo ao terminar a jornada. Assim, é fundamental que a Governança da trilha tenha cadastrado e disponibilize o contato de profissionais que façam o traslado aeroporto/rodoviária/hotel até o início da trilha e também o traslado desde o final da trilha até aeroporto/rodoviária/hotel. Esses profissionais devem receber um selo para para-brisas de “parceiro da Trilha”.

Lazer e entretenimento

Alguns exemplos desta categoria diretamente relacionados às trilhas de longo curso são abrigos para observação da fauna, mirantes, pontes, entre outros.

Outros serviços e equipamentos turísticos

Alguns exemplos desta categoria diretamente relacionados às trilhas de longo curso são auxiliar/carregador de equipamentos, lojas de equipamentos (botas, equipamentos de camping etc.), conectividade (WI-FI ao longo ou em pontos específicos do percurso para segurança), pontos de apoio ao longo da trilha, serviços de apoio a bagagem, aluguel e reparos de equipamentos (bikes, barracas etc.), pontos de hidratação e alimentação rápida, serviço de prestação de socorro, dentre outros.



Figura 27: Exemplo de CAT – Centro de Atendimento ao Turista

Fonte: <https://www.destino.foz.br/orgao-oficial/informacoes-turisticas/>



Figura 28: Exemplo de ponto de apoio ao ciclista

Fonte: <https://vadebike.org/2021/10/ponto-de-apoio-ao-ciclista-mairipora-trilha-do-canal/>

Exemplo interessante de desenvolvimento de produto turístico através de serviços pode ser visto na Trilha Cassino-Barra do Chuí, no Rio Grande do Sul. Em um determinado trecho da trilha, detectou-se um recurso artificial, não ecológico, com impacto ambiental, que são os plásticos trazidos de vários lugares do mundo pelas correntes marinhas. Foi criada, então, uma ação ambiental pelos gestores da trilha, em que os trilheiros (turistas) são convidados a

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

fazer a coleta dos plásticos naquele trecho da trilha, com o objetivo de limpeza, conscientização e reciclagem do recurso. Ao completarem a trilha, todos os trilheiros recebem um chaveiro, feito com o plástico retirado das praias.

Entender essa ação como produto turístico é olhar com criatividade para as particularidades de cada trecho da trilha e perceber sua vocação. Esse produto não é vendido comercialmente, mas valoriza a imagem e reputação daquela trilha e ainda melhora os perfis do estado do Rio Grande do Sul e do Brasil na área ambiental.



Namir Junior - Trilha Serra do Sapateiro - São Fidélis/RJ

Produção associada ao turismo

De forma similar aos serviços de apoio ao turista, a produção associada às trilhas de longo curso irá diversificar a oferta e enriquecer a experiência do turista e a qualidade do produto trilha de longo curso. Dentre a notória diversidade de produtos que podem estar associados à atividade turística destacamos aqueles que se aplicam diretamente às trilhas de longo curso:

- manifestações culturais;
- culinária típica;
- artesanato; e,
- produção rural.

Conforme apontado no “Manual para o Desenvolvimento e Integração de Atividades Turísticas com foco em Produção Associada²⁸”, a partir da identificação dos produtos e das etapas produtivas envolvidas – parte integrante da economia local –, realizam-se adequações para atender ao mercado e ao processo de



28 - Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/turismo-responsavel/manual-de-producao-associada-ao-turismo/view>

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

comercialização do turismo. Assim, tais atividades produtivas se configuram como mais um fator de atratividade de uma trilha de longo curso (produto associado à trilha), qualificando e diversificando a oferta turística. Com relação a esse processo de associação de produtos ao turismo, nem sempre é o caso de existir um produto físico, deve-se, também, reforçar a possibilidade de alavancar a atividade turística através de manifestações culturais e conhecimento popular local.

A importância da identificação e promoção de produtos associados à trilha de longo curso está na valorização da oferta turística, criando diferenciais para se destacar no mercado competitivo dentre as possibilidades de destinos turísticos (outras trilhas de longo curso ou destinos concorrentes e substitutos). **A produção associada às trilhas de longo curso aumenta a competitividade do produto, potencializa o fluxo de pessoas e os gastos dos turistas.**



Figura 29: Atividade turística x produtos associados

Fonte: Adaptado de Ministério do Turismo²⁹



29 - Disponível em: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Atuaxo_do_MTur_na_Produto_Associada_ao_Turismo_09.12.10.pdf

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

A seguir, apresenta-se uma lista de ações a serem lideradas pelos gestores da trilha de longo curso (estrutura de governança) a fim de apoiar, estruturar e gerar aproximação com os produtores associados ao turismo:

- estruturar uma governança com instância local (como, por exemplo, o Caminhantes do Caparaó, que possui diálogo dos gestores com prefeitura e setores atrelados à saúde, esporte, meio ambiente, entre outros), regional e nacional fortes, engajadas e de baixo para cima;
- articular a interação das instâncias de governança local, regional e nacional para apoiar os empreendedores e produtores associados;
- promover e facilitar a comercialização através de participação em eventos, busca de iniciativas que já tenham diversidade de atores, promoção de encontros, seminários e feiras;
- identificar e realizar a articulação com Conselhos ou grupos técnicos específicos das UCs, conselhos municipais, regionais, reservas da biosfera, mosaicos, entre outras instâncias de governança já estabelecidas;
- capacitar: realizar encontros com atores estratégicos sobre organização das atividades turísticas com foco na produção associada; sensibilização; precificação e comercialização; perfil do público-alvo; meios para divulgar as experiências relacionadas à produção e os produtos associados;
- apoiar a formação de associações de produtores;
- trabalhar com escolas: educação ambiental e valorização da produção associada para envolvimento de todos;
- criar base de ações com planejamento e encaminhamentos de curto médio e longo prazo com esses agentes envolvidos.

A complexidade de relações nas trilhas de longo curso implica em uma grande diversidade de serviços, produtos e possibilidades de organizar a produção associada. Pelo caráter rústico da atividade, em que o turista busca por experiências na natureza, afastando-se de dinâmicas urbanas, é bastante comum a organização de pequenos vilarejos e comunidades para absorver os caminhantes, proporcionando o que se entende por vivência rural.

A vivência rural é caracterizada pela possibilidade do turista de se inserir em uma lógica de reprodução de vida completamente distinta da qual está acostumado, entrando em contato com diferentes simbolismos, significados e manifestações culturais a partir de comunidades tradicionais e/ou locais. Conforme exposto por Souza et al. (2019, p.25), diz respeito à oportunidade “do turismo rural satisfazer necessidades emocionais, dentre as quais podemos destacar a disposição para ter contato direto com a natureza, bem como vivenciar o rural idílico associado com a atmosfera de rusticidade, o silêncio, os sons ou mesmo os aromas do meio rural”.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS



Douglas Lopes - Trilha do Peito do Pombo - Arraial do Sana - RJ

Caminho das Ararunas

Trilha de 110 km e 5 a 6 dias de duração, que atravessa a Caatinga, entre os municípios de Araruna e Cuité (Paraíba). O percurso contempla aspectos históricos da região; perpassa cinco unidades de conservação; inúmeros atrativos que incluem banho, cânions, grutas, ascensão aos picos, observação de fauna, observação astronômica; ruínas, grutas e sítios arqueológicos; além da organização das comunidades para oferecer a vivência rural. Tal diversidade foi apontada em uma matéria publicada no portal de notícias da Prefeitura de Araruna:

O município tem bares, restaurantes e pousadas típicas de clima serrano, algumas, inclusive, com lareira, acendida nos dias mais frios de inverno [...]. A cidade tem vida noturna, uma casa de shows planejada e bem construída que comporta 1.500 pessoas”. O carro-chefe dos atrativos é o turismo de aventura. Segundo o Planejador Ambiental Rogério Ferreira: “É uma prática de experiência na natureza onde pessoas comuns são conduzidas por ambientes remotos, ou não comuns à sua rotina diária. Aventuram-se pelos obstáculos naturais ao longo do trajeto, assistidos de forma preventiva, por um condutor capacitado”. Em Araruna incluem-se as trilhas, cavalgadas, ciclismo, arvorismo, tirolesa, rapel e escalada; vivências nos ambientes rurais, exploração de sítios arqueológicos, enfim, atividades de caráter recreativo e educativo (PREFEITURA DE ARARUNA, 2018)³⁰.



30 - Disponível em: <https://www.araruna.pb.gov.br/noticias/araruna-mapeia-novos-roteiros-de-aventura.html>

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Caminho de Cora Coralina

Hoje, o roteiro Caminho de Cora Coralina encontra-se consolidado, atendendo a caminhantes e ciclistas com pousos e alimentação ao longo de todo o seu percurso, tem uma associação formalizada com mais de 30 empreendedores e conta com mais de meia centena de colaboradores e voluntários que oferecem apoios em diversas áreas, cumprindo a missão de transformar o Caminho de Cora Coralina em um roteiro de história, natureza, gastronomia e poesia. Um Caminho de Encontros (ASSOCIAÇÃO REDETRILHAS, s/d³¹).

Por fim, devem-se estabelecer, disponibilizar e publicizar os critérios para inclusão dos prestadores de serviços de apoio ao turista e produção associada ao turismo à rede de empreendedores da trilha de longo curso.



Fernando Assis - Caminho da Fé



Fernando Assis - Caminho da Fé



Emilia de Bangu - Trilha da Pedra Branca - RJ
Trilha Transcarioca



COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

A definição de critérios para inclusão dos prestadores de serviços à rede de empreendedores da trilha é uma ação importante. A seguir, apresentamos um instrumento real, utilizado pelo Caminho da Fé, para seleção dos empreendimentos ou serviços que são divulgados em seu site.



Processo de análise e seleção de empreendimentos da REDE EMPREENDEDORA do Caminho da Fé:

- 1- Critérios de cadastro de Meios de Hospedagem, padrão Classificação Nacional dos Meios de Hospedagem do MTUR;
- 2- Para os que possuem classificação própria, utilizamos os requisitos mínimos de hotelaria 1 estrela;
- 3- Para pontos de apoio de alimentação critérios da vigilância sanitária de cada Estado, e análise das especificidades das vigilâncias locais;
- 4- Para credenciamento de operação- critérios do SGS – Norma 21.101;
- 5- Para credenciamento de serviços em geral, como transporte de bagagem e agenciamento de serviços sem condução-análise de preço/depoimento do usuário/qualidade do serviço entregue;
- 6- As atualizações acontecem uma vez a cada 30 dias em média;
- 7- Todas as comunicações e solicitações devem ser feitas por escrito por e-mail;
- 8- Não há custo de cadastramento;
- 9- Somente o credenciamento de operação que possui taxa de licenciamento da marca;
- 10- Todos recebem um termo de ciência sobre dados pessoais em relação ao processo da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais - LGPD;
- 11- O armazenamento das informações dos estabelecimentos também é autorizado por eles.

- Situação desenvolvimento de trilha: analisar no território:

- 1- Se há apoio consolidado;
- 2- Se há potencial de fomento de apoio;
- 3- Para validação do traçado é importante que tenha apoio de hospedagem pelo menos a cada 15 km.

- Situação da trilha já implementada: desenvolvimento da REDE EMPREENDEDORA:

- 1- Recebe o pedido;

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

- 2- Orienta o trâmite de solicitação de cadastro;
- 3- Contato com o atendimento que encaminha a ficha de cadastro, solicitando que envie uma sessão de fotos que mostre o empreendimento;
- 4- A ficha de cadastro coleta todos os dados e caracterização do empreendimento;
- 5- Após o preenchimento, é feita uma análise prévia se as informações estão corretas e é feita uma primeira curadoria das imagens;
- 6- É feita a devolutiva do recebimento;
- 7- Coleta de depoimento de usuários caso já receba peregrinos e ainda não possui o cadastro;
- 8- Faz o cadastro e agendamento da visita depois;
- 9 - Caso as imagens não condigam e o preenchimento da ficha estiver incompleto, passamos para o agendamento;
- 10 - Marca a visita in loco;
- 11 - Se ok, já inserimos no cadastro;
- 12 - Se não estiver ok com os critérios básicos conforme recomendações, damos orientação e aguardamos devolutiva do estabelecimento, ressaltando-se que ele não será inserido enquanto não mostrar que atendeu às recomendações.

Boas práticas internacionais e nacionais de serviços de apoio ao turista e produção associada ao turismo

No quadro a seguir, estão descritos alguns exemplos de serviços de apoio ao turista e produção associada ao turismo em trilhas de longo curso no cenário internacional.

SERVIÇOS DE APOIO E PRODUÇÃO ASSOCIADA	Trilha	País
Oferta de serviços de apoio e produção associada focados nas atividades e experiências ao longo do percurso da trilha. Destaque para: Serviços e atividades de canoagem, surfe e mergulho; cicloturismo; Atividades e vivências de turismo rural, equestre e observação de aves; agenda de eventos; e restaurantes e rotas gastronômicas; circuito de visita nos pequenos produtores e vilarejos – produtos locais; e ingressos e passeios a museus e marcos históricos da região.	Rota Vicentina www.rotavicentina.com 	Portugal
Oferta de serviços de apoio ao turismo diversos e focados no segmento de turismo de aventura. Destaque para serviços e atividades de escalada, pesca, ski, snowboarding, rafting, espeleoturismo, cicloturismo e turismo equestre.	Appalachian Trail www.appalachiantrail.org 	Estados Unidos

Quadro 7: Exemplos de serviços de apoio e produção associada ao turismo em trilhas de longo curso internacionais

Fonte: Elaboração própria com base nas fontes indicadas na coluna “Trilha”.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Esse processo de integração de serviços e produtos às trilhas também vem ocorrendo no Brasil, sobretudo no contexto de implementação e gestão das trilhas de longo curso. A seguir, são apresentados os exemplos de serviços de apoio ao turista e produção associada ao turismo em trilhas de longo curso brasileiras:

SERVIÇOS DE APOIO E PRODUÇÃO ASSOCIADA	TRILHA	ESTADO
Oferta de serviços de apoio e produção associada a partir de pequenas propriedades rurais ao longo do percurso, da valorização de eventos culturais e do resgate da história local. Destaque para: Serviços e atividades de turismo rural; Artesanato em madeira, cerâmica, fibra e metal; Produtos da gastronomia local; Roteiros gastronômicos; Visitas e vivências nas propriedades de pequenos produtores; Eventos culturais e religiosos; Roteiros turísticos passando em marcos históricos da cultura local; Serviços de hospedagem e pernoite em pequenas propriedades.	Trilha Transmantiqueira www.trilhatransmantiqueira.com.br 	São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro
Oferta de serviços de apoio e produção associada diversificados e atendendo a diversos segmentos (turismo rural, turismo histórico e turismo gastronômico, além do ecoturismo). Destaque para: Vivência, serviços e atividades de turismo rural; Roteiros históricos; Artesanato e gastronomia local; Serviços de hospedagem e pernoite em pequenas propriedades.	Caminho das Ararunas http://www.redetrilhas.org.br/w3/index.php/as-trilhas/trilha-regional-2/caminho-das-ararunas 	Paraíba
Oferta de serviços de apoio e produção baseada na vocação da trilha, ou seja, turismo literário, e complementação com outros segmentos, tais como turismo religioso, cultural, rural e de aventura. Destaque para: Vivências e experiências literárias; Experiências religiosas; Atividades de turismo rural; Eventos culturais locais; Roteiros gastronômicos; Serviços de hospedagem e pernoite em pequenas propriedades; Cicloturismo; e, Serviços de transporte de bagagens.	Caminho de Cora Coralina https://caminhodecoracoralina.com.br 	Goiás

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Concentra em uma única lista todas as informações necessárias para organizar a sua viagem no que se refere à estrutura de apoio.	Caminho da Fé  https://caminhodafe.com.br/ptbr/hospedagem-4/	São Paulo e, Minas Gerais
Oferta de serviços de apoio e produção associada focados nos segmentos de ecoturismo e turismo rural. Destaque para: Serviços e atividades de ecoturismo e turismo rural; Comercialização da produção agrícola das comunidades do entorno; e, Serviços de hospedagem e pernoite em pequenas propriedades.	Caminhos da Serra do Mar https://caminhosdomar.com.br 	Rio de Janeiro
Oferta de serviços de apoio e produção associada em grande quantidade e diversidade focada em atividades e experiências. Destaque para: Vôo de balão; Artesanato comercializado nas comunidades adjacentes; Gastronomia local (produção artesanal de biscoito e vinho); Serviços e atividades de turismo rural; Serviços e atividades relacionadas ao turismo ferroviário; Experiências histórico-culturais; e, Serviços de hospedagem e pernoite em pequenas propriedades.	Trilha dos Canyons www.tripdoscanyons.com 	Rio Grande do Sul
Oferta de serviços de apoio e produção associada focada no segmento de turismo rural. Destaque para: Comércio de base local; Produção de hortaliças e outros cultivos; Serviços e atividades de turismo equestre; e, Serviços de hospedagem e pernoite em pequenas propriedades.	Trilha Transcarioca https://trilhatranscarioca.com.br 	Rio de Janeiro
Quadro 8: Exemplos de serviços de apoio ao turista e produção associada ao turismo em trilhas de longo curso no Brasil Fonte: Elaboração própria a partir das fontes listadas na coluna “Trilhas”.		

Salienta-se que, em alguns casos, a produção associada à trilha possui incentivos através de agentes locais que contribuem na estruturação e organização da oferta, como, por exemplo, o SEBRAE em municípios em que a Trilha Transmantiqueira perpassa. Em outros casos, como na Trilha Transcarioca, a produção associada tem acontecido de forma espontânea, principalmente por meio da mobilização independente de pequenas propriedades privadas, transformando e se reinventando para atender a uma crescente demanda da região.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS



Passo 7: Posicionar e promover o produto trilha de longo curso

Posicionamento no mercado turístico e presença digital

Posicionar é ocupar a liderança ou destaque no mercado turístico, de modo que o produto trilha de longo curso e seus produtos associados sejam valorizados e provoquem algo na mente do turista, por meio de uma mensagem simples e repetida. O que revela um posicionamento sólido é a simplicidade e a precisão. As percepções desse posicionamento podem ser entendidas como um lugar de referência para os clientes, tornando fundamental criar, manter e melhorar constantemente meios para que esse público se mantenha conectado com a marca da trilha de longo curso.

É fundamental a compreensão sobre o mercado nacional e internacional (se esta for sua ambição) e o estabelecimento de um parâmetro de dados das diversas trilhas já consolidadas, com o objetivo de comparação e evolução. De forma similar, mas em escala diferente, os serviços de apoio ao turista e produção associada ao turismo devem focar nos mercados local, regional e nacional (se esta for sua ambição).

Há muitas vantagens no posicionamento de forma correta e enfática no mercado, entre elas: maior reconhecimento de marca; aumento da influência no mercado; percepção de imagem mais controlada; e clientes mais engajados.



Figura 30: Principais ganhos com o posicionamento de mercado

Fonte: Elaboração própria.

Em um movimento progressivo de reforço mútuo, é interessante que o posicionamento da RedeTrilhas, produto turístico em escala internacional e nacional, esteja alinhado ao posicionamento turístico do Brasil. Da mesma forma, os posicionamentos de cada trilha, produto de escala regional, nacional e internacional, devem estar alinhados aos da RedeTrilhas e, por consequência, aos do Brasil.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

A marca “Trilhas do Brasil” e a mensagem “Pegadas Amarelas e Pretas que conectam Unidades de Conservação do Brasil” refletem o posicionamento unificado da RedeTrilhas. A partir deste posicionamento, as trilhas de longo curso deverão definir seus posicionamentos específicos no mercado nacional e internacional.

Ao seguir, a sinalização padrão da Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas, caracterizada pelas pegadas nas cores preta e amarela, a trilha de longo curso, já está se alinhando ao posicionamento da Rede e do Brasil. Desta forma, cada trilha regional/local tem sua própria identidade/imagem (o desenho da pegada), mas, ao mesmo tempo, faz parte de uma identidade (em amarelo e preto) de maior escala, o que lhe permite maior visibilidade como produto turístico. É este processo que promove a fixação das marcas específicas de cada trilha de longo curso e da marca conjunta da Rede na cabeça do(s) público(s)-alvo, ou seja, reforça o posicionamento de mercado.



Figura 31: Marca da rede nacional de trilhas de longo curso e conectividade – REDETRILHAS

As estratégias de posicionamento mais comuns e que podem ser usadas no mercado turístico pelos gestores de trilhas de longo curso estão descritas abaixo. Elas são ilustradas com trilhas reais, mas exemplos hipotéticos:

- Atributos do serviço (tamanho): posiciona o destino por meio de um atributo único ou diferenciador. Ex.: A maior trilha do Brasil- Trilha Oiapoque x Barra do Chuí.
- Benefícios oferecidos: baseia-se no benefício oferecido pelo destino. Ex.: Trilha Transmantequeira - a trilha com maior conforto e os melhores serviços oferecidos para o montanhista.
- Ocasão de uso: associa um destino a uma ocasião de uso específica. Ex.: Caminhos da Serra do Mar – Caminhando na Meca do Montanhismo do Brasil.
- Histórico: associa o destino a um marco. Ex.: Trilha Transcarioca, a Pioneira.
- Classes de usuários: etnia, idade, sexo, classe social. Focadas no público da melhor idade, hotéis para casais, voltadas ao consumo de turismo de alto luxo. Ex.: Trecho do meio do Caminho da Fé – onde toda a caminhada é acessível um prazer e aventura para a melhor idade.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

- Contra um competidor: faz comparações diretas contra a concorrência. Ex.: Appalachian National Scenic Trail (EUA)? Nada disso. Esse é o Caminho dos Morros de Porto Alegre, que não deve nada para ninguém.
- Afastando-se de um competidor: posiciona-se como único e de alguma forma de maior valor. Ex.: Não vá para um parque de diversões artificial. Vá para um parque de diversões natural, conheça a Rota das Cachoeiras.
- Por endosso de personalidade: Ex.: o Caminho dos Lírios: a trilha preferida dos famosos como o "Homem Aranha".
- Por endosso de especialista: Ex.: a Rota dos Pioneiros: a trilha preferida do Waldemar Niclevicz³².
- Posicionamento por popularidade: Ex.: o Caminho dos Veadeiros: todo mundo só fala nele.
- Posicionamento por país de origem: Ex.: a Rota dos Açores. Um caminho de volta para a cultura portuguesa.
- Posicionamento por tradição, longevidade: Ex.: o Caminho de Saint Hilaire: desde 1903 estruturado e atendendo ao trilheiro³³.

Por fim, as estratégias de posicionamento dos serviços de apoio ao turista e produção associada ao turismo devem estar alinhadas às estratégias macro anteriormente descritas. A seguir, são ilustradas com trilhas reais, mas exemplos hipotéticos:

- Atributos do serviço (tamanho): Ex.: Toda a diversidade das regiões do Brasil no Restaurante Ararunas, localizado no Caminho das Ararunas.
- Benefícios oferecidos: Ex.: Hospedagem do Carioca: conforto e serviço de bagagens na Trilha Transmantequeira.
- Ocasão de uso: Ex.: Hotel Palácios, o melhor para se preparar e realizar ótimos contatos na Feira de Turismo de Aventura do Brasil, localizado no Caminhos da Serra do Mar.
- Classes de usuários: Ex.: Pousada dos Pássaros: garantia de conforto, acessibilidade e serviços para a melhor idade, no meio do Caminho da Fé.
- Contra um competidor: Faz comparações diretas contra a concorrência. Ex.: Spa de luxo na Appalachian National Scenic trail (EUA)? Nada disso. Aqui você está no topo do mundo. Estalagem do Mirante, bem-estar e conforto para você descansar da caminhada no Caminho dos Morros de Porto Alegre.
- Afastando-se de um competidor: Posiciona-se como único e de alguma forma de maior valor. Ex.: Não vá para um parque de diversões artificial. Vá para um parque de diversões natural, conheça a Fazenda Rei da Toca, na Rota das Cachoeiras, são mais de 50 atividades diferentes no meio rural.

32 - Waldemar Niclevicz é formado em Turismo pela UFPR, e atua ainda como escritor, fotógrafo e palestrante. É um dos montanhistas mais experientes do Brasil com dezenas de montanhas escaladas ao redor do mundo. Foi o primeiro brasileiro a escalar o Everest ao lado de Mozart Catão, em maio de 1995. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Waldemar_Niclevicz#:~:text=Waldemar%20Niclevicz%20%C3%A9%20formado%20em,Cat%C3%A3o%2C%20em%20maio%20de%201995.

33 - Fonte: Adaptado de "Marketing e destinos turísticos" (Mtur, s/d). Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/planos-de-marketing-turistico/marketing_destinos_turisticos.pdf.



COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

- Por endosso de personalidade: Ex.: Produtos caseiros e orgânicos da Dona Maria, no Caminho da Fé: os preferidos dos famosos como o “Homem Aranha”.
- Por endosso de especialista: Ex.: Ecoaventura agência e operadora de turismo de aventura na Rota dos pioneiros: a preferida do Waldemar Niclevicz³⁴.
- Posicionamento por popularidade: Ex.: Loja e Equipamentos de Turismo de Aventura: todo mundo só fala nela.
- Posicionamento por país de origem: Ex.: Manifestação dos portugueses tardios, na Rota dos Açores, venha conhecer a essência e história da migração.
- Posicionamento por tradição, longevidade: Ex.: Queijos da Família Venâncio, no Caminho de Saint Hilaire: desde 1903 servindo a mesa de naturalistas e trilheiros³⁵.

A definição e implementação da estratégia de *marketing* e *marketing* digital pode propiciar a visibilidade do produto trilha de longo curso para os clientes ou públicos-alvo desejados e é o que reforça o posicionamento desejado. Para atuar sobre a demanda, por meio de ações de marketing, é necessário realizar um estudo do perfil, motivação e comportamento do cliente, e, posteriormente, definir as ferramentas, narrativa(s), meios de comunicação e para qual(ais) público(s) se deseja comunicar. Isso significa dizer que quanto mais informações há sobre os clientes, maior será a probabilidade de oferecer serviços e produtos compatíveis com as necessidades e anseios desses clientes. O quadro abaixo apresenta um resumo simplificado da evolução do marketing desde o século XX até os dias atuais:

Marketing 1.0	Produto	Vender produtos / compradores em massa / desenvolvimento de produto
Marketing 2.0	Cliente	Satisfazer e reter o consumidor / consumidor inteligente / posicionamento do produto e da
Marketing 3.0	Encantamento do cliente	Entender o novo cliente na esfera digital / utilização de algoritmos / criação de personas
Marketing 4.0	Do tradicional ao digital	Fazer do mundo um lugar melhor / nova onda de tecnologia / missão, visão e valores da empresa
Marketing 5.0	Tecnologia para a humanidade	Tecnologia como ponto de conexão ou aproximação da humanidade / diminuir o abismo geracional, a polarização da prosperidade e o fosso digital, bem como a desigualdade crônica e o desequilíbrio na distribuição da riqueza que leva a uma polarização de mercados

Quadro 9: Resumo simplificado da evolução do marketing desde o século XX até os dias atuais

Fonte: Kotler, 2021 APUD Cardoso, Atendimento ao cliente 5.0, 2021

34 - Idem. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Waldemar_Niclevicz#:~:text=Waldemar%20Niclevicz%20%C3%A9%20formado%20em,Cat%C3%A3o%2C%20em%20maio%20de%201995.

35 - Fonte: Adaptado de “Marketing e destinos turísticos” [Mtur, s/d]. Disponível em: https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/-publicacoes/planos-de-marketing-turistico/marketing_destinos_turisticos.pdf.



COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Com a evolução tecnológica, o marketing migrou de off-line para on-line. O marketing on-line ou digital tem os mesmos pilares do marketing off-line, mas transita com mais velocidade e com mais variáveis que precisam ser monitoradas para o sucesso da estratégia com os públicos de interesse ou clientes. A grande vantagem do marketing digital é poder alcançar um número muito maior de pessoas e organizações do que o marketing off-line alcançaria.

Além disso, o digital também passou a funcionar como forma de consumo do produto turístico em si, em que o consumo seria apenas via digital ou como um produto turístico no qual a primeira experiência seria virtual para levar ao consumo presencial. Dois exemplos sobre isso são apresentados a seguir:

1. pessoas com deficiência (PCDs) – que não podem se locomover ou enxergar uma trilha, conseguiriam, através do tour virtual, experimentar por metaverso, realidade aumentada ou por audiodescrição o passeio em qualquer trilha do país; e,
2. trilheiros que querem conhecer a infraestrutura e trajeto da trilha antes de fazê-la de forma presencial.

Comunicação e engajamento

Atualmente, a comunicação digital tem sido uma aliada dos pequenos e grandes negócios turísticos. Mas, não se pode esquecer que a comunicação off-line também tem função importante nesse processo e por isso é fundamental que o cliente saia da experiência turística extremamente satisfeito, porque ele será um grande divulgador do produto trilha de longo curso. Os processos off-line fazem parte da experiência, das conversas, da pesquisa de satisfação e da sensação positiva da experiência vivida.

“O Marketing boca a boca é uma tradução de buzz marketing, estratégia nascida nos Estados Unidos como alternativa às mídias de massa. Em vez de investir milhões em anúncios em jornais, revistas, rádios e TV, ela faz com que a mensagem da marca se espalhe de pessoa a pessoa. Uma forma bem menos dispendiosa – mas genial –, que aproveita a necessidade do ser humano de se expressar para estabelecer ou fortalecer uma marca, um produto ou um serviço. Eficiente e econômico, o boca a boca permite atingir o público-alvo com precisão, e, uma vez espalhada a mensagem, funciona como o viral, com potencial de se multiplicar com rapidez.”
(Castro, 2020)

Nos processos on-line, pode-se investir nessa estratégia via influenciador digital, que, por meio das mídias, compartilha com milhares de pessoas ao mesmo tempo suas vivências, experiências e dicas. Os quadros, abaixo, exemplificam alguns tipos de mídias on-line e off-line mais comuns e que podem ser utilizadas como ferramenta ou meio de comunicação para as trilhas de longo curso.

Comunicação off-line	Objetivo e alcance
Jornal Impresso (da trilha)	Público interno que já frequenta trilha – manter e engajar usuários atuais.
Jornal Impresso (da trilha)	Público em geral – conquistar novos usuários.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

TV	Público em geral – conquistar novos usuários.
Revista especializada e imprensa (local, nacional e internacional)	Público especializado - As revistas especializadas podem divulgar tanto a rede de trilhas e os negócios relacionados aos segmentos de turismo de aventura, ecoturismo, turismo rural, turismo cultural e turismo religioso, como a trilha de longo curso específica. Manter as revistas e imprensa com pautas constantes sobre o desenvolvimento e desempenho da trilha ajuda a fomentar o aumento do turismo, bem como atrair investimentos privados e públicos.
Panfletos/Folders/Cartilhas	Público interno que já frequenta trilha – manter e engajar usuários atuais. Público especializado quando o material é produzido para distribuição em agências, operadores e feiras especializadas.
Operadores de Turismo	Público especializado – conquistar novos usuários e manter os atuais. As agências e operadores de turismo não só divulgam e vendem as experiências na trilha, como ajudam a fomentar investimentos e novas parcerias e a formatar novos produtos turísticos associados.
Feiras especializadas (eventos de turismo, de meio ambiente, arte e cultura)	Público especializado
Famtours (Tours de familiarização) e Press Trips (Viagens para a imprensa)	Público especializado – conquistar novos usuários e manter os atuais. Ambos atraem especificamente a comunidade de jornalistas e imprensa especializada e a comunidade de agências e operadores de turismo, com o objetivo de divulgar e promover a trilha. É bastante eficaz porque mostra a esse público de interesse tudo sobre a trilha, desde os atrativos à gastronomia, serviços de apoio, produção associada e ações de preservação e conservação ambiental bem como o potencial de geração de renda.
Merchandising	Público interno que já frequenta trilha e externo (que recebe o presente) – manter, conquistar e engajar usuários. Além de um ponto de venda estratégico, com preços competitivos, ter produtos com a marca da trilha que serão adquiridos pelos turistas ou trilheiros, reforça a vocação, o propósito, a imagem e garante a divulgação da trilha. Esses produtos podem ser: passaporte da trilha, produtos com a pegada da trilha, camisas, bonés, chaveiros, bichos de pelúcia da fauna e flora da trilha, imãs de geladeira com desenhos ou imagem dos locais da trilha ou sua fauna e flora,

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

adesivos, barracas, mochilas, casacos, entre outros. O importante é que o turista leve uma recordação em forma de publicidade para sua cidade de origem, transformando o processo de divulgação em algo dinâmico, espontâneo, efetivo e afetivo.

Quadro 10: Tipos de mídia off-line que podem ser utilizadas para divulgação das trilhas de longo curso
Fonte: Elaboração própria.

Comunicação on-line	Objetivo e alcance
Instagram	Público interno e geral – conquistar, manter e engajar usuários. Deve-se utilizar as hashtags (buscadores) vinculadas às trilhas de longo curso, seus produtos associados e sua vocação e as arrobas (marcar pessoas e empresas) que ajudarão na ampliação da divulgação. Usar a hashtag #redebrasileiradetrilhas e a arroba @redetrilhas. Por ter um forte apelo visual, a ferramenta é adequada para despertar o interesse do turista em viajar pela trilha, por meio da disseminação de imagens e vídeos. É uma ferramenta propícia, também, para gerar o engajamento do público, por meio de #hashtags. Parcerias com influenciadores digitais e personalidades relacionadas à trilha também poderão ser efetivadas e divulgadas por meio do Instagram.
Facebook	Público interno e geral – conquistar, manter e engajar usuários. Devido à pluralidade de formatos de anúncios, a exposição da marca se dá de forma mais informativa e alcança públicos segmentados. Na plataforma, é possível comunicar fatos importantes, curiosidades e principais eventos que estão sendo realizados na trilha e que têm forte apelo turístico. Além disso, por meio do Facebook, podem ser realizadas campanhas, tanto para o público final quanto para os parceiros do mercado turístico (hotéis, restaurantes etc.).
Youtube	Público interno e geral – conquistar, manter e engajar usuários. Vídeos comuns, vídeos institucionais, palestras e workshops são extremamente relevantes no Youtube. O público de interesse será sempre o de gestores de trilhas, profissionais do turismo, meio ambiente, arte e cultura e os investidores. Montar conteúdo relevante para esses públicos fortalece a imagem institucional da trilha. Ferramenta ideal para exibição de filmes para dar amparo visual à mensagem da marca, com linguagem adequada e que promova os principais atrativos da trilha, bem como difundir conteúdo informativo e técnico sobre as trilhas de longo curso.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

TikTok	Público interno e geral – conquistar, manter e engajar usuários. Conteúdo descontraído em forma de vídeos. É bastante interessante que o gestor da trilha produza esse tipo de conteúdo com os usuários das trilhas e também peça aos turistas que marquem a trilha para que haja amplitude na divulgação. Chamamos esse tipo de recurso de boca a boca digital.
Plataformas ou sites ou aplicativos (apps) especializados (etrilhas, outdooractive, redetrilhas.org.br, dentre outros), e site específico da trilha	Público interno, especializado e geral – conquistar, manter e engajar usuários.
Aplicativo específico da trilha	Público interno e geral – conquistar, manter e engajar usuários. Assim como os sites próprios e especializados, os apps ou aplicativos são uma grande estratégia digital de aproximação com o público-alvo (turistas trilheiros e demais públicos que fomentam a divulgação da trilha), aumentando a demanda pelo consumo.
Whatsapp/ Telegram (para comunicação direta e local)	Público interno – manter e engajar usuários.

Quadro 11: Tipos de mídia on-line que podem ser utilizadas para divulgação das trilhas de longo curso

Fonte: Elaboração própria.

A seguir, a título de exemplo, apresentam-se ações de comunicação e engajamento que podem ser realizadas pelos gestores das trilhas de longo curso:

- capacitação para utilização de ferramentas on-line, como, por exemplo: como montar um site, como utilizar as mídias sociais;
- realizar periodicamente postagens informativas sobre a trilha de longo curso;
- identificar e atingir perfis que estejam iniciando na procura do ecoturismo;
- buscar engajamento dos jovens;
- participação em eventos regionais e participação em eventos do MTur e Embratur, entre outros; e,
- envolver escolas e faculdades, grupos de ciclistas, caminhantes, escoteiros, caiaqueiros, cavaleiros, guias e condutores, secretarias de turismo, entre outros. WhatsApp hoje é uma ferramenta local importante.

Outro recurso importante é o “storytelling” (contação de história). A veiculação de depoimentos e vídeos da cadeia e atores envolvidos com a trilha de longo curso (principalmente aqueles que mais entendem a vocação e o propósito da trilha e suas próprias iniciativas) nas mídias on-line e off-line é uma forma de aplicação fundamental deste recurso estratégico de comunicação. A seguir, exemplificamos alguns atores e temáticas a serem trabalhados para aplicação deste recurso:

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

- gestores das trilhas de longo curso – contando sobre o processo de criação e estruturação da trilha, sua vocação, informações relacionadas à sinalização e normas de segurança, voluntariado, indicações de outros sites para informações específicas;
- gestores de Unidades de Conservação – contando sobre a importância da trilha para a conservação;
- voluntários e monitores de trilhas – contando sobre o processo de manutenção da trilha;
- usuários (especialmente *Through hikers* e *Through ciclers*) – contando sobre sua experiência em completar a trilha de ponta a ponta;
- artesãos – contando sua história, como aprendeu o ofício, explicando o processo de escolha e extração da matéria-prima, mostrando o processo de produção, ferramentas e espaço de trabalho;
- produtores locais – contando suas histórias, mostrando seu processo produtivo ou detalhes importantes do processo, suas ferramentas, espaços de armazenagem e processamentos;
- membros das manifestações culturais – contando sua história, como aprendeu a manifestação, cantando trechos das músicas, mostrando os vestuários;
- membros de ONGs, Conselhos de Unidades de Conservação e outros órgãos relacionados ao meio ambiente e patrimônio cultural – contando sobre a importância e singularidade ambiental, histórica, cultural e social;
- trade turístico – contando das facilidades, diferenciais e pontos positivos relacionados a infraestrutura, atrativos, serviços de apoio ao turismo, produção associada ao turismo e processos de compra de produtos.

Outro ponto fundamental da comunicação é a garantia do engajamento do público. O engajamento nada mais é do que transformar o seu público em parceiro efetivo, de forma que essa parceria signifique estar em acordo com as premissas da trilha de longo curso. Como exemplo, pode-se citar o direito de passagem. Um dono de uma propriedade privada engajado é aquele que não só libera o direito de passagem dos trilheiros em seu território como também estimula essa ação, divulgando a trilha e participando da gestão compartilhada. Essa gestão compartilhada gera enormes benefícios não só para os gestores da trilha como para os trilheiros e para os donos dos territórios. Mas quais são os benefícios?

1. sistema de segurança do espaço público e privado da trilha – dá garantia de segurança ao trilheiro e ao dono da área privada de passagem;
2. divulgação da trilha de longo curso nos níveis local, regional e nacional;
3. com a ampliação da divulgação da trilha, gera maior fluxo turístico, bem como o aumento de emprego e renda local e investimentos em infraestrutura, meio ambiente e cultura; e
4. contribui para a imagem da trilha de longo curso como referência regional, nacional e internacional em conservação e preservação ambiental e valorização do patrimônio cultural.

Boas práticas internacionais e nacionais de comunicação e engajamento

Apresentam-se, a seguir, algumas referências de boas práticas internacionais e nacionais relativas à aplicação de estratégias de comunicação e engajamento.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Boa prática	Trilha	País
Destaque do Instagram, com link direto para a loja da rota, onde pode-se acessar os produtos e serviços em apenas em um clique. Os conteúdos do Instagram aparecem em dois idiomas, o que facilita a divulgação na maioria dos países do mundo. Os conteúdos vão desde explicação sobre as rotas, como destaque de trechos e suas paisagens, divulgação de grupos de trilheiros e divulgação dos produtos turísticos ambientais, culturais, históricos e gastronômicos da rota e calendário de eventos. No site, você encontra as mesmas informações com mais detalhes, em apenas 2 cliques e em 4 idiomas, e consegue planejar sua viagem, fazer reservas em estabelecimentos de hospedagem e contratar transportes.	Rota Vicentina www.rotavicentina.com https://www.instagram.com/rotavicentina/ 	Portugal
O site possui, no menu, 3 abas que direcionam o trilheiro/turista em um clique para a área de interesse. O número mínimo de cliques facilita o envolvimento do interessado e sua rápida decisão dos pontos que deseja navegar com todas as orientações, vendas e tipos de trilhas que podem ser feitas, bem como preços, como chegar, como comprar o passeio etc. Como estratégia de marketing, possui 3 abas principais que demonstram o produto, o posicionamento da gestão em relação ao meio ambiente e a aba de convite para se envolver como investidor ou doador da trilha. O Instagram possui a mesma linguagem, com o Linktree na bio, direcionando para os temas relevantes de vendas e proteção ambiental da trilha. Como estratégia de apreensão sobre a trilha, as imagens do Instagram possuem alta qualidade.	Appalachian Trail https://appalachiantrail.org / https://www.instagram.com/appalachian.trail/ 	Estados Unidos
No site você encontra a descrição completa das rotas em suas diversas formas, para que o trilheiro já se sinta interessado em fazer a trilha. Desde as informações de mapas on-line à galeria de fotos. Disponibiliza a Revista PCT Comunicador, com artigos científicos, o boletim Trail Dirt, e promove um concurso de fotografias anual, que estimula a divulgação da trilha pelos trilheiros. Também estão no site as parcerias	Pacific Crest Trail https://www.pcta.org/ https://www.instagram.com/pacificcrest.trail/ 	Estados Unidos

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

corporativas que estimulam o investimento ou doação para as trilhas, e o trilheiro-membro, que paga uma mensalidade para ser usuário vip. No Instagram, as fotografias em alta resolução divulgam as mais belas paisagens, infraestrutura e segurança das trilhas PCT. Um bom banco de imagens pode encantar e provocar um sentimento e vontade de fazer a trilha, ou seja, tem forte apelo comercial.

A estrutura do site é bem simplificada. O acesso tem no máximo 2 cliques. Lá, o trilheiro encontra dicas de como fazer a rota, pontos turísticos, turismo gastronômico, turismo de saúde, trilhas top ten e dicas. No app, o trilheiro poderá fazer a experiência das trilhas em realidade aumentada (museus, patrimônio cultural, alojamento, artesanato, esportes, gastronomia, festivais etc). Há também a descrição das rotas com integração entre elas, com visualização, perfil topográfico e grau de dificuldade, agenda cultural e previsão climática das rotas.

Caminho de Santiago de Compostela

<https://www.caminode.santiago.gal/>
https://www.instagram.com/caminhodesantiago_oficial/



Espanha

Quadro 12: Boas práticas internacionais de comunicação e engajamento

Fonte: Elaboração própria.

Boas práticas	Trilha	País
Site simples, objetivo, direto e que atende às especificidades do público-alvo (foi realizado estudo com teste de melhores termos para a comunicação). Possui referências institucionais, de serviços de apoio, loja de produtos que reforçam a marca da trilha, características da trilha e informações sobre a execução do percurso, cidades pelas quais o trajeto passa, modais utilizados na trilha, agenda de eventos no decorrer do percurso e comunicação e aba de credenciamento do peregrino.	Caminho da Fé https://caminhodafe.com.br/ptbr/ https://www.instagram.com/caminhodafe/ 	São Paulo e Minas Gerais
Site de comunicação fácil e rápida com detalhes claros sobre como fazer a trilha. O trilheiro em dois cliques chega em todas as informações necessárias sobre hospedagens, alimentação,	Caminho de Cora Coralina https://caminhocoracoralina.com.br https://www.instagram.com/caminhocoracoralina/ 	Goiás

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

passaporte, custos, operadoras de turismo e outros. No Instagram, um padrão de imagens de alta qualidade com informações, mapas, perguntas frequentes, dicas e link na bio para direcionamento para mais informações e ao site.		
No site há um mapa que descreve a rota e suas atrações. No Instagram, há o detalhamento de produtos turísticos, como arte, cultura, gastronomia, história, meio ambiente e medicina dos povos tradicionais.	Caminho de Saint Hilaire https://caminhosainthilaire.com.br/ 	Minas Gerais

Quadro 13: Boas práticas nacionais de comunicação e engajamento

Fonte: Elaboração própria.

Divulgando sua trilha – Roteiro de ações

Para que a trilha alcance adequadamente o público desejado, é imprescindível cuidar da comunicação on-line. Nenhum produto turístico é capaz de sobreviver atualmente sem ter uma presença digital. Conheça as principais opções que você pode – e deve – utilizar para divulgar sua trilha:

Site Institucional

O site é a principal referência on-line sobre a trilha e o instrumento oficial utilizado para divulgação e informação. Nele, devem constar todas as informações que o trilheiro precisa para ter uma boa experiência. Veja abaixo o passo a passo de como criar e manter atualizado o site da sua trilha:

1. Registro de domínio

Domínio é o nome que vem após o “www”, sendo usado também nos e-mails oficiais da organização. Você pode pesquisar os termos disponíveis para registro no site www.registro.br. Consulte as opções relacionadas ao nome da sua trilha e registre aquela que for mais fácil das pessoas encontrarem e assimilarem. Evite usar siglas e prefira sempre a terminação “.com.br”. Caso não esteja disponível e sua trilha for uma ONG registrada, pode-se optar também pela terminação “.org.br”.

2. Mapa do site

Levante todas as informações e recursos que devem constar no site e organize de forma a facilitar a localização dos conteúdos. Como sugestão, pode-se fazer a seguinte divisão:

- Quem somos – Uma breve história da trilha, contendo o propósito, o funcionamento (como é gerida) e links para entidades parceiras.
- Sobre a trilha – Mapa com informações sobre o traçado, pontos de atenção em relação à segurança, pontos de apoio, locais com sinal de celular, valores para acesso à trilha (se houver tarifas) e demais peculiaridades.
- Serviços – Relação de hospedagens, restaurantes, agentes de turismo e outros serviços disponíveis ao longo do trajeto, com os respectivos contatos e links.
- Galeria – Fotos da trilha de boa qualidade, ou seja, com bom enquadramento, foco e em alta resolução, para que os usuários conheçam e saibam o que podem encontrar no caminho. Essa é uma página

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

importante para atrair público, por isso é importante investir em boas imagens. Verifique sempre se as fotos são liberadas para uso.

- Blog - Página onde podem ser postados textos com dicas e relatos sobre a trilha.
- Notícias - Página onde podem ser postadas notícias publicadas na imprensa sobre a trilha.
- Faça parte - Informações para quem deseja ser parceiro, seja como apoiador ou como voluntário. É possível colocar formulários para cadastro.
- Loja Virtual - Página destinada à venda de produtos com a marca da trilha, quando houver, como camisetas, bonés, souvenirs, passaportes etc.
- Fale conosco - Informações de contato (e-mail, telefone e endereço), além de um formulário para quem deseja fazer alguma crítica ou sugestão.
- Links - Ícones com link para acesso fácil a outras páginas, como Instagram, Facebook, Youtube e TikTok. Caso haja um aplicativo da trilha, o link também deve estar disponível.

3. Arquitetura da informação, layout e desenvolvimento

Nessa etapa, será preciso contratar profissionais especializados para elaboração da arquitetura do site e desenvolvimento da página, de acordo com a identidade visual e o propósito da trilha. Há diversas agências especializadas nessa área. Peça ao menos três orçamentos e propostas. As agências normalmente indicam as plataformas a serem usadas, assim como as opções de hospedagem do site (onde as informações ficam armazenadas). Fique atento às questões de segurança do site e às normas da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

4. Manutenção

Com o site pronto, é preciso gerenciar as informações e atualizar o seu conteúdo com frequência, para que a trilha não caia no descrédito. Normalmente, as agências que desenvolvem o site propõem pacotes de manutenção técnica e hospedagem, mas é importante que haja também um profissional de comunicação para atualizar as notícias, imagens e o blog institucional. Essa atualização ajuda muito no ranqueamento da trilha nas buscas orgânicas do Google. Além disso, lembre-se de anualmente renovar a assinatura do seu domínio, para não perder o direito ao nome que você escolheu no “registro.br” e a página não sair do ar.

5. Promoção

Uma forma de aumentar a visibilidade da trilha é investir em links patrocinados no Google. Essa gestão, porém, deve ser realizada por profissionais de marketing especializados, que vão ajudar a definir a melhor estratégia.

Veja alguns exemplos de sites que você pode tomar como referência:

- www.rotavicentina.com
- <https://www.bibbulmuntrack.org.au/>
- <https://www.pcta.org/>
- <https://www.caminodesantiago.gal/>
- <https://trilhatranscarioca.com.br/>
- <https://caminhosainthilaire.com.br/>
- <https://trilhaamazoniaatlantica.com.br/>
- <http://www.trilhatransmantiqueira.com.br/w3/>
- www.redetrilhas.org.br



COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Independentemente de sua trilha ter site próprio, ela também pode – e deve – ter um subsite dentro do site oficial da Rede Brasileira de Trilhas (www.redetrilhas.org.br), que funcionará como outra porta de entrada para seu site principal. Contate a Associação Rede Brasileira de Trilhas para hospedar o subsite de sua trilha na aba “As Trilhas”.

Redes sociais

As redes sociais são, atualmente, um recurso importantíssimo de interação, engajamento e divulgação de seus produtos e ações. Veja abaixo como criar e gerir sua página nas redes sociais:

1. Inscrição na mídia

Para todas as mídias on-line, você deve ter um celular (Android ou iOS) e ir na loja de aplicativos do seu aparelho. Após baixar o app, crie uma conta comercial para a sua trilha, com um texto curto que contenha as principais informações sobre ela. Os aplicativos são autoexplicativos, basta seguir as instruções.

2. Estratégia

Elabore uma estratégia de posicionamento nas redes sociais, preferencialmente com a ajuda de um profissional de comunicação. Qual o tom de voz que você vai usar para conversar com o seu público? Que tipo de informações serão divulgadas? Que imagens serão utilizadas? Qual a periodicidade das publicações? A mídia social é um espaço de comunicação intensa. Por isso, recomenda-se que se faça pelo menos três postagens semanais para manter o movimento do feed (página) e fidelizar o público seguidor. Use e abuse dos reels (recurso de vídeo do Instagram) e também dos stories. Cuide para que sua página tenha uma boa apresentação, com um layout limpo e atrativo.

3. Recursos de pesquisa, @ e

A arroba @ é um símbolo que você utiliza para marcar pessoas e organizações de interesse para que se alcance de forma orgânica mais visualizações. Assim, a pessoa marcada poderá ver e replicar a publicação. Já a hashtag # é um buscador. Se eu quero ver como outras trilhas fazem suas postagens para me inspirar, por exemplo, eu vou na lupa da mídia social e coloco a #trilha. A partir daí, aparecerão todas as publicações que tiverem essa marcação. Quando você localiza uma trilha, você também pode segui-la ou mandar mensagem pedindo que ela te siga também.

4. Posts patrocinados x orgânicos

As postagens gratuitas geram o que chamamos de envolvimento orgânico, ou seja, o público que curte sua página chega até ela porque se identifica com o conteúdo e/ou tem interesse no assunto. Mas há também a opção de patrocinar uma publicação, destinando um valor para que a mídia social mostre um conteúdo específico a um público selecionado. Isso é muito usado quando há uma programação ou evento específico, com o objetivo que aquela determinada publicação abranja um público além do que já é seguidor. Deve-se, porém, utilizar esse recurso com moderação, pois, quando há um investimento financeiro intenso em uma rede social, ela passa a reduzir a visualização dos posts orgânicos para forçar a organização a investir ainda mais em publicidade. O mesmo cuidado deve ser tomado na chamada “compra de seguidores”, pois pode mascarar os resultados e reduzir o engajamento (curtidas e comentários) de quem realmente importa.

5. Monitoramento e interação

A presença em uma rede social exige que se tenha uma pessoa para moderar os comentários, responder as perguntas, curtir e comentar outras páginas de interesse, além de monitorar os resultados e o envolvimento do público. Um comentário negativo sem resposta pode trazer consequências muito significativas à trilha.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Exemplos de mídias sociais relacionadas a trilhas:

<https://www.instagram.com/redetrilhas/>

<https://www.instagram.com/caminhodosveadeiros/>

<https://www.instagram.com/caminhosantiagocompostela/>

<https://www.instagram.com/trilhaoiapoquebarradochui/>

<https://www.instagram.com/caminhocorredordaquartacolonia/>

<https://www.instagram.com/caminhodafeassociacao/>



Aplicativos de mensagens

Os aplicativos de mensagens são hoje as ferramentas mais eficazes para se comunicar com um público específico. Os mais utilizados atualmente são o WhatsApp e o Telegram, para o envio de mensagens rápidas e instantâneas a grupos ou listas. Nesse tipo de comunicação, você pode compartilhar novidades sobre a trilha, programações de eventos, além de chamar as pessoas para participação, mantendo a trilha sempre viva para os seus públicos.

1. Criação de grupos e listas

Um grupo é ideal quando há um número restrito de participantes. Por exemplo, um grupo de voluntários ou parceiros da trilha. Já a lista é adequada para a comunicação a um público mais amplo, como trilheiros cadastrados na sua base de dados.

2. Regras do grupo

Para evitar que o grupo se desvie de seu foco principal ou compartilhe mensagens desnecessárias, é importante que as regras sejam postas com clareza a cada novo membro. O administrador deve moderar esses comentários e enviar advertências aos participantes que estiverem desrespeitando os combinados.

3. Proteção de dados

Por ser um aplicativo de contato direto, é importante que toda transmissão seja feita sob autorização, em respeito à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Então, se você for enviar uma mensagem sobre alguma ação, sempre mande a mensagem no final: “Essa é uma mensagem automática via lista. Respeitamos sua privacidade e, por isso, se não desejar receber mais nossas informações, mande a mensagem NÃO e tiraremos o seu nome da lista”.

Aplicativos próprios

Aplicativos de trilhas são instrumentos úteis, muito utilizados para acessar mapas e identificar os serviços disponíveis. Cabem na palma da mão e servem como uma simplificação do site, com a inclusão de algumas funcionalidades. Assim como as outras mídias, servem como estratégia de aproximação com o público, além de oferecer opções de consumo. E, principalmente, auxiliam a criar uma experiência positiva.

1. Objetivo

O primeiro passo é entender o que se quer com o aplicativo, para definir quais ferramentas e funcionalidades ele deve ter. Por exemplo: ajudar o caminhante durante o percurso da trilha, apontando locais propícios para camping ou hospedagem, alimentação, contemplação, aluguel de equipamentos etc.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

2. Contratação de agência especializada

Contrate uma fábrica de aplicativos experiente, a fim de evitar problemas futuros.

3. Testagem e divulgação

Teste a usabilidade com um público restrito, para só depois divulgar a ferramenta. A divulgação pode ser feita tanto nas mídias digitais citadas acima como também nos estabelecimentos parceiros e demais pontos de apoio da trilha.

Exemplos de app:

<https://etrilhas.com.br/home>

<https://www.outdooractive.com/pt/>



Passo 8: Criar um Núcleo Decisório e definir a governança da trilha

Nos passos anteriores, vimos diversas observações relativas à formação da base de governança da sua trilha. Desde o momento inicial, definindo o propósito e o traçado conceitual da trilha, ao processo de entendimento do território envolvendo um mapeamento de possíveis atores, que irão compor o Núcleo Decisório da sua trilha.

Este Núcleo terá diversas atribuições, como tomar decisões de forma legítima e democrática, e falar em nome da trilha para veículos de imprensa, doadores de recursos financeiros e órgãos governamentais de gestão territorial e ambiental. Outras atribuições, não menos importantes, irão se relacionar com a parte financeira, em atividades como captar, receber e destinar recursos, de acordo com os objetivos da trilha.

Espera-se que o Núcleo de Governança da sua trilha converse com a Governança Nacional da RedeTrilhas, aderindo à Rede conforme critérios da Portaria Conjunta nº 500/2020, e contribuindo para a evolução e fortalecimento do sistema de Trilhas de Longo Curso em todo o país, de forma ordenada, coordenada e com dinâmica de relacionamento horizontal. A sua trilha é parte decisiva na construção das políticas públicas em relação às trilhas; as suas contribuições, colocadas de “baixo para cima”, podem acrescentar conhecimento acumulado ao sistema de Trilhas do Brasil.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Tudo começa da esfera local e cresce para formar redes regionais e a rede nacional - RedeTrilhas. Neste processo, as tecnologias digitais, como reuniões on-line, grupos de aplicativos de conversa, como Whatsapp, aliadas a encontros e seminários regionais e congressos nacionais presenciais, têm facilitado a conversa entre as trilhas de uma mesma região, entre trilhas regionais e de todas estas com a esfera nacional. É importante estimular a regionalidade da governança.

Existem numerosas opções de estruturas de governança, em função das características próprias de cada trilha. É fundamental, ao estruturar a governança da sua trilha, mapear os atores que irão contribuir em cada função/cadeira, criando uma rede de articulação entre atores, transitando entre as diferentes instâncias. Dentro da estrutura de governança também é fundamental definir os temas que irão estar presentes. Por exemplo, uma trilha que admite modais de caminhada e ciclismo deve ter representantes técnicos correspondendo a ambas essas especialidades.

Por fim, visitamos os conceitos de **elasticidade e adaptabilidade** desta estrutura de governança. Ou seja, uma trilha de longo curso é dinâmica e evolui, e, da mesma forma, a estrutura de governança deve seguir esta tendência, admitindo ajustes, tais como: incorporação de novos atores públicos e privados, novos empreendedores, criação de novas cadeiras/cargos, incorporação de novos temas, admissão de participação de novas instâncias etc.

Instâncias de governança e atores no contexto das trilhas

As instâncias de governança devem existir de forma harmônica e interdependente, sendo que **o grande desafio é colocar as instâncias governamentais e da sociedade civil para trabalharem juntas**. Neste sentido, o melhor caminho pode ser o caminho do meio, que atenda de forma eficiente e equilibrada aos interesses e objetivos de todas as partes envolvidas.

Uma das ações fundamentais para a criação de uma trilha de longo curso é o entendimento de que a estruturação da governança tem base territorial, ou seja, está ligada à realidade do território abrangido por sua trilha. A estrutura de governança reúne os atores-chave e será responsável por definir, direcionar, orientar e dar suporte à execução da estratégia do produto turístico trilha de longo curso. A partir destas definições e do suporte da estrutura de governança, outros atores locais e regionais poderão desenvolver seus empreendimentos e iniciativas de acordo com a vocação, objetivos e normas da trilha.



Charles Gomes - Parque Natural Municipal de Niterói

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS



Figura 32: Diagrama ilustrativo da diversidade de segmentos e atores envolvidos com uma trilha de longo curso
Fonte: Elaboração própria.

As especificidades e complexidades envolvidas na estruturação de uma instância de governança para uma trilha de longo curso são muitas. O segmento do turismo apresenta grande diversidade de atores envolvidos em sua cadeia; e, no mesmo sentido, uma trilha passa por diferentes territórios, envolvendo grande quantidade de atores de regiões diversas e das esferas pública, privada e do terceiro setor.



Janaína de Lima - Trilha Cassino-Barra do Chuí

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Por outro lado, as Unidades de Conservação conectadas pelas trilhas de longo curso, muitas vezes, já possuem instâncias de governança próprias estruturadas. Este tipo de “estrutura de governança pronta” está materializado, por exemplo, na própria estrutura de gestão das UCs, sejam municipais, estaduais ou federais, ou em conselhos ligados a uma UC ou a um Mosaico de UCs ou Reserva da Biosfera da UNESCO. Uma trilha que está contida em um Parque Nacional ou APA, para citar algumas opções, irá aproveitar naturalmente a estrutura de governança existente. De forma similar, os municípios e estados podem possuir Conselhos de Meio Ambiente, Cultura, Turismo, entre outras instâncias já estruturadas em nível regional, tais como consórcios municipais e IGRs (Instâncias de Governança Regional Turística). Sendo assim, o grupo interessado em criar e estruturar a trilha de longo curso pode e **deve aproveitar as instâncias de governança já existentes no território** pelo qual ela passa para criar a sua própria. O desafio será conectar esta trilha a outras que possuem, por exemplo, gestão de entes exclusivamente privados. Por isso é importante a dinâmica de elasticidade e adaptabilidade no seu Núcleo Decisório.

Funções específicas desejadas para a governança da trilha

São diversas as questões específicas, interligadas no processo de instituição de uma trilha, que deverão ser verificadas, orientadas e monitoradas pela instância de governança, tais como:

1. criar estratégia de definição do traçado com foco nos atrativos naturais e culturais e rotas de escape;
2. falar pela trilha e negociar com outras instâncias decisórias públicas e privadas;
3. mapear o território com foco na rede de apoio;
4. definir responsabilidades de sinalização, manejo, manutenção e monitoramento;
5. identificar, envolver e coordenar ações de voluntariado;
6. estabelecer diálogo entre esferas pública, privada e sociedade civil;
7. estruturar o produto turístico e estruturas de apoio;
8. mobilizar pessoas e empreendimentos para envolvimento no projeto;
9. definir e implementar estratégias de comunicação da trilha; e,
10. outros aspectos que requerem uma liderança sólida para definir ações e direcionamentos.

Institucionalização da governança

As cadeiras previstas no Núcleo Decisório da sua trilha devem ser, preferencialmente, correspondentes a coletivos informais (como grupos de ciclistas, corredores de montanha, caiaqueiros e de caminhadas), instituições da Sociedade Civil e órgãos governamentais ligados à gestão territorial, ambiental, patrimonial cultural e de desenvolvimento turístico. Entre muitas opções, de acordo com as particularidades da sua trilha, poderíamos citar os seguintes exemplos de institucionalização:

- consórcio de municípios;
- ONGs com atuação na área ambiental ou social;
- associações civis dedicadas ao desenvolvimento de esportes como ciclismo, montanhismo, canoagem, dentre outros;
- órgãos municipais, estaduais e federais das áreas de turismo, meio ambiente e patrimônio cultural;
- mosaico de UCs ou de Reserva da Biosfera;
- representantes de proprietários de terras; e,
- representantes de comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas conectadas pela trilha.

A seguir, uma representação gráfica mostrando as diferentes instâncias de governança e respectivos atores ligados à realidade das trilhas de longo curso.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS



Figura 33: Diagrama com atores envolvidos por instância de governança para uma trilha de longo curso

Fonte: Elaboração própria.

ATORES	PRINCIPAIS ATIVIDADES
Gestores de trilhas de longo curso	Responsáveis por coordenar a execução da ampla gama de atividades de planejamento, implementação, sinalização, operação, monitoramento e manutenção da trilha; organizam e coordenam oficinas de sinalização e ações de voluntariado; integram o Núcleo Decisório da trilha; podem ser originários dos setores público, privado, coletivos informais ou sociedade civil organizada.
Grupos de caminhantes, montanhistas, ciclistas, corredores de montanha, escoteiros, cavaleiros, caiaqueiros	Atuam em muitas atividades pioneiras de implementação da trilha, como a definição de traçado, identificação e consolidação de modais; auxílio na divulgação, apoio técnico específico; importante atuação junto ao voluntariado nas trilhas.
Voluntários	Constituem a base executiva em campo, realizando atividades de implementação, sinalização, monitoramento e manutenção da trilha; integram esforços de voluntariado ligados a órgão governamentais como o ICMBio

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

	(https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/acoes-e-programas/acoes-socioambientais-e-consolidacao-territorial-em-ucs/programa-de-voluntariado-do-icmbio); muitas trilhas são instituídas e mantidas com o apoio voluntário de trilheiros apaixonados pela natureza.
Guias e condutores de visitantes	Atuam na operação da trilha, principalmente no contexto privado; contribuem, como voluntários, na implantação e manutenção da sinalização e no manejo das trilhas de longo curso, além de em outros projetos específicos.
Prefeituras, secretarias e conselhos municipais	Responsáveis pela administração dos territórios (municípios) por onde passam as trilhas de longo curso; orientam, elaboram políticas, regulam o mercado, fomentam o desenvolvimento e apoiam a estruturação, qualificação e promoção dos produtos turísticos; viabilizam a governança das trilhas a nível local, criando políticas públicas para fortalecer a Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas; podem atuar na minimização de conflitos relacionados a direitos de passagem.
Gestores de Unidades de Conservação (municipais, estaduais ou federais)	Responsáveis pela gestão de áreas protegidas pelas quais passam as trilhas de longo curso; fazem a gestão de trilhas dentro das suas respectivas UCs; desenvolvem e aplicam zoneamentos específicos que deverão ser observados pela trilha de longo curso; participam de conselhos ligados a Mosaicos de UCs.
Proprietários de terras	Participam em acordos de servidão de passagem; integram consórcios de proprietários privados para constituir trilhas ou trechos de trilhas; participam da rede de serviços de apoio ao usuário, como em empreendimentos de hospedagem e alimentação.
Serviços de apoio ao trilheiro (trade turístico local: hospedagem, alimentação, receptivo, guias, condutores, operadores locais)	Responsáveis pelo complexo de serviços que vão garantir ao trilheiro melhor experiência através de maior diversidade e conforto no que tange a oferta de serviços essenciais, tais como hospedagem, alimentação, mobilidade, transporte, entre outros, relacionando-se, de forma integrada, aos elementos atrelados a gastronomia, artes, cultura e história local; serviços próprios e diretamente relacionados ao produto trilha de curso.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Cadeia relacionada à produção associada ao turismo	Responsáveis pelas atividades de segmentos econômicos que potencializam e ampliam a diversificação da oferta turística da trilha de longo curso, normalmente relacionados à vivência rural, tais como: manifestações culturais, culinária típica, artesanato e produção rural.
Sistema S - Sebrae, Senai e Sesc	Organizações da indústria, do comércio e dos serviços, responsáveis por proporcionar treinamentos e aprimoramentos profissionais, bem como lazer e saúde aos profissionais atrelados a essas áreas, sendo que essas contribuições são mantidas com recursos provenientes de cada setor.
Associações e ONGs locais	Associações e ONGs relacionadas à atuação ambiental, social e ligada ao patrimônio cultural; integram a rede de apoio local a atividades específicas ligadas às trilhas.
Associação Rede Nacional de Trilhas	Estimula a criação de novas trilhas, auxilia na definição da governança e adesão das trilhas à RedeTrilhas; realiza treinamentos e cursos no sentido de fortalecer a governança local; provê apoio técnico para implementação e manejo de trilhas; realiza eventos de intercâmbio entre trilhas; propõe novas trilhas conectando iniciativas locais e regionais; estimula o uso das trilhas; incentiva a realização de estudos técnicos e empreendedorismo ao longo das trilhas; estimula a realização de intercâmbio técnico com outras Associações estrangeiras; organiza congressos e seminários.

Figura 34: Exemplos de atores e principais atividades dentro da instância de governança local

Fonte: Elaboração própria.

ATORES	PRINCIPAIS ATIVIDADES
Mosaicos de Unidades de Conservação, Reservas da Biosfera e Regiões Turísticas	Definem estratégias para a interação da trilha com políticas territoriais de conservação da natureza, relação com UCS, uso responsável dos recursos naturais, desenvolvimento regional do turismo.
Secretarias de Meio Ambiente, Órgãos Estaduais de Meio Ambiente e conselhos estaduais	Órgãos de governos estaduais responsáveis pela proteção e a recuperação do meio ambiente, uso sustentável dos recursos naturais, valorização dos serviços ambientais e a inserção do desenvolvimento sustentável na formulação e na implementação de políticas públicas.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Mosaicos de Unidades de Conservação, Reservas da Biosfera e Regiões Turísticas	Viabilizam, a nível estadual e municipal, o cumprimento de ações futuras previstas pelo MTur, tais como: divulgar as trilhas como produtos turísticos; criar uma linha orçamentária que possibilite a implementação, manutenção, treinamentos, feiras, publicidades e outros, para fomentar e divulgar as trilhas brasileiras.
Secretarias de Turismo	Órgãos de governos estaduais responsáveis pela proteção e a recuperação do meio ambiente, uso sustentável dos recursos naturais, valorização dos serviços ambientais e a inserção do desenvolvimento sustentável na formulação e na implementação de políticas públicas.
Gestores de Unidades de Conservação (municipais, estaduais ou federais)	Viabilizam, a nível estadual e municipal, o cumprimento de ações futuras previstas pelo MTur, tais como: divulgar as trilhas como produtos turísticos; criar uma linha orçamentária que possibilite a implementação, manutenção, treinamentos, feiras, publicidades e outros, para fomentar e divulgar as trilhas brasileiras.
Trade turístico	Responsáveis pela gestão de áreas protegidas pelas quais passam as trilhas de longo curso; fazem a gestão de trilhas dentro das suas respectivas UCs; desenvolvem e aplicam zoneamentos específicos que deverão ser observados pela trilha de longo curso; participam de conselhos ligados a Mosaicos de UCs
Associações e ONGs estaduais	Associações e ONGs relacionadas a atuação ambiental, social e ligada ao patrimônio cultural; integram a rede de apoio local a atividades específicas ligadas às trilhas.
Associação Rede Brasileira de Trilhas	Atua como foro de debates e instância decisória legítima e democrática da sociedade civil sobre a agenda Trilhas de Longo Curso, estimula a criação de novas trilhas, auxilia na definição da governança e processo de adesão das trilhas à RedeTrilhas; realiza treinamentos e cursos no sentido de fortalecer a governança local; provê apoio técnico para implementação e manejo de trilhas; realiza eventos de intercâmbio entre trilhas; propõe novas trilhas conectando iniciativas locais e regionais; estimula o uso das trilhas; incentiva a realização de estudos técnicos e empreendedorismo ao longo das trilhas; estimula a realização de intercâmbio técnico com outras Associações estrangeiras.

Figura 35: Exemplos de atores e principais atividades dentro da instância de governança regional

Fonte: Elaboração própria.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

ATORES	PRINCIPAIS ATIVIDADES
Ministério do Turismo - MTur	Apoia à comercialização do produto turístico “Trilhas do Brasil” por meio do estreitamento das relações entre receptivos locais em eventos turísticos e operadoras de turismo nacionais; fortalece a marca “Trilhas do Brasil”; divulga vantagens e benefícios para a adesão de trilhas à RedeTrilhas; apoia a comercialização das trilhas em eventos; apoia o fortalecimento da governança; amplia a utilização de inteligência de mercado para fins de formatação e promoção turística de trilhas; elabora e implementa estratégias de marketing e de posicionamento de mercado para as trilhas; veicula campanhas de estímulo ao uso das trilhas e divulgação de trilhas como produto turístico; fomenta a estrutura de captação de recursos, estratégias de empreendedorismo competitivo para a implementação das trilhas; melhora a qualidade e estimula a implantação de redes de apoio a usuários de trilhas (locais de pernoite e alimentação, transfer de bagagens e outros; elabora e divulga orientações para apoiar a criação, estruturação e promoção de trilhas de longo curso no Brasil, considerando seus diferentes estágios de implementação.
Ministério do Meio Ambiente - MMA	Estimula o estabelecimento de mosaicos e corredores de Unidades de Conservação, parcerias e/ou implementa outras ações, para ampliar a conectividade entre áreas naturais envolvendo trilhas de longo curso; define políticas para ampliar a adesão de novas trilhas à Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas; fortalece a marca das “Trilhas do Brasil”; avalia estratégias para minimizar conflitos relacionados a direito de passagem, de forma a favorecer a implementação de trilhas de longo curso; articula e integra, com demais entes da federação componentes do SNUC, o desenvolvimento da RedeTrilhas de modo que funcione como ferramenta de conectividade ecológica; desenvolve estratégias, mecanismos e instrumentos econômicos para financiamento e sustentabilidade econômica da RedeTrilhas; promove intercâmbio nacional e internacional de entidades que possam potencialmente estimular o desenvolvimento de trilhas que aderiram à RedeTrilhas; promove o desenvolvimento de políticas que assegurem o direito de passagem nas trilhas reconhecidas; fomenta as discussões sobre a organização e
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio	Realiza o cadastramento das trilhas de longo curso regionais e nacionais na Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas; faz a gestão de trechos de trilhas que atravessam UCs federais; harmoniza trilhas e planos de manejo de UCs, por meio de revisão de traçados de trilhas ou de zoneamentos,

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

	adequação de usos e outros, e/ou da revisão/ compatibilização de planos de manejo; estimula o estabelecimento de mosaicos de Unidades de Conservação, parcerias e/ou implementa outras ações, para ampliar a conectividade entre áreas naturais envolvendo trilhas; favorece o envolvimento de outros níveis de governo (estadual e municipal) e privado, na governança e divulgação das trilhas; promove a regularização fundiária, o direito de passagem, a minimização de conflitos de uso (caminhada, bike, corridas, cavalo, outros), manutenção, manejo, conservação e definição do melhor trajeto das trilhas de longo curso em UCs federais; fomenta e coordena a atuação de voluntários em atividades relacionadas às trilhas, dentro do Programa de Voluntariado do ICMBio (https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/acoes-e-programas/acoes-socioambientais-e-consolidacao-territorial-em-ucs/programa-de-voluntariado-do-icmbio).
--	--



Figura 36: Exemplos de atores e principais atividades, dentro da instância de governança nacional

Fonte: Elaboração própria.

ATORES	PRINCIPAIS ATIVIDADES
Associação Rede Brasileira de Trilhas	Estimula a criação de novas trilhas, auxilia na definição da governança e processo de adesão à Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas; realiza treinamentos e cursos no sentido de fortalecer a governança local; apoia tecnicamente a implementação e manejo de trilhas; realiza eventos de intercâmbio entre trilhas; propõe novas trilhas conectando iniciativas locais e regionais; estimula o uso das trilhas; estimula a realização de estudos técnicos e empreendedorismo ao longo das trilhas; estimula a realização de intercâmbio técnico com outras Associações estrangeiras.
Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo - EMBRATUR	Divulga e apoia a comercialização de destinos turísticos que possuam trilhas estruturadas com meios de hospedagem, alimentação, experiências turísticas comercializadas, sinalização e segurança, dentre outros aspectos observados pelo mercado internacional; promove as trilhas já estruturadas; realiza levantamentos de demandas do mercado em relação à qualificação desse tipo de produto, visando a inserção/ consolidação das trilhas brasileiras no mercado internacional.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura - ABETA	Promove capacitação abordando a promoção do turismo sustentável e seguro em trilhas; contribui para a estruturação de destinos turísticos relacionados às trilhas; estimula maior uso das trilhas, vende pacotes e opera excursões a trilhas, por meio de seus associados.
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE	Organização dos segmentos de comércio e dos serviços, responsável por proporcionar treinamentos e aprimoramentos profissionais, bem como lazer e saúde aos profissionais atrelados a essas áreas, sendo que essas contribuições são mantidas com recursos provenientes de cada setor.

Figura 37: Potenciais parcerias da governança nacional das trilhas de longo curso

Fonte: Elaboração própria.

As Reservas Particulares do Patrimônio Natural e a RedeTrilhas

A Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) é Unidade de Conservação prevista na Lei Federal nº 9.985/2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). Muitos estados e municípios brasileiros também já possuem normas próprias para reconhecimento de RPPNs pelo órgão ambiental estadual ou municipal. Essa categoria de unidade de conservação tem se mostrado bastante eficaz no cenário das áreas protegidas do Brasil, compondo zonas de amortecimento, formando corredores de biodiversidade, protegendo parcelas significativas dos diferentes ecossistemas do país e prestando os mais diversos serviços ambientais à sociedade brasileira.

Essas unidades são criadas por iniciativa do proprietário da área, responsável por sua gestão e controle, tendo como objetivo conservar a diversidade biológica da área. São gravadas com perpetuidade, na matrícula do imóvel, sendo que o proprietário não perde sua titularidade.

A Lei nº 9.985/2000 permite que dentro de uma RPPN sejam desenvolvidas atividades voltadas a pesquisas científicas e visitação com objetivos turísticos, recreativos e educacionais, conforme previstos em seu plano de manejo. Atualmente, várias RPPNs desenvolvem atividades voltadas ao ecoturismo como forma de sustentabilidade financeira.

A propriedade, ou parte dela, reconhecida como RPPN, recebe como benefício a isenção do Imposto sobre a Propriedade Territorial Rural (ITR) referente à área criada

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

como RPPN; prioridade na análise dos projetos pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA/MMA); preferência na análise de pedidos de concessão de crédito agrícola, junto às instituições oficiais de crédito, para projetos a serem implementados em propriedades que contiverem RPPN em seu perímetro; possibilidades de cooperação com entidades privadas e públicas na proteção, gestão e manejo da Unidade. Além disso, pode ser uma unidade de conservação beneficiada por meio de recursos oriundos de compensação ambiental e através de pagamento por serviços ambientais e pelo ICMS Ecológico, dependendo se o Governo Estadual tiver essa política pública instituída e implantada em seu território.



O Brasil possui cerca de 1.700 RPPNs, protegendo aproximadamente 780 mil hectares (CNRPPN/2022), criadas tanto pelo Governo Federal como pelos Estados e Municípios que possuem legislação específica para criação de RPPNs.

Várias RPPNs no Brasil desenvolvem atividades voltadas ao ecoturismo, sendo que uma das atrações dessas reservas são as trilhas oferecidas aos visitantes, como é o caso da RPPN Pedra da Mina, localizada no município de Queluz, São Paulo, que hospeda um dos trechos mais icônicos da Trilha Transmantiqueira, em sua parte alta, no cume e base da Pedra da Mina, na Serra Fina, ponto culminante da Serra da Mantiqueira e quarto maior pico do Brasil. Segundo a matéria publicada pelo O Eco (Outubro/2020), cerca de 26 RPPNs estão conectadas por trilhas de longo curso já implementadas ou ainda em fase de planejamento.

As RPPN são perfeitamente compatíveis com os objetivos da RedeTrilhas, pois são unidades de conservação que conectam outras áreas, sendo que a área definida no caminho será conservada em carácter perpétuo, sendo isso uma das principais razões para que o traçado das trilhas passe por essas áreas. Por outro lado, os proprietários de RPPNs poderão

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

estabelecer parcerias com a rede, buscando atrair novos visitantes para sua área, ou até mesmo organizar o fluxo dos trilheiros, uma vez que grande parte dessas áreas já são caminhos de trilhas. Além disso, os guias e os visitantes podem auxiliar na fiscalização dessas áreas, comunicando ao proprietário e às autoridades pertinentes qualquer indício de infração ambiental na reserva.

Embora ainda não exista nenhuma RPPN com esse formato, nada na Lei impede a criação de uma RPPN linear com o objetivo de proteger uma trilha de longo curso e o corredor natural que a margeia em ambos os lados.

Texto de Luciano de Souza

Boas práticas internacionais e nacionais de governança em trilhas de longo curso

As boas práticas em governança são referências de trilhas já consolidadas que possam trazer contribuições e adaptações reais para as trilhas no Brasil, em prol de um desenvolvimento turístico sustentável. No quadro a seguir é apresentada uma lista de exemplos internacionais, e logo após, os nacionais.

TRILHA	PAÍS	ANO DE CRIAÇÃO	EXTENSÃO (km)	GESTÃO
Appalachian Trail https://appalachiantrail.org/ 	EUA	1968	3.531	-Appalachian Trail Conservancy (Organização sem fins lucrativos) -National Park Service (Serviço Nacional de Parques)
Pacific Crest Trail https://www.pcta.org 	EUA	1968	4.260	- Pacific Crest Trail Association (Associação) - United States Forest Service (Serviço Florestal dos Estados Unidos)
Natchez Trace https://www.nps.gov/natr/index.htm 	EUA	1983	100	- National Park Service (Serviço Nacional de Parques)
New England Trail https://newenglandtrail.org/ 	EUA	2009	350	- Appalachian Mountain Club (Organização não-governamental de caridade) - Connecticut Forest & Park Association (Associação) - National Park Service (Serviço Nacional de Parques)
Rota Vicentina https://rotavicentina.com/ 	Portugal	2012	350	- Rota Vicentina SW (Associação Privada) – reúne uma rede de empresas locais. Estas empresas acreditam nos princípios de sustentabilidade que o projeto tem para a região e o seu investimento divide-se entre o seu próprio negócio e o trabalho conjunto que a Rota Vicentina representa.



36 - Outros exemplos de governança de proprietários de terra podem ser encontrados em: <https://www.fagalavoet.co.za/backpack-trails#>.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Naukluft Trail https://ecotrail.co.za/pages/trails/24-naukluft-hiking-trail	Namibia		120	- Eco Trails SA (empresa privada) – faz a gestão, agendamento e opera a trilha de longo curso que está localizada integralmente em áreas privadas.
---	---------	--	-----	--

Quadro 14: Exemplos de boas práticas internacionais de governança de trilhas de longo curso

Fonte: Elaboração própria a partir das fontes sinalizadas na coluna “Trilha”.

Conhecer as boas práticas em governança de trilhas já existentes no Brasil é importante como inspiração e referência para as novas trilhas de longo curso que estão em processo de desenvolvimento no país.

TRILHA	CARACTERÍSTICAS
Trilha Transmantiqueira http://www.trilhatransmantiqueira.com.br/w3/ 	É simbólica por se tratar de uma trilha de longo curso nacional, situada na Serra da Mantiqueira, possuindo 1.200 km de extensão, perpassando mais de 30 Unidades de Conservação e abrangendo 40 municípios, distribuídos em 3 estados. Um contexto nítido de diversidade ambiental, cultural e histórica, evidenciando um desafio enorme na gestão e manutenção de um percurso que envolve numerosas territorialidades. Para tanto, foi construída uma Instância de Governança amparada no modelo de associação, denominada Associação Trilha Transmantiqueira, que assume as atribuições necessárias para uma Coordenação-Geral para a articulação entre os atores envolvidos no percurso. Dessa maneira, criam-se, localmente e regionalmente, coordenações para assumir a gestão nas suas respectivas escalas. De tal modo, trabalha-se com uma rede de articulações entre os distintos territórios compreendidos pela Trilha Transmantiqueira, promovendo ações de mobilização, manutenção e fiscalização de acordo com o contexto geográfico político e administrativo de cada localidade.
Trilha Transcarioca http://trilhatranscarioca.com.br/ 	É um exemplo emblemático na gestão de TLCs envolvendo um mosaico de Unidades de Conservação. A gestão da trilha acontece por meio de uma associação denominada Movimento Trilha Transcarioca (MTT), em parceria, no contexto governamental, com o Mosaico Carioca de Áreas Protegidas, um conselho composto por representantes do governo e da sociedade civil, que por decreto municipal é responsável pela Trilha Transcarioca. Cria-se, portanto, um espaço de gestão compartilhada poder público/voluntariado, constituído por interesses mútuos na implementação de políticas que viabilizam e impulsionam o aumento da visitação com impacto reduzido; fiscalização do percurso; manejo e sinalização integrada; reflorestamento e recuperação de áreas degradadas; programas integrados de voluntariado; união da sociedade civil; e, geração de emprego e renda.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Caminho da Fé

<https://caminhodafe.com.br/ptbr/>



Trata-se de um conjunto de rotas autoguiadas e sinalizadas que perfazem 2.500 km de trilha, interligando os estados de Minas Gerais e São Paulo, conectando 12 Unidades de Conservação e 72 municípios. A Instância de Governança é constituída pela Associação dos Amigos do Caminho da Fé, composta pelos municípios por onde a trilha passa. A Associação, amparada por leis municipais, é responsável pela estruturação, funcionamento e operação do percurso, pelo custeio de uma Secretaria Executiva e respectiva estrutura para fazer gestão institucional e pelo planejamento das estratégias de promoção, captação de recursos e manutenção da trilha.

Quadro 15: Exemplos de boas práticas nacionais de governança de trilhas de longo curso

Fonte: Elaboração própria a partir das fontes sinalizadas na coluna "Trilha".

Criando o núcleo decisório para a sua trilha – Roteiro de ações

O núcleo decisório da sua trilha pode variar de acordo com a vocação e propósito da trilha, a sua extensão/complexidade, o número de instituições/atores envolvidos e o conjunto de atividades/temas desenvolvidos, entre outros fatores.

Um modelo de composição de pastas e cadeiras, considerando uma trilha regional, seria:

- **Presidente ou Coordenador-Geral ou Coordenador Temático**, responsável pela articulação geral da trilha, uma pessoa que “fala em nome da trilha” interagindo com todas as instâncias de governança e público em geral, deve presidir a Assembleia Geral, caso exista.
- **Secretário Executivo**, faz a ponte entre a parte administrativa e executiva da trilha, elaborando e organizando reuniões, mantendo a organização da documentação; auxilia na organização de eventos da trilha, participação em feiras, congressos etc.
- **Conselho Deliberativo**, orienta e assessora decisões ligadas à gestão da trilha, composto por atores ligados a órgãos públicos das instâncias municipais, estaduais e federais, atores da iniciativa privada, coletivos e sociedade civil organizada, como ONGs, pesquisadores, proprietários de terras e outros que **não** irão desempenhar funções executivas.
- **Coordenador Técnico**, direciona todas as decisões técnicas, entre elas as ligadas a sinalização e manejo da trilha.
- **Coordenador de Comunicação**, organiza, define estratégias e coordena a comunicação e divulgação da trilha, busca contatos e parcerias para o desenvolvimento da trilha, organiza eventos próprios e participações em feiras, congressos etc.
- **Coordenador Administrativo-Financeiro**, coordena a captação e gestão dos recursos financeiros da trilha.
- **Coordenador de Empreendedorismo**, define estratégias, relacionamento e fomento a empreendedores ligados à rede de apoio da trilha.
- **Coordenador de meio ambiente e pesquisa**, organiza ações ligadas a aspectos ambientais da operação da trilha junto a órgãos ambientais e unidades de conservação, faz o relacionamento com instituições de pesquisa parceiras da trilha.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

- **Coordenador de Voluntariado**, atua junto aos coordenadores locais e corpo de voluntários, organizando a dinâmica contínua de voluntariado, de acordo com os objetivos da trilha.
- **Coordenadores Regionais**, associados a cada região que compõe a trilha, no caso de trilhas extensas, passando por diferentes regiões.
- **Coordenadores Locais**, organizam outros colaboradores locais em funções executivas, tais como implementação, monitoramento e manutenção da trilha, articulação com atores locais, envolvimento e gestão de voluntários locais.

Entre estas cadeiras/funções exemplificadas, são essenciais, para uma trilha que está começando a sua implementação, pelo menos os seguintes cargos: **coordenador-geral**, **coordenador de comunicação**, **coordenador administrativo-financeiro** e um **coordenador técnico** direcionado a atividades de implementação de traçado, sinalização e manejo.

Naturalmente, com o desenvolvimento da estrutura de governança da sua trilha, existirão demandas como a formação de uma associação própria da trilha, com estabelecimento de CNPJ próprio e, nos casos das trilhas maiores e mais bem estruturadas, desempenho de funções/cadeiras por profissionais pagos. Esta realidade já é visível em algumas trilhas de longo curso no Brasil, como o Caminho da Fé, com a gestão pela Associação Caminho da Fé, e na Trilha Transmantiqueira, gerida pela Associação Trilha Transmantiqueira (ATT). Ter um CNPJ próprio vem, naturalmente, com muitos gastos e trabalho associado, mas possibilita que a trilha receba doações e patrocínio, participe como instituição em conselhos consultivos de UCs, registre e comercialize produtos com a marca da trilha, assine convênios e participe de editais. Em algumas trilhas mais estruturadas, os fundos para a manutenção financeira da estrutura de governança vêm exatamente desta estrutura de captação e destinação de fundos permitida pela pessoa jurídica.

Muitas trilhas, em sua fase inicial, conseguem, por exemplo, captar recursos para atividades como sinalização e capacitação de voluntários, mas não possuem pessoa jurídica instituída para receber doações ou patrocínios. Nesses casos, o caráter horizontal da RedeTrilhas ajuda muito, pois existem numerosas possibilidades de convênios. Nesse caso, vale conversar com a Associação Rede Brasileira de Trilhas, com as trilhas vizinhas à sua e/ou com outras instâncias de governança.

O número de cadeiras e temas de uma estrutura de governança varia de acordo com a extensão e abrangência territorial da trilha. Por exemplo, uma trilha regional, com centenas de quilômetros, é idealmente dividida em diferentes trechos, como ilustrado no Passo 2, deste Manual – Exemplo de diagrama de divisão da trilha em trechos. A sua estrutura de governança deve corresponder a esta complexidade e hierarquia. Já em se tratando de uma trilha local, contida em um só município, a estrutura de governança será, naturalmente, mais simplificada.

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

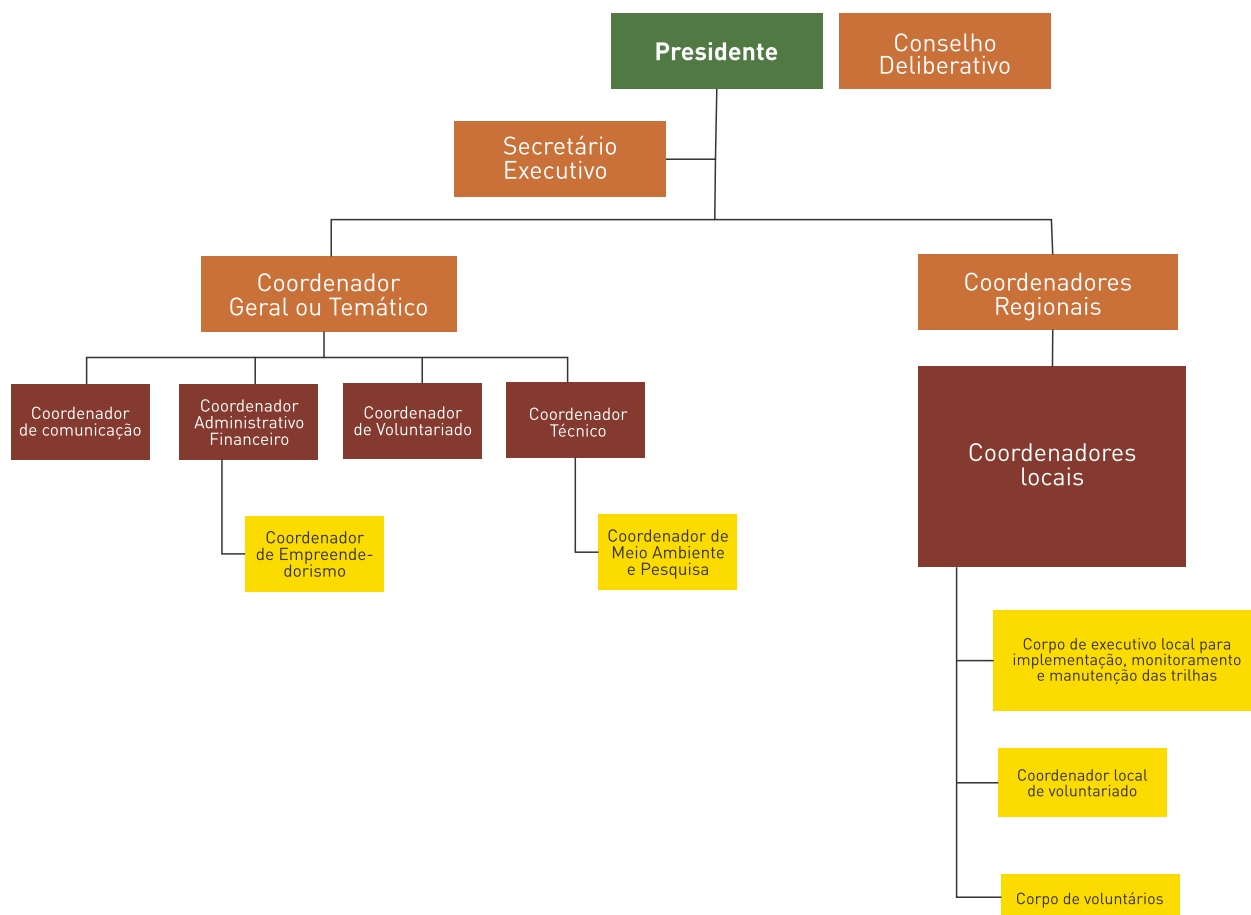


Figura 38: Diagrama modelo de estruturação de governança, aplicável a uma trilha regional

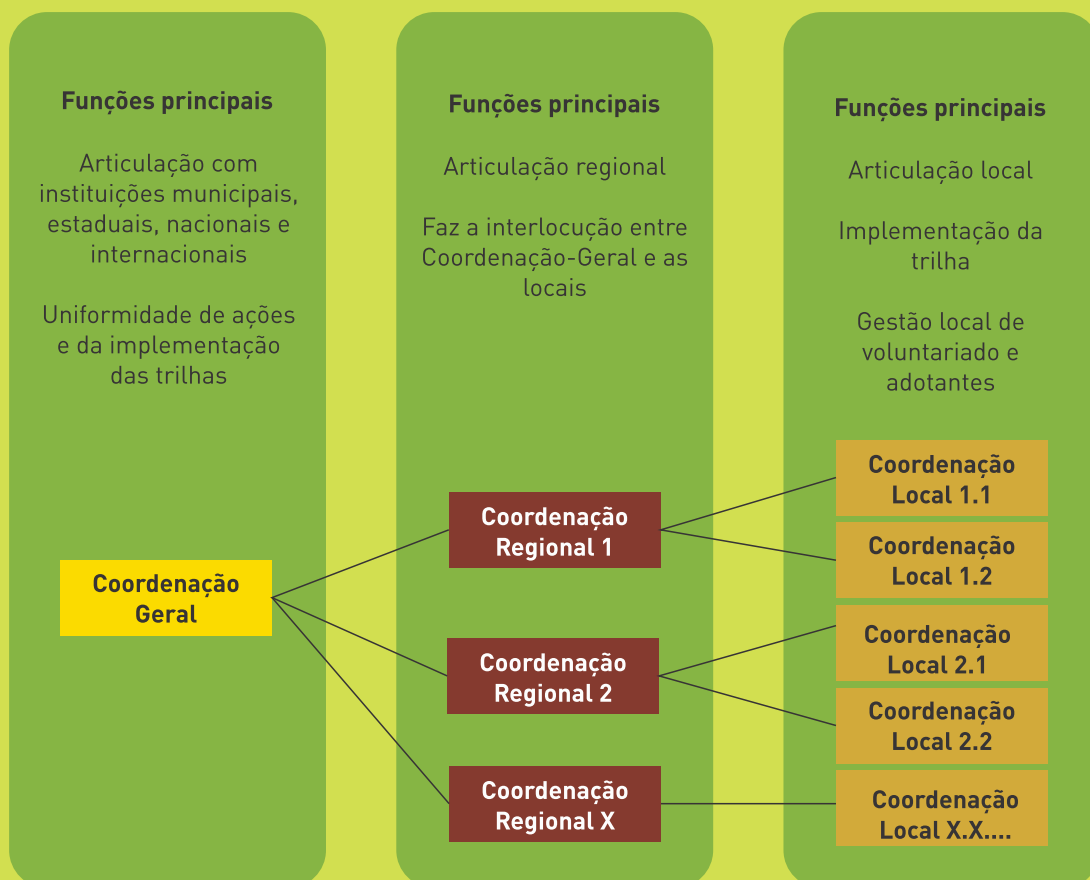
Fonte: Elaboração própria.

Com base no funcionamento de outros núcleos decisórios ligados à gestão de trilhas, a periodicidade de reuniões ordinárias deve ser mensal, lembrando que, com os recursos digitais já citados, os membros estarão em contato constante, através de grupos temáticos específicos. Em caso de formação de uma Assembleia Geral, a periodicidade de reuniões geralmente adotada é anual. A seguir, apresentamos exemplos reais, de quadros de governança associados a trilhas de longo curso brasileiras, ilustrando algumas destas opções:

Trilha Transmantequeira

A Trilha Transmantequeira (TMTQ) é uma Trilha de Longo Curso que atravessa a Serra da Mantiqueira no sentido oeste-leste, com um percurso que ultrapassa 1.200 km de extensão, cruzando mais de 40 municípios dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro e promovendo a integração de mais de 30 Unidades de Conservação. É gerida pela Associação da Trilha Transmantequeira (ATT), com a seguinte estrutura geral de governança:

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS



Composição de cargos:

- Governança-geral: coord. geral, coord. de voluntariado, coord. de manejo e sinalização, coord. de turismo, coord. de meio ambiente e coord. de comunicação (part-time); coord. de geoprocessamento (part-time) e coord. de administração do site (part-time);
- Governança regional: 5 coord. regionais (part-time) – fomentam a implantação da trilha regionalmente;
- Governança local: 11 coord. institucionais; 11 técnicos; 5 de comunicação (part-time); Com a consolidação do projeto, algumas pessoas da equipe de governança-geral, que atualmente trabalham part-time, poderão passar a trabalhar em tempo integral, e os coordenadores regionais passarão a ser 7 pessoas representando todas as regiões de abrangência do projeto e também poderão a trabalhar em tempo integral.
- 672 Voluntários:

Fixos Por Setor: Cantareira: 32; Serras Verdes: 91; Campos do Jordão: 33; Altos da Mantiqueira: 46; Agulhas Negras: 83; Papagaio Ibitipoca: 63; e Inconfidentes: 17. Total de 397

Voluntários sazonais: 275

Para saber mais: <http://trilhatransmantiqueira.com.br/w3/>

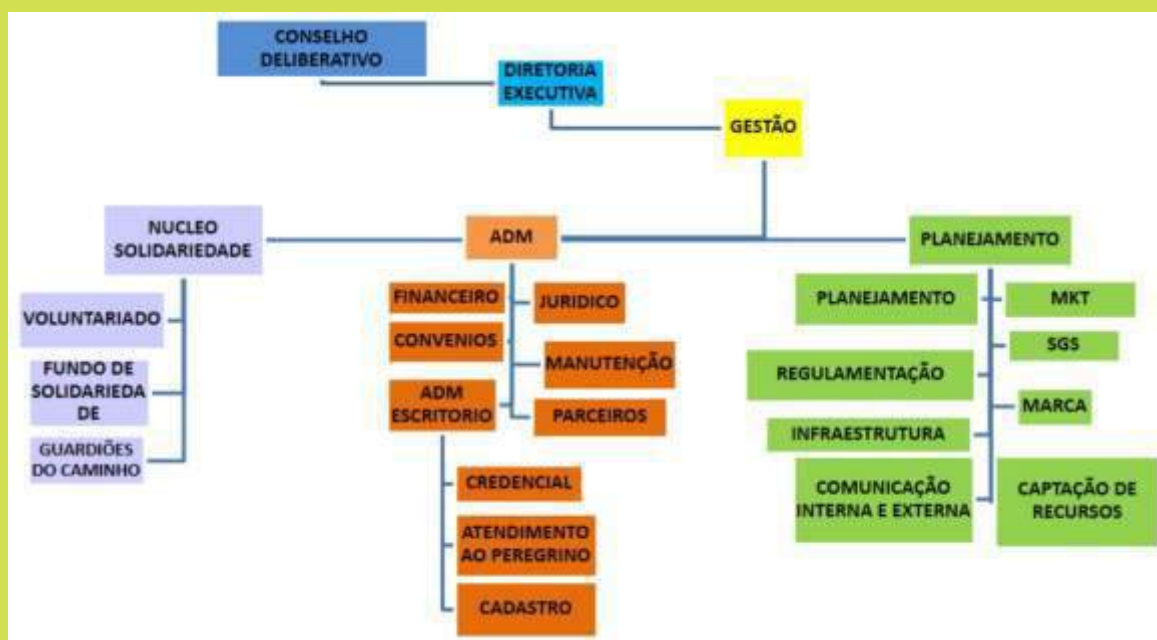


COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Caminho da Fé

O Caminho da Fé (Brasil), inspirado no milenar Caminho de Santiago de Compostela, foi idealizado e desenvolvido para dar estrutura às pessoas que sempre fizeram peregrinação ao Santuário Nacional de Aparecida, oferecendo-lhes os necessários pontos de apoio, infraestrutura e, principalmente, informações. O Caminho é composto por mais de 2500 km, dos quais aproximadamente 400 km atravessam montanhas da Mantiqueira por estradas vicinais, trilhas, bosques e asfalto. Com belas paisagens e comunidades acolhedoras, o Caminho proporciona momentos de reflexão e fé, saúde física e psicológica e integração do homem com a natureza.

A trilha é gerida pela Associação Caminho da Fé, com a seguinte estrutura de governança:



Objetivo Geral da Associação

Implantar o projeto de desenvolvimento estratégico do Caminho da Fé a fim de sistematizar a gestão da Instituição, fomentar o caminho como rota de peregrinação nacional, aumentar o fluxo de peregrinos nas localidades por onde a trilha passa, incentivando o crescimento da economia e promovendo o desenvolvimento humano das pessoas envolvidas.

Objetivos Específicos

1. Sistematizar, através de ferramentas de base tecnológica, relatórios e estratégias gerenciais, o sistema de gestão da Instituição;
2. Organizar e otimizar o trabalho operacional da Instituição;
3. Consolidar a Marca do Caminho da Fé, fomentando como rota de peregrinação internacional;
4. Criar estratégias para aumentar o fluxo de peregrinos ao longo do Caminho;
5. Incentivar ações que promovam os ramais da Rota.

Para saber mais: <https://caminhodafe.com.br/ptbr/>



COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

Trilha Transcarioca

A governança do Movimento Trilha Transcarioca (MTT) contempla tanto as duas dezenas de adotantes e centenas de voluntários que asseguram, no campo, a manutenção da trilha e sua sinalização, quanto uma institucionalidade, que lhe dá formalidade para representar formalmente os membros e instituições que compõem o movimento. Com esta combinação, temos as seguintes instâncias:

PLENÁRIA

Integrada por todos os adotantes, voluntários e associados ao MTT. É a principal instância de mobilização do movimento. É também responsável por indicar uma parte dos membros do Conselho Deliberativo.

ASSEMBLEIA GERAL

É composta por todos associados, que se reúnem anualmente. Os membros da Assembleia e da Plenária elegem os integrantes do Conselho Deliberativo, que é responsável por dar a orientação estratégica do MTT.

Plenária

- adotantes
- voluntários
- associados ao MTT

Assembleia Geral (reune-se anualmente)
- composta por todos os associados do MTT

Conselho Deliberativo
(eleito pela Assembleia e Plenária)

Comissão Executiva

Coordenação-Geral
Coordenação de
Administração e Finanças
Coordenação de
Segurança
Coordenação de
Comunicação Social
Coordenação de Manejo
Coordenação de
Sinalização
Coordenação de
Desenvolvimento e
Parcerias
Coordenação de
Empreendedorismo
Coordenação Jurídica

COMO TRANSFORMAR TRILHAS DE LONGO CURSO EM PRODUTOS TURÍSTICOS

A interlocução com as Unidades de Conservação, com a Prefeitura do Rio de Janeiro, com o Instituto Estadual do Ambiente (INEA), com o ICMBio e com a Associação Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso é feita nesse nível. A Comissão Executiva se reúne regularmente a cada dois meses, e extraordinariamente sempre que necessário.

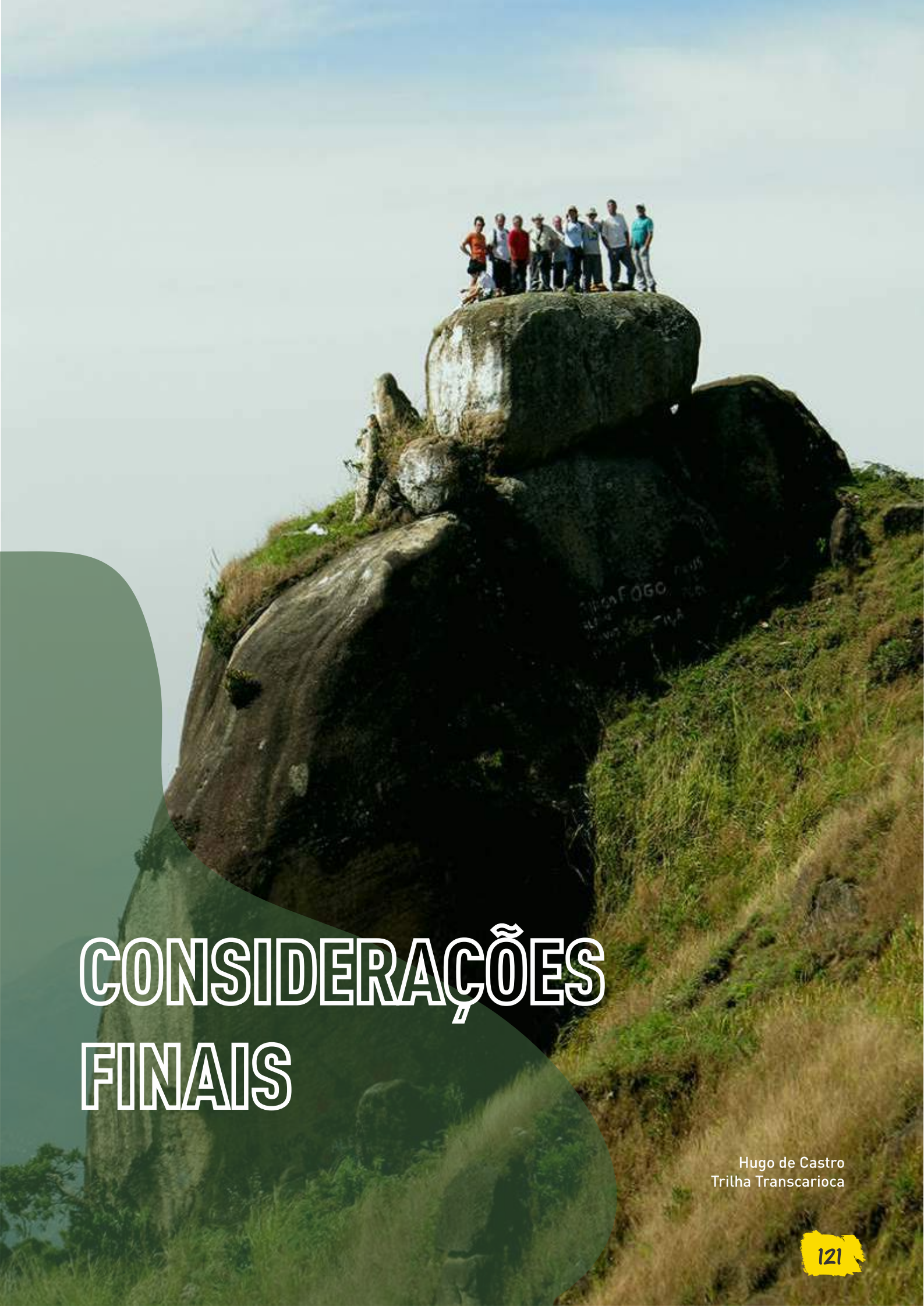
A Trilha Transcarioca é dividida em trechos. Cada trecho tem um adotante, que é o responsável pela manutenção da sua sinalização e manejo. O adotante pode ser uma empresa ou um voluntário ou grupo de voluntários, a exemplo do Centro Excursionista Brasileiro e da Associação Carioca de Turismo de Aventura, que adotam, respectivamente, dois trechos e um trecho. Decisões sobre manejo e sinalização são tomadas em conjunto por adotantes e a Comissão Executiva do MTT.

No plano governamental, a Trilha Transcarioca foi reconhecida pelo Decreto Municipal 43.272, de 6 de junho de 2017, que determina que “caberá ao Mosaico Carioca de Áreas Protegidas a discussão e proposição dos instrumentos de planejamento, gestão e monitoramento da Trilha Transcarioca, inclusive dos trechos não incluídos em Unidades de Conservação, sem prejuízo de outros órgãos com competências afetas ao tema”.

Assim, o Mosaico Carioca é responsável pela articulação e coordenação entre os órgãos de governo, sobretudo ICMBio, INEA e Prefeitura, que gerem as unidades de conservação conectadas pela Trilha Transcarioca, buscando a harmonização e padronização de normas, planos de manejo e procedimentos, bem como a integração de ações estruturantes e de fortalecimento das capacidades da Trilha Transcarioca.

Para saber mais: <https://trilhatranscarioca.com.br/>





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hugo de Castro
Trilha Transcarioca

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso deste Manual caminhamos por todos os aspectos que envolvem o processo de estruturação e promoção turística de uma trilha no contexto da Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade - RedeTrilhas. Partindo da definição da vocação e propósito da trilha, identificação de atores e parceiros, mapeamento do território, definição de modais, passando pelo traçado, manejo, estruturação do produto turístico, comunicação e chegando à consolidação da governança, percorremos um extenso e empolgante caminho.

Criar uma trilha dentro de uma rede de trilhas é uma tarefa progressiva e contínua. Na verdade, vimos que a conectividade não é somente física, através dos leitos das trilhas, mas é, antes de tudo, uma conexão entre pessoas e instituições com um mesmo propósito. Ser parte deste esforço conjunto é viver as trilhas de longo curso. É contribuir para o uso destes caminhos que são uma ferramenta do Sistema Nacional de Unidades de Conservação ao mesmo tempo em que promovem a saúde, a recreação, o empreendedorismo, a valorização cultural e o turismo de natureza.

Você é o protagonista desta história, eternamente em construção!

REFERÊNCIAS

As referências utilizadas no Manual são apresentadas, a seguir, por ordem em que aparecem no documento.

- Continental Divide National Scenic Trail (CDT). History Of The CDT. <https://continentaldividetrail.org/history-of-the-cdt/>
- National Park Foundation. Appalachian National Scenic Trail. <https://www.nationalparks.org/connect/explore-parks/appalachian-national-scenic-trail>
- Fédération Française de la Randonnée Pedestre. <https://www.ffrandonnee.fr/la-federation/qui-sommes-nous/notre-histoire>
- European Ramblers' Association (ERA). History. <http://www.era-ewv-ferp.com/era/history/>
- European Ramblers' Association (ERA). The European paths – the E-paths. <https://www.era-ewv-ferp.org/e-paths/>
- [O]eco. DUDA MENEGASSI, 21 de setembro de 2022. Caminho de Cora, rota pela poesia e pelos contrastes de Goiás. <https://oeco.org.br/reportagens/caminho-de-cora-rota-pela-poesia-e-pelos-contrastes-de-goias/>
- Portaria Conjunta MMA/MTur/ICMBio nº 407, de 19 de outubro de 2018. <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/atos-normativos-2/2018/portaria-conjunta-no-407-de-19-de-outubro-de-2018>
- Portaria Conjunta MMA/MTur/ICMBio nº 500, de 15 de setembro de 2020. <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/atos-normativos-2/2020/portaria-conjunta-no-500-de-15-de-setembro-de-2020>
- Ministério do Meio Ambiente (MMA); Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, 2019. Manual de Sinalização de Trilhas. 2ª edição. Brasília – DF. MMA, 2019. https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/Uso-publico/manual_de_sinalizacao_de_trilhas_sinalizacao_rustica.pdf
- National Park Service. National Trails System Act Legislation. <https://www.nps.gov/subjects/nationaltrailssystem/national-trails-system-act-legislation.htm#:~:text=The%20National%20Trails%20System%20Act,while%20encouraging%20greater%20public%20access>
- CECAV/ ICMBio/ MMA. <https://www.icmbio.gov.br/cecav/>
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). <http://portal.iphan.gov.br/>
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 2021. Guia brasileiro de sinalização turística. 2ª Edição, Brasília, Iphan, 2021. Organização: Marcelo Brito e Sérgio Paz Magalhães. http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/guia_brasileiro_sinalizacao_turistica_2aed.pdf
- Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente, Fundação Florestal, São Paulo, 2009. Manual de Construção e Manutenção de Trilhas. Organizadores: Luiz Roberto Camargo Numa de Oliveira, Maria Isabel Amando de Barros e Viviane Coelho Buchianeri. <http://arquivos.ambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/2017/10/ManualdasTrilhasfinal07-09.pdf>
- Leave No Trace. The 7 Principles. <https://lnt.org/why/7-principles/>

REFERÊNCIAS

- Ministério do Meio Ambiente (MMA); Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, 2020. Fundamentos do Planejamento de Trilhas. Paulo Eduardo Pereira Faria, Carolina Pötter de Castro, Fabio França Silva Araujo e Pedro de Castro da Cunha e Menezes. Brasília: ICMBio, 2020. https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/fundamentos_do_planejamento_de_trilhas.pdf
- Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro - FEMERJ, 2018. Boas práticas para sinalização em trilhas. http://www.femerj.org/wp-content/uploads/FEMERJ-MAN-2018-01-Boas_Pra_ticas-_Sinalizacao_em-Trilhas.pdf
- Federação de Esportes de Montanha do Estado do Rio de Janeiro - FEMERJ, 2013. Manejo da visitação em áreas naturais. <http://www.femerj.org/wp-content/uploads/FEMERJ-MAN-2013-01.pdf>
Rede Brasileira de Trilhas. Sinalização rústica: Como usar as pegadas amarelas e pretas para sinalizar as Trilhas Brasileiras. https://www.youtube.com/watch?v=N3el4u_BBsl
- Parque da Tijuca. Tutorial Mutirão Trancarioca. <https://www.youtube.com/watch?v=kWlIt-9PhxM&t=55s>
- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, 2011. Roteiro Metodológico para - Manejo de Impactos da Visitação: com Enfoque na Experiência do Visitante e na Proteção dos - Recursos Naturais e Culturais. https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/roteiros/_Roteiro_Impactos_de_Visitacao_WEB.pdf
- Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura – ABETA. Manuais de Boas Práticas. <https://abeta.tur.br/download-category/manuais-de-boas-praticas/>
- Federación Española de Deportes de Montaña y Escalada (FEDME). Senderismo y sociedad. <https://misendafedme.es/senderismo-y-sociedad/>
- Outdoor Fitness Society. 20 Surprising Stats about Hiking in the USA. May 12, 2022. Signe Heyerdahl. <https://outdoorfitnesssociety.com/adventure/surprising-stats-about-hiking-in-the-usa/#:~:text=2.-,About%20Three%20Quarters%20of%20Americans%20Hike%20on%20a%20Trail,multiple%20times%20in%20a%20year>
- Jersey Island Holidays. Chapter Four: HIKING DEMOGRAPHICS. What Are The Demographics Of Who Goes Hiking? <https://www.jerseyislandholidays.com/50-hiking-statistics/#chapter-4>
- Bibbulmun Track Foundation, 2017. 2017 VISION WORKSHOP FULL REPORT. https://www.bibbulmuntrack.org.au/media/files/user_survey_results/files/BTF_Vision_Workshop_2017_-_Full_Report.pdf
- Murdoch University, 2015. Bibbulmun Track User Survey Report 2014-15. A report for the Bibbulmun Track Foundation and Department of Parks and Wildlife, Western Australia. By Dr Michael Hughes – Murdoch University; Dr Amanda Smith - Department of Parks and Wildlife; Mr Michael Tuffin - Department of Parks and Wildlife. https://www.bibbulmuntrack.org.au/media/_files/user_survey_results/_Bibbulmun_Track_User_Survey_Report_2014-15.pdf
- CENSE – Center for Environmental and Sustainability Research da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, 2018. RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA UTILIZAÇÃO E IMPACTO SOCIO ECONÓMICO DA ROTA VICENTINA CENSE - JULHO 2018. <https://rotavicentina.com/wp-content/uploads/2019/09/estudo-a-rotav-icentina.pdf>
- Ministerio de Turismo; Subsecretaría de Desarrollo Turístico, 2010. Manual de Producto: SENDEROS DE ARGENTINA - HUELLA ANDINA - Setiembre 2010. <https://documents.ec/document/manual-de-producto-de-senderos-de-argentina-huella-andina-5-1-introduccion.html?page=1>

REFERÊNCIAS

- Ministério do Turismo (MTur), 2010. Departamento de Qualificação e Certificação e de Produção Associada ao Turismo – DCPAT; Coordenação-Geral de Produção Associada ao Turismo – CGPA. Atuação do Ministério do Turismo na Produção Associada ao Turismo. http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Atuaxo_do_MTur_na_Produso_Associada_ao_Turismo_09.12.10.pdf
- Prefeitura de Araruna, 2018. Postado em: 26/04/2018 00:12. Atualizado em 13/05/2018 20:45. Araruna mapeia novos roteiros de aventura. <https://www.araruna.pb.gov.br/noticias/araruna-mapeia-novos-roteiros-de-aventura.html>
- Associação Rede Brasileira de Trilhas. Caminho de Cora Coralina. <http://www.redetrilhas.org.br/w3/index.php/as-trilhas/trilha-regional/cora-coralina>
- Ministério do Turismo (MTur), s/d. Marketing de destinos turísticos. https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/planos-de-marketing-turistico/marketing_destinos_turisticos.pdf
- CASTRO, Ivan Nunes, 2020. O Marketing boca a boca ainda funciona? Blog do Peçanha. Rock Content. 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/marketing-boca-a-boca/>
- Fagala Voet. Backpack Trails. <https://www.fagalavoet.co.za/backpack-trails#>



Rede Nacional de Trilhas de Longo Curso e Conectividade

EM COOPERAÇÃO



unesco



MINISTÉRIO DO
TURISMO

MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



EMBRATUR
AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO
INTERNACIONAL DO TURISMO



plantuc
PROJETOS SOCIOAMBIENTAIS



Luciana Alt e Vítor Moura

Trilhas na Fazenda Gruta do Baú, Pedro Leopoldo - MG